



Carolina Mendes Campos Oliveira Mattos

**Extimidade virtual na conjugalidade: um
estudo sartriano sobre a nova
perspectiva da intimidade**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-
graduação em Psicologia Clínica do Departamento de
Psicologia da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Rio de Janeiro

Março de 2015



Carolina Mendes Campos Oliveira Mattos

**Extimidade virtual na conjugalidade: um
estudo sartriano sobre a nova
perspectiva da intimidade**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Orientadora

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Andrea Seixas Magalhães

Departamento de Psicologia - PUC-Rio

Profa. Celia Regina Henriques

CCE/PUC-Rio

Profa. Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo

Instituto de Psicologia - UERJ

Prof. Fernando José Gastal de Castro

Instituto de Psicologia - UFRJ

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisa do Centro de Teologia
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 06 de março de 2015.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

Carolina Mendes Campos Oliveira Mattos

Graduou-se em Psicologia em 2002, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Concluiu seu mestrado em Psicologia Clínica, em 2005, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Atualmente, atua como psicóloga clínica, em consultório particular, na abordagem existencial sartreana.

Ficha Catalográfica

Mattos, Carolina Mendes Campos Oliveira

Extimidade virtual na conjugalidade: um estudo sartriano sobre a nova perspectiva da intimidade / Carolina Mendes Campos Oliveira Mattos; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – 2015.

187 f. ; 30 cm

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2015.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Intimidade. 3. Extimidade virtual. 4. Conjugalidade. 5. Sartre. I. Féres-Carneiro, Terezinha. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD: 150

Para Miguel, com amor.

Agradecimentos

À minha querida orientadora Terezinha Féres-Carneiro pela oportunidade, pela confiança e pelo carinho de sempre.

Ao CNPq e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, os quais foram fundamentais para a concretização deste trabalho.

À professora Andrea Seixas Magalhães, pelas ótimas contribuições em minha qualificação e pelo cuidado dedicado aos alunos em seu período de coordenação na Pós.

À professora Ana Maria Feijoo, igualmente, pelas ótimas contribuições em minha qualificação, bem como pelas fundamentais aulas sobre Método Fenomenológico ministradas na UERJ, que tive o privilégio de acompanhar.

Ao estimado professor e amigo Fernando Gastal de Castro, pela constante disponibilidade de diálogo.

À amiga Fernanda Alt, pelos muitos anos de estudos compartilhados e pelas muitas descobertas e aprendizados. O meu muito obrigada, sempre.

Aos amigos Monica Alvim e João Batista, por tantas inspirações e por todo o apoio.

À amiga Debora Gill, um agradecimento especial, pela dedicação em me escutar, por sempre estar aberta ao diálogo, pelo carinho com que leu meu texto e pelas inestimáveis contribuições neste difícil e decisivo último ano de tese. Muito obrigada.

À amiga Lucrecia Corbella pela dedicação com que cuidou de mim, mês a mês, semana a semana, através de carinhosos telefonemas e e-mails de dicas e estímulos.

Ao professor e querido amigo André Barata pela disponibilidade de diálogo que em muito contribuiu para o delineamento dos caminhos deste trabalho.

Ao meu analista Ary Band, pelas dicas, pelas sugestões de leitura e por cuidar da minha ansiedade com tanta delicadeza.

À minha amada família, em especial, Thiago, Gabriela, Joan e Lucimar, por toda paciência, por todo o amor e pelo sacrifício de muitos finais de semana. Muito obrigada pela torcida e compreensão.

Aos participantes desta pesquisa, pela grande inspiração e por dividirem comigo um pouquinho de suas êxtimas e íntimas vivências.

Aos muitos e muitos que ao longo deste percurso me estimularam com exemplos, casos, links de reportagens, recortes de jornal, de revista, um incrível manancial construído com a ajuda de muitas mãos, investidas em me ajudar a compreender este novo fenômeno de nosso tempo.

Resumo

Mattos, Carolina Mendes Campos Oliveira; Féres-Carneiro, Terezinha (Orientadora). **Extimidade virtual na conjugalidade: um estudo sartriano sobre a nova perspectiva da intimidade**. Rio de Janeiro, 2015. 187p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente trabalho tem como objetivo investigar as possíveis repercussões da extimidade virtual na vivência da conjugalidade de nossos dias. A noção de extimidade virtual foi construída para designar uma nova perspectiva da intimidade observada no espaço da rede. Antes do *boom* da internet, a intimidade mantinha um forte vínculo com a ideia de privacidade. Contudo, é notória a transformação da intimidade hoje, justamente, no que concerne à sua ligação com o espaço virtual, já que as informações compartilhadas alcançam uma visibilidade nunca antes imaginada. Buscamos compreender as possíveis repercussões que esse novo fenômeno está produzindo na vivência da conjugalidade, uma vez que os olhares parecem estar, cada vez mais, magnetizados pelas relações com os inúmeros outros virtuais. Jean-Paul Sartre é tomado como interlocutor privilegiado para abordar o tema da relação com o outro. Além disso, seu pensamento serve de inspiração fundamental para a escolha dos passos metodológicos deste trabalho, uma vez que sua discussão vai além de um caminho a ser seguido, mas, sobretudo, ensina um modo dinâmico de olhar para o homem, mantendo constantemente o foco na tensão originária que articula homem-mundo, ou, ainda, indivíduo-história. Exploramos a literatura sobre o tema da intimidade e de sua nova faceta, a extimidade virtual, a fim de reconstruirmos a atmosfera que compõe a perspectiva sócio-histórica a partir da qual o homem se escolhe. Na sequência, retomamos os mesmos temas através de novas luzes, procurando articular, com base na ontologia de “O Ser e o Nada”, uma compreensão existencial da extimidade virtual e da intimidade. Realizamos, também, seis entrevistas com pessoas casadas e usuárias da rede social Facebook, a fim de darmos voz àqueles que fazem com que este novo fenômeno na rede seja possível. A discussão das entrevistas redonda nas unificações sintéticas, ou seja, sínteses em movimento intuídas por meio das diferentes modulações propostas pelo método sartriano. Os entrevistados forneceram testemunhos bastante encarnados a respeito das repercussões da extimidade virtual na intimidade e vice e versa, revelando que estamos diante, não de um fenômeno dicotômico que separa o virtual do real, mas, sim, de uma novidade que une e entrelaça os fios da experiência com o outro dentro e fora da rede.

Palavras-chave

Intimidade; extimidade virtual; conjugalidade; Sartre.

Abstract

Mattos, Carolina Mendes Campos Oliveira; Féres-Carneiro, Terezinha (Advisor). **Virtual Extimacy in the conjugality: a sartrean study on the new perspective of intimacy.** Rio de Janeiro, 2015. 187p. Doctorate Thesis – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

This study aims to investigate the possible repercussions of virtual extimacy in the conjugality of our days' experience. The virtual extimacy notion was built to designate a new perspective of the observed intimacy in the network space. Before the *boom* of the Internet, the intimacy had a strong connection with the idea of privacy. However, today the intimacy's transformation is remarkable, precisely, regarding its connection with virtual space, since the shared information reaches a visibility never imagined before. We aim to understand the possible repercussions produced by this new phenomenon in the conjugality experience, once the eye seems to be, more and more, magnetized by the relations with several virtual others. Jean-Paul Sartre is considered a privileged interlocutor to address the other's relation issue. Furthermore, his thought is a fundamental inspiration for the choice of the methodological steps of this work, once his discussion goes further than a step to be followed, but, above all, teaches a dynamic way to observe the man, constantly keeping the focus on the originary tension that articulates man-world, or even individual-history. We explore the literature about the intimacy subject and its new side, the virtual extimacy, to reconstruct the atmosphere that involves the social-historical perspective from which man chooses himself. Then, we resume the same themes through new ways, trying to articulate based on the ontology of *Being and Nothingness*, an existential understanding of virtual extimacy and intimacy. We also conducted six interviews with married people and users of Facebook social network, to give voice to those who make this new phenomenon possible. The interview discussions result in synthetic unifications, that is, synthesis in movement given us by intuitions through different modulations proposed by the sartrean method. The respondents provided embodied testimonials for the virtual extimacy repercussions on intimacy and vice versa, revealing that we are facing, not a dichotomic phenomenon that separates virtual and real, but rather, a novelty that bonds and connects the threaded experience with the other, inside and outside of the network.

Keywords

Intimacy; virtual extimacy; conjugality; Sartre.

Sumário

| | |
|--|-----|
| 1. Introdução | 11 |
| 2. Por uma questão de método | 19 |
| 3. Perspectiva sócio-histórica da intimidade | 27 |
| 3.1 Entre a casa e a rua: reformulando as fronteiras do público e do privado | 27 |
| 3.2 A intimidade e o desabrochar da interioridade | 35 |
| 3.3 Mulher, família e intimidade | 41 |
| 3.4 As transformações da intimidade na conjugalidade | 48 |
| 3.4.1 Amor e sexualidade: o pudor no casamento do século XIX | 49 |
| 3.4.2 Conjugalidade: mudanças e desafios da intimidade | 53 |
| 4. Perspectiva sócio-histórica da extimidade virtual | 59 |
| 4.1 O surgimento da internet e o novo espaço virtual | 59 |
| 4.2 Nos meandros do Facebook | 64 |
| 4.3 A nova perspectiva da intimidade na rede | 68 |
| 4.4 Visibilidade, imagem e vigilância | 73 |
| 4.5 Extimidade virtual | 79 |
| 4.6 Conjugalidade e extimidade virtual | 85 |
| 5. Perspectiva existencial da intimidade e da extimidade virtual | 92 |
| 5.1 Outro, olhar e conflito: o ponto de partida | 93 |
| 5.2 Amor: entre o romantismo e o conflito | 98 |
| 5.2.1 Buscando “lá dentro” o que está “lá fora” | 98 |
| 5.2.2 O esforço contraditório de amar | 101 |
| 5.3 Intimidade: entre a disponibilidade e a vulnerabilidade | 105 |
| 5.4 Extimidade virtual: entre o ver e o ser-visto | 111 |
| 5.5 Fracasso ontológico: entre a intimidade e a extimidade virtual | 117 |
| 6. Pesquisa de Campo | 123 |
| 6.1 Mais uma modulação do método | 123 |
| 6.2 Os Participantes | 124 |
| 6.3 As entrevistas | 125 |
| 7. Discussão das entrevistas | 127 |
| 7.1 Descrevendo a conversa com Ana | 127 |
| 7.2 Descrevendo a conversa com Bruno | 127 |
| 7.3 Descrevendo a conversa com Carla | 133 |
| 7.4 Descrevendo a conversa com Daniel | 136 |
| 7.5 Descrevendo a conversa com Elisa | 139 |
| 7.6 Descrevendo a conversa com Fabio | 141 |
| 7.7 Unificações sintéticas | 144 |
| 7.7.1 Entre o ver e o ser visto | 145 |
| 7.7.2 Entre o expor e o preservar | 150 |
| 7.7.3 Entre a presença e a ausência | 155 |
| 7.7.4 Entre o parceiro e a tela | 160 |
| 7.7.5 Entre os fragmentos êxtimos e os dramas íntimos | 167 |

| | |
|-------------------------------|-----|
| 8. Considerações Finais | 173 |
| 9. Referências Bibliográficas | 178 |
| 10. Anexo | 186 |

Introdução

Em 1989, as telas dos cinemas exibiam o sucesso de bilheteria “De volta para o futuro II”, filme que narra as aventuras do protagonista em uma viagem no tempo. Justamente, o futuro apresentado pela trama é o ano de 2015, ano de defesa da presente tese. Em meio a essa fantástica viagem de ficção científica, o 2015 projetado pelos olhos do diretor é um mundo tecnológico, cheio de hologramas, de serviços eficientes e de carros voadores que cruzam os céus. Hoje, aqui estamos em 2015, sem os almeçados serviços eficientes, sem os carros voadores, padecendo com a ineficácia dos meios de transporte e com o excesso de burocracia que tornam a vida, ainda, lenta.

Entretanto, é inegável que uma importante revolução tecnológica transformou significativamente, de lá para cá, o nosso cotidiano. Desprovida de qualquer efeito hollywoodiano, a revolução que destacamos neste trabalho é discreta, foi se espalhando aos poucos e sorrateiramente se colocou como natural em nossos dias. Aliás, ela não nos levou, como sugeriu o diretor de “De volta para o futuro II”, a olharmos para os céus, impactados com as criações de ponta que nos levariam a voar, a ganhar o espaço ou, até mesmo, o tempo. A nosso ver, a revolução tecnológica mais impactante deste início de século nos levou a olhar para baixo, para uma pequena tela, que a maioria de nós carrega no bolso em pequenos *smartphones*, a partir dos quais nos ligamos à fantástica e rica teia que é a internet.

O que buscamos na tela? Por que ficamos tão seduzidos e olhamos tanto para baixo? Através da internet podemos encontrar informação, pesquisar, comprar, pagar contas, programar viagens, ter entretenimento, tudo isso dispondo da praticidade e da comodidade que acontecem na velocidade de um clique. Contudo, a sedução que nos interessa na presente pesquisa, diz respeito à dimensão relacional que alcançamos a partir da tela, dimensão essa, diretamente ligada, a nosso ver, à crescente expansão das redes sociais de relacionamento que ajuntam, em todo o mundo, milhões e milhões de adeptos.

As redes sociais são espaços virtuais de comunicação e de troca entre pessoas, onde muitos contatos são resgatados, relacionamentos a distância são cultivados e outros tantos são iniciados. Percebemos que grande parte do magnetismo exercido pela internet está vinculado ao *boom* das redes sociais, na medida em que elas incitam uma necessidade fundamental do homem, a saber, ver o outro e ser visto por ele. Desta forma, ressaltamos que a questão aqui levantada não é exatamente sobre a revolução tecnológica. Mais do que isso, o que colocamos em cena é a repercussão que essa tecnologia tem produzido nos relacionamentos da contemporaneidade, especificamente no que tange à dimensão da intimidade, como demonstraremos a seguir.

Consideramos que as redes sociais têm produzido uma nova forma de lidar com a intimidade, ou melhor, com a noção de intimidade cultivada ao longo dos séculos XIX e XX, como veremos a diante. Essas janelas tecnológicas virtuais são, hoje, um espaço de evasão de si, no qual uma série de informações do dia a dia, como fotos, vídeos, frases e testemunhos confessionais são divulgados, permitindo o acesso de inúmeros olhares a uma parte da vida que, anteriormente, ficava restrita a um âmbito limitado de pessoas. Assim, a intimidade apresenta, agora, uma nova dimensão pública no espaço da rede, vazada na exterioridade das telas dos computadores, interligados em todos os cantos do mundo.

Explorando a história da intimidade, encontramos na literatura a frequente associação entre esta noção e a ideia de privacidade, principalmente a partir do final do século XIX e ao longo do século XX (LASCH, 1991; SENNETT, 1993; VAITSMAN, 1995; JABLONSKI, 1998; BENJAMIN, 2007; SIBILIA, 2008; FERRY, 2008; CORBIN, 2009; PERROT, 2009; PROST, 2012; D'INCAO, 2013). Ainda segundo a mesma literatura, com o advento da modernização e da industrialização das sociedades ocidentais a fronteira entre o público e o privado foi ressignificada, colocando a exploração da intimidade dentro dos limites da casa, da família e do casamento. Havia, assim, um espaço delimitado por paredes que a protegiam. Frente a este contexto que atrela a intimidade ao privado, identificamos com as redes sociais do início do século XXI, uma significativa transformação no que concerne à exposição da intimidade no espaço virtual. As informações postadas na tela alcançam uma visibilidade nunca antes imaginada, afrouxando as fronteiras, desmoronando as paredes e deslocando a intimidade para fora do privado, na “Ágora” contemporânea que é a internet.

No entanto, indagamos se essa exposição na rede é, de fato, a exposição da intimidade. Acreditamos que não se trata exatamente da mesma questão, mas que, esse novo cenário, afeta sensivelmente o sentido dado à intimidade em nossos dias. Dessa forma, entendendo que tal fenômeno observado nas redes sociais comporta especificidades próprias, optamos por denominá-lo, não de intimidade, mas sim de extimidade virtual.

O termo extimidade é um neologismo criado por Jacques Lacan, apresentado pela primeira vez no Seminário VII, “A Ética da Psicanálise”, no contexto da discussão a respeito da *Das Ding* freudiana (LACAN, 1998, 2008; MILLER, 2011). Posteriormente, foi retomado e redefinido pelo também psicanalista francês Serge Tisseron (2008). Entretanto, o sentido que daremos a esse termo no presente trabalho não deriva diretamente dos referidos autores, como detalharemos mais adiante. Alguns estudos que versam sobre a intimidade na rede (SIBILIA, 2008; BAUMAN, 2012), também fazem referência à extimidade, mas, pretendemos, aqui, utilizar esse termo com uma definição central, a fim de marcar uma diferenciação entre a intimidade historicamente constituída e atrelada ao privado e a nova perspectiva que está sendo construída hoje e que pode ser observada na exterioridade das telas.

O interesse por esta temática surgiu através do aumento de relatos na clínica de problemas nos relacionamentos amorosos provocados pelo fenômeno de evasão de si nas redes sociais. Frente ao enorme fluxo de informação disponível no espaço virtual, comentários lidos podem se tornar suspeitos, fotos postadas podem se tornar flagrantes e a tela parece ter se transformado em um espaço privilegiado de busca de informação sobre o outro. Além disso, escutamos frequentemente a queixa de que o parceiro amoroso não sai do celular, o que segundo as pessoas tem dificultado a troca e a comunicação entre o casal. Como indicam Bauman (2012) e Tisseron (2008), a moda de experiência *on-line* tem tornado, cada vez mais, o distante próximo e o próximo distante de nós.

Diante disso, colocamos o seguinte questionamento: se a intimidade realmente sofre mudanças, se ela agora possui uma nova face íntima virtual, o que isso pode gerar como questão para a conjugalidade, uma vez que, em nossos dias, essa é uma relação que se alicerça, justamente, na condição de intimidade? Definimos, então, como objetivo central desta tese investigar as possíveis repercussões da extimidade virtual na conjugalidade contemporânea.

A fim de conduzirmos nosso estudo por uma via original, elegemos como interlocutor privilegiado o filósofo francês Jean-Paul Sartre e sua perspectiva existencial. Encontramos na obra sartriana uma profunda descrição da intersubjetividade, atrelando intrinsecamente o outro à questão do olhar. Essa discussão nos interessa enormemente e serve de fio condutor para as reflexões que apresentamos sobre a extimidade virtual, na medida em que ver e ser visto são, a nosso ver, facetas fundamentais deste novo fenômeno. Do mesmo modo, a máxima sartriana de que toda relação é conflito inspira o nosso modo de olhar para a intimidade conjugal, buscando, com isso, uma visão afastada do romantismo e da idealização, a fim de colocarmos em questão os desafios concretos das relações.

Contudo, o principal motivo de privilegiarmos Sartre se assenta no fato de encontrarmos em sua obra uma rica discussão de método, a partir da qual recolhemos elementos fundamentais para conduzir os passos da presente tese. Na verdade, as questões de método levantadas por Sartre estão para além de passos a serem seguidos. Elas priorizam, principalmente, a defesa de uma concepção de homem que concilia as esferas da subjetividade e da objetividade, do indivíduo e da história. Essa busca de conciliação em nada se assemelha a uma busca de harmonia, outro sim, diz respeito a uma tentativa de por em movimento o aspecto indissociável que articula homem-mundo, aspecto este, que Sartre herda, a nosso ver, de seu diálogo com a fenomenologia.

A necessidade de articulação homem-mundo é uma marca presente em toda a obra sartriana. Uma de suas grandes ambições era, justamente, criar uma via alternativa e original de compreensão do homem que escapasse do reducionismo derivado das duas clássicas correntes filosóficas: o idealismo e o realismo. A primeira supervalorizava a subjetividade, recaindo em uma visão de homem interiorizada e solipsista. A segunda supervalorizava a objetividade, afirmando uma visão de mundo completamente autônoma e independente. A descoberta da fenomenologia de Husserl - com suas críticas aos dualismos e sua concepção de consciência intencional, sempre “em relação” - move Sartre à construção de uma via alternativa, ou seja, nem lá, nem cá: se desejamos compreender o homem devemos pensá-lo em situação, na relação indissociável com seus arredores (BARATA; MENDES-CAMPOS; ALT, 2012). Em resumo,

diríamos, devemos pensá-lo no “entre”, isto é, na costura existencial que liga homem-mundo.

Ainda neste sentido, Silva (2004) destaca que, para Sartre, nenhum ato humano pode ser pensado unilateralmente, bem como não pode ser reduzido à justaposição de fatores objetivos e subjetivos. A afirmação de Silva (2004) reforça o nosso argumento de que o projeto sartriano implica em pensar num “entre”. Esse projeto se desdobra ao longo dos anos de sua produção intelectual e ajunta novos diálogos, principalmente, com o marxismo, já nos anos 50. O intuito de Sartre é o de criar condições para problematizar essa tensão, que se traduz, nesta fase de seu pensamento, na ideia de que o homem é, ao mesmo tempo, aquele que faz a história e é feito por ela (SARTRE, 1987). Portanto, depurando, cada vez mais, as questões de método, Sartre pretende dinamizar homem e história, uma vez que é na história que a condição originária de liberdade se escolhe, a partir das determinações objetivas postas por seu tempo, ao passo que o homem é a expressão de sua época e colabora, a partir de suas escolhas singulares, para construção dos contornos coletivos.

Analisando a fase final de lapidação do método sartriano na obra “O Idiota da Família”, Castro (2011) resume de modo bastante acertado, dizendo: “o estudo de um homem exige um método apropriado que permita, de um lado, compreender a singularidade de seus projetos e, de outro, determinar os elementos objetivos da sua época” (p.4). Em outros termos, uma pesquisa que pretende indagar por atos humanos – e isso inclui as pesquisas psicológicas - deve realizar um constante movimento de vai e vem do singular ao universal, do individual à história e vice versa. Este movimento de vai e vem é, justamente, o descrito por Sartre (1987) em seu método progressivo-regressivo, do qual iremos tratar.

Expostas essas bases, buscamos nos aproximar de nosso objeto de pesquisa, mantendo a atenção nesta visão dinâmica de homem. Organizamos os passos deste trabalho a partir de uma inspiração obtida através do método proposto por Sartre (1987). Por este motivo, decidimos iniciar a presente tese apresentando o método que a inspirou. É por uma questão de método que invertemos a frequente ordenação dos capítulos e convidamos o leitor, desde o início, a nos seguir neste esforço em estabelecer uma discussão que se atente aos diálogos e não às oposições. Para nós, aquilo que decidimos, aqui, chamar de “entre”, isto é, a costura indissociável que liga o homem ao mundo e que nos

impede de falar de um sem que, imediatamente, puxemos o outro junto é o fio condutor das páginas que se seguem. Assim, no primeiro capítulo, apresentamos o método progressivo-regressivo descrito em “Questões de Método” e anunciamos a inspiração alcançada através dele para todos os demais passos que compõe a presente tese.

A partir disso, seguimos, no segundo capítulo, demonstrando que a noção de intimidade, tal como hoje a concebemos, nem sempre existiu como esclarece a densa análise de Arendt (2013) a respeito do mundo grego. Em seguida, apontamos para o marco produzido pelo surgimento da subjetividade moderna e realizamos um salto até o século XIX, no qual as determinações daí derivadas já estavam postas, criando condições para o fortalecimento da dimensão da intimidade atrelada ao privado.

Lançamo-nos, então, em um movimento rumo ao interior da vida privada, onde, a nosso ver, floresceu a exploração da dimensão da intimidade num sentido mais próximo do compartilhado atualmente. Ressaltamos, fundamentalmente, os séculos XIX e XX, destacando as importantes mudanças ocorridas no cotidiano das sociedades ocidentais a partir do advento da industrialização (LASCH, 1991; SENNETT, 1993; JABLONSKI, 1998; FERRY, 2008; CORBIN, 2009; PERROT, 2009; PROST, 2012; D’INCAO, 2013).

A maior parte dos autores que elegemos para dialogar nesse capítulo são historiadores, sociólogos, antropólogos e psicólogos dedicados, em sua maioria, a percorrer os trilhos históricos da noção de intimidade e sua relação com a vida privada, como na clássica coletânea idealizada por Àries e Duy, “História da Vida Privada”, bem como no conceituado trabalho de Richard Sennett “O declínio do homem público: tiranias da intimidade”. Para abordar a temática da conjugalidade recolhemos os estudos dos principais pesquisadores de nossa linha de pesquisa da Puc-Rio, como Terezinha Féres-Carneiro, Andrea Seixas Magalhães e Bernardo Jablonski e, a partir daí, derivamos as demais referências.

No terceiro capítulo, saímos do interior privado do lar para a explosão da exposição de si nas telas dos computadores ligados à internet. Realizamos um breve relato a respeito do surgimento da internet e apresentamos a rede social Facebook como a grande representante desta nova perspectiva da intimidade nas telas, que optamos por chamar de extimidade virtual. Na sequência, apresentamos alguns trabalhos atuais sobre essa febre *on-line* e suas repercussões, dialogando

com autores como Fernanda Bruno, Serge Tisseron, Sherry Turkle e, em especial, o rico estudo de Paula Sibilia, “O show do Eu: a intimidade como espetáculo”. Para centrar nossa definição de extimidade virtual recolhemos a primeira referência ao termo de Jacques Lacan, considerado o inventor do neologismo, e nos pautamos, principalmente, nos clássicos estudos do filósofo Pierre Levy, do final da década de 90, tais como: “O que é o virtual?” e “Cibercultura” para desdobrarmos nossa própria compreensão a respeito deste fenômeno.

Já o quarto capítulo, dedicado a percorrer os mesmos temas sob novas luzes, apresenta uma perspectiva existencial sartriana das noções de conjugalidade, intimidade e extimidade virtual. Apesar de Sartre não abordar estes temas diretamente em sua filosofia, encontramos uma inspiração na ontologia fenomenológica de “O Ser e o Nada” para estabelecermos uma reflexão sobre a intersubjetividade.

Partimos da compreensão ontológica de que a dimensão mais originária das relações com o outro é o conflito, justamente, pelo outro aparecer como possibilidade permanente de recuperação daquilo que falta a realidade humana. Para Sartre (2001), o outro nos fornece um “lado de fora”, uma objetividade que é inatingível para o homem que existe como liberdade indeterminada. Essa condição gera uma reação paradoxal, na medida em que, por um lado, o homem deseja essa forma pronta e acabada que o olhar do outro o fornece. Mas, por outro, como o homem está condenado a viver essa forma sempre à distância, essa condição se torna ameaçadora e incômoda. O projeto de recuperação de si via outro jamais se realiza e essa é, para o filósofo, a natureza conflituosa do ser-para-outrem.

Diante disso, buscamos realizar, neste capítulo, um movimento semelhante ao de Sartre em “O Ser e o Nada”, ou seja, primeiro descrevemos brevemente a fenomenologia do olhar, apontando para a dimensão ontológica e, em seguida, ousamos alguns exemplos em situações concretas. Assim, para tratar sartrianamente da conjugalidade abordamos os temas do amor e da intimidade. Na sequência buscamos iluminar o fenômeno da extimidade virtual desdobrando uma reflexão sobre o olhar em três direções: ver o outro, ver a si mesmo e ser visto pelo outro na internet.

Finalmente, destacamos que, para Sartre, todas as tentativas de “salvação” da condição faltosa da existência humana são condenadas ao fracasso. Via

intimidade ou via extimidade virtual não escapamos da dimensão ontológica do conflito, bem como não alcançamos jamais aquilo que perseguimos incessantemente, isto é, o alívio para a vertigem que é existir como liberdade, sempre por se fazer.

Nos capítulos seguintes, apresentamos as entrevistas realizadas em nossa pesquisa de campo, juntamente com as discussões daí oriundas. Optamos, neste momento, por restringir os comentários a respeito da pesquisa de campo, uma vez que, conforme anunciamos, convidamos o leitor logo nas próximas páginas a nos seguir na problematização do método sartriano. Acreditamos que após expormos as bases sobre as quais nos inspiramos será mais enriquecedor retomarmos o caminho da pesquisa. Aí sim, comentaremos o modo como nos aproximamos das entrevistas, bem como a escolha de condução das discussões que delas derivamos.

2

Por uma questão de método

*É próprio de uma pesquisa ser indefinida. Nomeá-la e defini-la é fechar o ciclo:
o que resta? (Jean-Paul Sartre, 1987).*

O método colocado em cena neste trabalho se inspira na proposta feita por nosso interlocutor, Jean-Paul Sartre, em “Questões de Método”, texto de 1957, publicado posteriormente como prefácio à “Crítica da Razão Dialética”. Como o próprio título anuncia, nesta obra, Sartre se dedica a problematizar e a postular um método que seja capaz de dar conta de sua ambição mais fundamental: conhecer o homem. Essa ambição sartriana já estava explícita desde o início de sua produção intelectual. Na década de 40, com a publicação de “O Ser e o Nada”, o filósofo já perseguia essa urgente necessidade de elaborar um método satisfatório para compreender o homem, em resposta à Psicologia de sua época, que, segundo ele, recaía inevitavelmente em explicações genéricas e abstratas, que esvaziavam a perspectiva singular, do homem concreto, em situação. Naquele momento, Sartre (2001) esboça pela primeira vez uma metodologia e dá a ela o nome de Psicanálise Existencial.

Essa necessidade de problematizar o método se estende até o final de sua produção, como percebemos em “O Idiota da Família”, o monumental estudo, com aproximadamente três mil páginas, dedicadas à vida do escritor francês Gustave Flaubert. No prefácio, Sartre (1988) retoma mais uma vez a questão nos seguintes termos: “O que se pode saber de um homem, hoje?” (p.7). Acrescenta, ainda, que tal estudo é a continuação de “Questões de Método”, ou seja, é a trajetória existencial de Flaubert que põe em movimento o método apresentado na referida obra. É, então, nesse texto de 1957 onde estão delineados os princípios do método e, por esse motivo, a ele iremos nos reportar para estabelecer as bases da presente pesquisa.

Contudo, é necessário, antes, esclarecer de um modo mais próprio, a origem desta tão urgente necessidade sartriana de pensar o método. Na raiz dessa urgência está, a nosso ver, o diálogo com a fenomenologia de Husserl, a partir do qual se alicerçam muitas das questões principais de sua filosofia existencialista.

A questão do conhecimento ocupa um lugar central no pensamento de Husserl. Sua obra representa uma tentativa de resolver os problemas identificados no legado da tradição filosófica, partindo, fundamentalmente, de uma crítica ao subjetivismo da tradição metafísica e ao objetivismo realista. Em resposta a essas correntes de pensamento, Husserl propôs o método fenomenológico, acreditando que com isso, conseguiria, enfim, fazer da filosofia uma ciência rigorosa.

As indagações de Husserl partem principalmente de uma crítica ao método das ciências humanas e em especial, à Psicologia, visto que ela, em sua época, não havia ainda desenvolvido um escopo próprio, pautando-se nos mesmos pressupostos das ciências naturais, apesar de possuir um objeto de estudo radicalmente distinto. No caso da Psicologia, essa apressada apropriação de método produz graves consequências, visto que soa bastante incoerente estudar o homem com as mesmas prerrogativas da física, por exemplo. É precisamente contra essa tendência à naturalização positivista das ciências humanas, chamada de psicologismo, que Husserl se opõe (DARTIGUES, 1973; SOKOLOWSKI, 2004).

A crítica husserliana ao psicologismo inquieta Sartre e o move a estabelecer um diálogo direto com essa ciência, a fim de buscar suas próprias saídas para o impasse percebido entre a Psicologia e o seu método. A partir disso, desenvolve, na década de 30, importantes trabalhos dedicados a temas psicológicos como a imaginação, o ego e as emoções e procura demonstrar sua visada fenomenológica de tais temas. O existencialista questiona o caminho utilizado pelo psicólogo, que não se indaga pela experiência mais originária dos fenômenos humanos que estuda. Ao contrário, ele toma o homem como “já dado”, como “já sabido”, enreda os fatos empíricos e obtém, através disso, conceitos universais, abstratos e genéricos. Para o filósofo, esses conceitos não passam de vãs hipostasias, posto que não ensinam nada além do já sabido aprioristicamente (SARTRE, 2007a).

Desta forma, o desafio de Sartre é constituir a possibilidade de conhecimento embasado em uma visão fenomenológica, “rumo às coisas mesmas”, ou seja, retornando a experiência significativa, descrevendo-a incansavelmente, destruindo os sentidos engessados da atitude natural e visando à construção da compreensão dos sentidos mais originários. Essa é a base que estrutura todo o esforço posterior de sua obra, mantendo-se sempre fiel aos

princípios fenomenológicos, ou, melhor, ao modo bem sartriano com o qual se apropriou dos princípios husserlianos. Vejamos, então, como o filósofo desenvolve sua proposta de método, retomando sua obra de 57.

“Questões de Método” estabelece um diálogo direto entre o existencialismo e o marxismo, diálogo este, que se apresenta bem ao estilo de Sartre, ou seja, marcado por aproximações entre os dois pensamentos, porém, sem deixar de apontar para suas diferenças, mantendo sempre uma atenção crítica. A preocupação central da obra gira em torno da discussão a respeito das possibilidades existentes de se alcançar uma compreensão do homem sem recair no subjetivismo solipsista, bem como, no universalismo abstrato e hipostasiante. Sartre explica que a partir de sua aproximação com o marxismo foi possível recuperar a possibilidade de afirmar algo sobre o homem, uma vez que essa filosofia se ocupa do homem concreto, o coloca como o centro de suas pesquisas, ressalta sua condição material, sua *práxis*, “sua luta contra as coisas e contra os homens” (SARTRE, 1987, p.117).

O marxismo lhe inspira, ainda, a questionar o viciado circuito das análises reducionista, que se restringia à explicação de fatos isolados e artificialmente enredados. Uma nova saída surge quando essa filosofia esclarece que a busca do conhecimento deve visar verdades “devindas”, ou seja, é através do movimento de totalização dialética que devemos pensar nossas pesquisas. Em outras palavras, o marxismo busca no processo histórico o movimento de totalização, a partir do qual pode afirmar algo como uma verdade, considerando que tal totalização está em perpétuo movimento e, assim, toda verdade daí derivada estará em constante devir (SARTRE, 1987).

Essas noções são inspiradoras para Sartre, pois permitem uma articulação com o seu existencialismo. As ideias de um movimento dialético e de uma construção humana e histórica que seguem como totalizações abertas, sem jamais se completarem, são postas em paralelo com a descrição do homem como vazio de determinação, em perpétua construção, engajado em um projeto de ser que se inscreve e se realiza no e pelo mundo. É claro que a partir dessa aproximação com o marxismo, o existencialismo de Sartre ganha uma nova dimensão, já que a discussão se desloca do plano da ontologia para se situar no terreno da história e da *práxis* humana. Entretanto, é quase unânime entre seus comentadores a observação de que não se trata de uma ruptura com as teses de “O Ser e o Nada”

(CUNHA, 1989; PERDIGÃO, 1995; MOUTINHO, 1995; SILVA, 2004, 2003; BORNHEIM, 2007; CASTRO, 2012), mas de uma continuidade que assume, agora, novo vocabulário e novos interlocutores.

Neste sentido, endossamos igualmente a ideia de uma continuidade no pensamento sartriano, pois, a nosso ver, o autor jamais abandona seu ponto de partida, que é, justamente, sua concepção de realidade humana descrita em sua ontologia. Por não considerar a ideia de uma vida interior, Sartre continua a conceber fenomenologicamente o homem, tomando-o como exterioridade, que se constrói sempre fora de si, em seus arredores, em seu horizonte existencial, em suma, na interação com o mundo. Porém, agora, o filósofo elabora sua visão dialética do existir humano, na qual a história passa a assumir um novo e destacado papel e a liberdade, antes ontológica, ganha uma dimensão cada vez mais política e engajada. O homem é, ao mesmo tempo, aquele que faz a história e é feito por ela, ou, nas palavras do próprio autor: “o homem [...] é ao mesmo tempo o produto de seu próprio produto e um agente histórico que não pode, em caso algum, passar por um produto” (SARTRE, 1987, p.150).

Para dar conta dessa nova dimensão de seu pensamento, na qual cada vez mais visa ao homem concreto em situação, Sartre propõe chamá-lo de universal singular: “Afim, um homem nunca é um indivíduo; seria melhor chamá-lo de universal singular: totalizado e, por isso mesmo, universalizado por sua época, ele a retotaliza ao reproduzir-se nela como singularidade” (SARTRE, 1988, p.7).

Ao chamar o homem de universal singular, Sartre estabelece o foco de seu método e o centro de preocupação da sua pesquisa, a saber, o “entre”, entre o concreto e o abstrato, entre a biografia e o social, entre o indivíduo e a história, em resumo, entre o homem e o mundo. É a esse paradoxo que devemos voltar nossa atenção, uma vez que o singular só existe através da maneira pela qual cada um particulariza o universal e, ao mesmo tempo, o universal só existe através da maneira pela qual cada um universaliza singularmente sua vivência.

Tendo em vista esse “entre” e tentando abarcar o singular e o universal simultaneamente, Sartre propõe o método progressivo-regressivo, método este, originalmente proposto por Henri Lefebvre e reeditado pelas mãos do existencialista (SARTRE, 1987). Trata-se, pois, de um movimento constante, de um vai e vem, que circunda o objeto de pesquisa pelas “duas pontas” (SARTRE, 1988). O movimento regressivo é a parte analítica. A partir do marxismo, Sartre

consegue recolocar o lugar da análise na pesquisa, ressaltando que se trata de um momento enriquecedor no processo de conhecimento, quando pautado num incessante esforço de descrição. E complementa dizendo que: “é ponto pacífico, com efeito, que esta análise não pode ser suficiente e que é o primeiro momento de um esforço de reconstrução sintética. Mas, torna-se visível também que ela é indispensável à reconstrução posterior dos conjuntos” (SARTRE, 1987, p.122-123).

A análise regressiva é a análise da história individual, das estruturas sociais, do tempo histórico. Já o movimento progressivo é sintético e está atrelado noção de projeto. A síntese visada é aquilo que a pessoa faz com o que fizeram dela, ou seja, é o projeto fundamental. O movimento progressivo implica em retomar o objeto de pesquisa seguindo o mesmo caminho percorrido no movimento anterior só que agora no sentido inverso, a fim de alcançar uma compreensão capaz de produzir a unificação das pluralidades reveladas pela análise. Cabe reforçar, que esta unificação é pluridimensional ou sintética, isto é, somente podemos conceber a ideia de uma unificação que esteja em movimento, uma síntese que é perpétua totalização-em-curso e nunca uma totalidade acabada ou uma unidade fechada. Como muito bem resume Ferrarotti:

As linhas gerais do método progressivo-regressivo de Sartre [...] são bem conhecidas: uma leitura horizontal e vertical da biografia e do sistema social; um movimento heurístico de “ida e volta” da biografia para o sistema social, do sistema social para a biografia. A junção desse duplo movimento significa a construção exaustiva das totalizações recíprocas que exprimem as relações dialéticas e mediadas entre uma sociedade e um indivíduo específico. O conhecimento integral de um torna-se assim o conhecimento integral do outro. O coletivo social e o singular universal iluminam-se reciprocamente. O esforço para interpretar a biografia em toda a sua unicidade [...] torna-se o esforço para interpretar o sistema social (FERRAROTTI, 1991, p.173).

Como acentua o trecho a cima, o método em questão tem uma forte característica biográfica, precisamente pelo fato de ter sido “ensaiado” nos chamados analisandos de papel, grandes personalidades biografadas por Sartre, como Baudelaire, Genet e Mallarmé e propriamente aplicado no referido estudo sobre Flaubert. Por esse motivo, a proposta de Sartre não pode ser simplesmente transposta para a nossa questão de pesquisa, posto que, aqui, temos como objeto uma questão do horizonte histórico e não a perspectiva de um homem concreto, passível de ser biografado. Entretanto, encontramos nessa proposta uma

inspiração fundamental para estabelecermos os passos da presente tese, como demonstraremos a seguir.

A partir dos princípios do método progressivo-regressivo organizamos o caminho da pesquisa, a começar pelo objetivo geral, apresentado no início desta tese: investigar as possíveis repercussões da extimidade virtual na conjugalidade. O esforço primeiro consiste em uma atenção crítica para não tomarmos as duas noções-chave – extimidade e conjugalidade – como uma oposição dicotômica, já que sustentando a dicotomia, reduzimos a discussão a uma disputa entre contrários, que não ensina nada de novo (SARTRE, 1987). Assim sendo, não pretendemos opor relações virtuais e reais, pois as oposições são apriorismos que reduzem a compreensão do tema. Buscamos, ao contrário, falar do “entre”, da multiplicidade de relações existente entre essas noções e das relações entre essas relações.

Do mesmo modo, não queremos transformar essas noções em “esqueletos de universalidade”, ou seja, em conceitos genéricos e hipostasiados que, em conjunção, produzem um terceiro termo ainda mais vazio e vago. Para Sartre (1987), o que falta como ligação entre elas é precisamente o homem e o modo como ele particulariza o que absorve de sua experiência universal. Por isso, precisamos dar voz àqueles que permitem que seja possível, hoje, falarmos de extimidade virtual:

A ação e a vida do homem que devemos estudar não podem reduzir-se a estas significações abstratas, a estas atitudes impessoais. É ele, ao contrário, que lhes dará força e vida pela maneira pela qual se projetará através delas. Convém, pois, voltar ao nosso objeto e estudar as suas declarações pessoais [...] (SARTRE, 1987, p.171).

A partir disso, escolhemos as entrevistas como instrumento da pesquisa de campo. Entretanto, consideramos que o método aqui discutido não se resume somente a parte das entrevistas e das discussões daí derivadas, pois, pensando sartrianamente, o estudo do panorama universal que compõe os arredores do objeto em questão é, igualmente, parte do método. Desta forma, os capítulos teóricos desta tese fazem parte do modo como nos apropriamos do movimento de vai e vem progressivo-regressivo.

Seguindo essa inspiração de método, pensamos a própria organização da tese, contando, assim, com mais três capítulos teóricos seguidos da discussão das entrevistas. Ressaltamos que nenhum deles pode ser visto em separado, pois caminham em um movimento de vai e vem entre o homem e a história. Para o método sartriano não há distinção entre objeto e pensamento, posto que todos fazem parte de um mesmo e integrado movimento dialético (SARTRE, 1987).

Nos próximos dois capítulos, percorremos os trilhos que constituem os arredores de nosso objetivo de estudo. São capítulos que designamos de sócio-históricos, nos quais descrevemos e analisamos com base na literatura sobre o tema a coloração que compõe o horizonte a partir do qual se torna possível falar em intimidade como uma noção atrelada à história da vida privada e em extimidade virtual, como uma nova perspectiva da intimidade na rede, agora não mais protegida pelos muros da privacidade.

Em uma visão sartriana, reconstruir o percurso sócio-histórico a partir do qual se delineia as determinações objetivas de uma época se faz imprescindível na medida em que compreendemos que é através delas que o homem se escolhe e se constitui. Se não existe natureza, essência ou nenhum apriorismo que defina o que o homem é, ele somente será aquilo que fizer de si e essa escolha de fazer algo de si mesmo se realiza na relação com o mundo, com a sua situação, em suma, na articulação com as determinações postas por seu horizonte existencial. Dito de outro modo, o homem é as possibilidades de seu horizonte e somente reconstruindo este horizonte poderemos compreender a relação do homem na intimidade, na extimidade virtual e na conjugalidade.

Cabe ressaltar a impossibilidade de abarcar inteiramente a dimensão sócio-histórica. O que apresentamos, na presente tese, é um recorte realizado através do contato com a literatura sobre o tema. Mesmo assim, consideramos que a tentativa de reconstrução, ainda que parcial, já é em si esclarecedora e em muito contribui para reflexão e compreensão a respeito da intimidade e de sua nova perspectiva.

O capítulo seguinte está centrado nos mesmos temas, só que agora, como diz Sartre (1988), iluminado por novas luzes. Designamos este capítulo de perspectiva existencial da intimidade e da extimidade virtual. Tratamos do amor, da intimidade e da extimidade virtual a partir das bases ontológicas de “O Ser e o Nada”. A ontologia visa a alcançar uma descrição do modo de ser da realidade humana afastada das determinações causais, dos apriorismos, das explicações

generalizantes e abstratas. Buscamos à luz da ontologia um primeiro esboço de progressão sintética, visto que ela nos permite focar naquilo que para o nosso método é imprescindível, isto é, no entrelace indissociável do homem com o mundo ou, ainda, naquilo que estamos considerando, aqui, como o “entre”.

Na sequencia, passamos à pesquisa de campo e à discussão daí derivada mantendo o mesmo empenho de movimentação progressiva-regressiva, isto é, buscando perceber a interação que se expressa na maneira pela qual cada um realiza o universal em sua vivência particular, ao mesmo tempo, em que colabora, através de suas escolhas, para a construção do universal, servindo, assim, de suporte para o coletivo.

Decidimos, primeiramente, apresentar uma descrição da conversa com cada um dos entrevistados, na qual buscamos nos aproximar de sua vivência da extimidade virtual e suas possíveis repercussões na conjugalidade. Em seguida, estabelecemos alguns pontos de discussão que consideramos como sínteses enriquecedoras, pontos estes, que optamos por chamar de unificações sintéticas¹, a fim de marcarmos que se trata de totalizações-em-curso, isto é, pontos abertos e em constante movimento.

Colocados os passos que iremos trilhar, convidamos o leitor a nos seguir neste movimento de vai e vem, pelo qual o conduziremos desde o interior da vida privada do lar cultuada no século XIX, até o exterior das telas de computadores e a exposição nunca antes imaginada que cada vez mais se torna comum em nossos dias.

¹ Em “Questões de Método”, Sartre (1987) utiliza diversas designações para tratar da ideia de movimento que marca o seu método. O que o vai e vem progressivo-regressivo apreende é uma síntese em perpétua totalização e nunca uma unidade fechada. Dentre as muitas designações utilizadas por Sartre, optamos por esta – unificação sintética – para ser título de nossas discussões finais.

3

Perspectiva sócio-histórica da intimidade

Esta polar intimidade, uma Alma que reconhece a Si mesma: finita infinidade (Emily Dickinson, tradução de Paulo Mendes Campos, 2015).

3.1

Entre a casa e a rua: reformulando as fronteiras do público e do privado

Intimidade, tema complexo e de muitos desdobramentos teóricos possíveis. Decidimos explorar inicialmente o sentido etimológico. Do latim deriva de íntimo - *intimus* - superlativo de interior, ou seja, designa o mais interior, o profundamente interior. Miller (2011) realiza uma pesquisa a respeito da origem da palavra intimidade na língua francesa. Consultando o dicionário “Robert” descobre a primeira referência à palavra num trecho escrito por Madame de Sévigné, datado de 1684. Já a palavra íntimo é anterior e aparece pela primeira vez 1390, sendo definida pelo dicionário como o mais profundo do ser, ligado à essência, algo geralmente secreto, invisível, impenetrável.

Realizamos semelhante incursão em dicionários *on-line* de língua portuguesa. Encontramos as seguintes definições de íntimo: interior, profundo, natureza íntima de um ser, o âmago do ser, que é inteiramente privado, que se passa no interior da família ou de uma sociedade qualquer, sentimento do que se passa dentro de nós, o que há de mais profundo numa coisa ou em nós mesmos. Já para intimidade encontramos: amizade íntima, relações íntimas, viver na intimidade de alguém, entre íntimos, no recesso do seu lar.

A pesquisa de Miller (2011) fornece um aspecto interessante no que concerne à época das primeiras aparições dos termos. O surgimento da noção de intimidade é relativamente recente na história da civilização ocidental, como aponta a data mencionada, fazendo-nos pensar que essa ideia, tão clara e familiar atualmente, nem sempre foi assim. Por isso, não podemos nos aproximar deste tema tomando-o como natural, como se existisse desde sempre. Perguntamos,

então: como se constitui o horizonte existencial a partir do qual se torna possível falar de intimidade? Mais ainda, como seu sentido foi sendo sedimentado a ponto de, hoje, indagarmos a respeito de uma nova perspectiva da intimidade, vazada, aberta, visível, pública e estampada nas redes sociais da internet? É justamente esse caminho sócio-histórico que faz com que a intimidade emergja em nosso campo de possíveis como uma realidade construída que buscaremos remontar neste capítulo.

Explorando o tema encontramos diversas referências na literatura que estabelecem uma intrínseca relação entre a intimidade e a história da vida privada (LASCH, 1991; SENNETT, 1993; JABLONSKI, 1998; BENJAMIN 2007; SIBILIA, 2008; FERRY, 2008; CORBIN, 2009; PERROT, 2009; PROST, 2012; ARENDT, 2013; D'INCAO, 2013). Por este motivo e, também, por ser através desta relação que iremos pensar a noção de extimidade virtual é que vamos nos reportar à dimensão privada para construirmos a atmosfera inicial de nossa reflexão. Contudo, é importante ressaltarmos que a história da vida privada nem sempre esteve atrelada à história da intimidade. Neste sentido, Arendt (2013) nos presenteia com sua densa análise que reconstrói a gênese das esferas do público e do privado no mundo grego.

Para a pensadora, o surgimento da cidade-Estado na Grécia inaugura uma espécie de “segunda vida”, ou seja, cada cidadão pertence, a partir de então, à duas ordens da existência: a do lar e a da *pólis*; a do privado e a do público. A *pólis* é a esfera da ação política, espaço de liberdade e de busca pelo bem comum. Já o lar é a esfera das necessidades e das carências humanas, espaço da família marcado pela desigualdade, na medida em que somente o chefe do lar, que exercia o seu poder despótico sobre os demais, era considerado livre.

A esfera pública é também descrita por Arendt (2013) como o espaço da realidade, posto que “é a publicidade do domínio público que pode absorver e fazer brilhar por séculos tudo o que os homens venham a querer preservar da ruína natural do tempo” (p.67). Isso significa que o público é o espaço da aparição, onde contamos com o outro que vê e ouve aquilo que dispomos, garantindo, assim, a realidade do mundo e de nós mesmos. A autora ressalta que essa realidade doada pela multidão de espectadores da cena pública é ainda mais fidedigna por permitir a conservação da identidade em meio a mais completa diversidade de ângulos e aspectos.

Por outro lado, a esfera privada não conta com a mesma aura sedutora. Arendt (2013) recorda o sentido de privado, originalmente percebido na organização do mundo grego. Como a própria palavra indica, o privado está relacionado à privação. Assim, fora o chefe do lar que era livre e que podia acessar a esfera pública da ação política, todos os demais seres eram privados. Encerrados no domínio do lar, eram privados de liberdade, de mobilidade, privados de um lugar no mundo, visto que, nas palavras da autora: “o homem privado não aparece, e, portanto, é como se não existisse” (ARENDR, 2013, p.71-72).

Esse âmbito privado frio, marcado pela desigualdade, bem como esse homem que não existe por viver na privação demonstram que o mundo grego, embora tenha viabilizado o surgimento das esferas do público e do privado, estava muito distante de favorecer o desabrochar da intimidade. Assim, a história da vida privada é bastante anterior à história da vida íntima. Apesar da distância temporal que as separa, é inegável que a partir de um determinado contexto histórico, ambas passam a ser indissociáveis, como veremos a seguir. A própria Arendt destaca essa profunda modificação da vida privada que promoveu sua intrínseca ligação com a intimidade:

Hoje [...] não concordaríamos com os gregos que uma vida vivida na privatividade do que é “próprio ao indivíduo” (*idion*), fora do mundo comum, é “idiota” por definição [...] o que hoje chamamos de privado é uma esfera de intimidade [...] certamente desconhecida de qualquer período anterior à era moderna (ARENDR, 2013, p.46).

A pensadora aponta, então, para um movimento histórico decisivo a partir do qual inúmeros desdobramentos viabilizaram o florescer da noção de intimidade intrinsecamente ligada à esfera do privado. Trata-se, como aponta Arendt (2013), da era moderna, ou seja, o momento histórico que inaugura uma dimensão particular de subjetividade, centrada na constatação cartesiana do *cogito ergo sum*. Segundo Feijoo (2011), a concepção de sujeito moderno se inicia com o cogito cartesiano e “sua conseqüente ideia de uma subjetividade egoica segura de si, de uma consciência ou de um eu substancializados” (p.12). Essa concepção que pressupõe a ideia de uma interioridade do sujeito em contraposição ao mundo e seus arredores fortalece a base para uma forma dicotômica de pensar,

estabelecendo uma separação entre sujeito - objeto, homem - mundo, interior - exterior. A partir daí, como veremos, se coloca, a nosso ver, a condição de possibilidade de pensarmos na dimensão da intimidade como aquilo que pertence ao lá de dentro, dentro da casa, da família, do casamento e, igualmente, da interioridade do sujeito. Diante disso, faz sentido pensar na colocação de Miller (2011) de que a primeira referência à palavra intimidade é datada no século XVII, século este, no qual se assenta o pensamento de Descartes, considerado o pai da subjetividade moderna.

Expostas essas bases, que retomaremos na próxima seção, avançamos em nosso itinerário histórico e instituímos o século XIX como o marco fundamental para a presente reflexão. Essa escolha se apoia na vasta literatura sobre o tema que frequentemente associa a aproximação das noções de intimidade e de vida privada ao movimento de industrialização e modernização das sociedades ocidentais, que ganhou corpo no século XIX e se solidificou ao longo do XX (LASCH, 1991; SENNETT, 1993; JABLONSKI, 1998; BENJAMIN 2007; SIBILIA, 2008; FERRY, 2008; CORBIN, 2009; PERROT, 2009; PROST, 2012; D'INCAO, 2013). A nosso ver, essa convergência que nos leva ao século XIX indica que o horizonte existencial em tal período já estava suficientemente marcado pelas determinações modernas, que favoreceram o desabrochar da intimidade. Nossa intenção não é a de datar o surgimento da intimidade, até mesmo porque as datas apontadas por Miller (2011) nos levariam a um caminho ainda mais longo. Contudo, pretendemos enfatizar que, no referido século, as determinações e os sentidos necessários ao fortalecimento da noção de intimidade já estavam posto. Pensamos que, a partir daí, se consolidam os muros da privacidade atrás dos quais as pessoas passam a esconder, a proteger e a nutrir a noção de vida íntima, tal como ainda hoje a concebemos.

Como apontam Prost (2012) e Jablonski (1998), uma das modificações mais estruturais do século XIX diz respeito à dimensão do trabalho. Durante muito tempo, o trabalho esteve atrelado ao âmbito privado e as atividades realizadas no interior da família, que deveria promover e manter a maior parte dos meios necessários à sobrevivência de seus membros, tais como alimentação, vestuário, educação, saúde, entre outros. Com a industrialização e a modernização, o trabalho foi se especializando cada vez mais, porém, permanecia ligado à esfera privada da casa. Segundo Prost (2012), na França, na virada entre

os séculos XIX e XX, mais da metade da população ainda trabalhava em casa ou em outra modalidade frequente que consistia em trabalhar na casa de outrem. Essa condição que emaranhava o espaço da casa com o do trabalho acabava por envolver praticamente todos os membros da família nas atividades, além de não permitir a diferenciação entre o tempo de labuta e o tempo de descanso. Assim, como lembra Prost (2012) era recorrente que os clientes batessem à porta fechada, na hora do almoço, insistindo pelo atendimento e interrompendo o momento familiar.

O processo cada vez mais intenso de modernização e industrialização deslocou o trabalho para as atividades realizadas pelos homens no espaço público, vinculando-o mais diretamente à remuneração. Na medida em que as indústrias cresciam e se espalhavam, os trabalhadores, concomitantemente, ganhavam uma nova relação com o espaço da cidade, já que grande parte das fábricas ficava em bairros afastados dos locais de moradia, consolidando a expressão daí decorrente de “trabalhar fora”. Como consequência deste deslocamento a família sofreu uma expressiva perda de função, visto que, como pontua Jablonski (1998), várias tarefas a ela pertencentes foram entregues às instâncias e agências sociais. Para o autor, a modernidade veio relativizar a função historicamente básica da família que consistia em garantir a sobrevivência de seus membros.

As modificações no sentido do trabalho foram endossadas pelo surgimento de normas e formalidades que asseguravam os direitos tanto dos trabalhadores quanto dos patrões. Essas normas formais facilitaram e organizaram as relações de trabalho, entretanto, contribuíram, igualmente, para a construção de uma visão despersonalizada, fria e distante dessas relações. Além disso, o clima das grandes fábricas, onde o trabalhador era de início um anônimo, incitava a competitividade entre as pessoas, em busca do reconhecimento do chefe. A cobrança de se tornar alguém nas ruas, de lutar por um espaço em meio aos estranhos, de resistir à impessoalidade acabou por suscitar um silencioso retraimento. Os trabalhadores aos poucos deixaram de tentar controlar a ordem pública e passaram a preferir se proteger dela, com pontua Sennett (1993).

O retraimento dos trabalhadores contava naquela altura com a sensação de que a esfera privada poderia servir como nicho protetor. O lar e a família eram espaços onde se podiam retirar as máscaras e cessar com a teatralidade, até então, exercida nas ruas dos grandes centros urbanos em tenra expansão (SENNETT,

1993). A família foi se transformando em um espaço idealizado, em uma espécie de escudo protetor, um “refúgio em um mundo sem coração”, como designou Lasch (1991). Neste sentido, o âmbito privado envolto na aura protetora da intimidade acabou se tornando uma construção necessária em um momento histórico marcado pelo caráter anônimo da vida pública (LASCH, 1991; SENNETT, 1993).

Ainda cabe acrescentar que a família, agora receptora dos afetos e propagadora da intimidade, foi profundamente afetada pelos desdobramentos da modernização. Houve uma significativa diminuição no número de filhos, além de uma quebra no antigo costume de agregar primos, afilhados e serviçais em torno do núcleo central. A família nuclear - basicamente formada pelos pais e filhos - se sobrepôs a antiga organização denominada de família extensa, já que este formato era mais adequado às demandas de “uma nova sociedade, simbolizada pela cidade grande [...] e pela divisão do trabalho”, como salienta Sennett (1993, p. 222). Todas essas perdas de funções e de membros ocorridas nas famílias produziram, gradativamente, o seu isolamento e, conseqüentemente, uma retração da sociabilidade. Ilhada em grupos solitários de pais e filhos, a família nuclear moderna, ou, como sugere Jablonski (1998), a “fam-ilha”, passou a reforçar os muros da privacidade, fato este, bastante contrastante em relação à sua anterior configuração, profundamente atrelada ao coletivo.

Uma vez que a família passa a desempenhar a nobre função de refúgio da afetividade, uma nova dimensão da casa se faz necessária. Uma casa com muros e paredes, com janelas isoladas por espessas cortinas, ou seja, a casa precisa se fechar e se compartimentar para acolher as demandas emocionais que lhe foram dadas. Essa reviravolta na divisão da casa com o surgimento de divisórias e corredores que asseguravam a possibilidade de isolamento teve início na Europa no século XVIII, como aponta Ferry (2008). Já no Brasil, contamos com muitas décadas de atraso, como recorda Del Priore (2011), posto que ainda no século XIX, grande parte das casas eram espaços sem divisões, que não contavam com cômodos independentes. Nestes amplos espaços compartilhados se realizavam múltiplas atividades à vista de todos: trabalhavam, comiam, cozinhavam, rezavam, dormiam, sempre, todos juntos. “Frestas nas paredes permitiam espiar. Chaves eram artefatos caríssimos e as portas, portanto, não eram trancadas” (DEL PRIORI, 2011, p.24). Essa organização da casa não favorecia a busca pelo

isolamento e pela privacidade, bem como não beneficiava o relacionamento íntimo entre as pessoas.

O fechamento da casa é um movimento que acontece em paralelo com o processo de urbanização das cidades (D'INCAO, 2013). Na medida em que as ruas passam a ser mais controladas pelo governo, a relação das pessoas com esses espaços se modifica. Antes a rua era de todos, quase como que uma extensão dos quintais das casas, sem fronteiras estabelecidas. O desenvolvimento e a urbanização das cidades produziu, segundo D'Incao (2013), a compreensão da rua como espaço público, mediada por “interesses públicos”, em contraste com a casa, agora fechada, com limites definidos e, desta forma, com um clima mais aconchegante.

Prost (2012) comenta a revolução habitacional de significativas repercussões para a vida privada ocorrida na esteira da urbanização das cidades, destacando que: “a história da vida privada é, em primeiro lugar, a história do espaço em que ela se inscreve” (p.54). De início, foi a burguesia em ascensão, com a nova fase industrial e capitalista, que pode se beneficiar dos pequenos luxos domésticos conquistados com a revolução habitacional, tal como possuir um canto próprio dentro do espaço privado do lar. O autor fornece detalhes interessantes com relação à nova organização das casas burguesas salientando uma nítida diferença entre a sala de visita e os demais cômodos. Na sala de visita estava o que a família julgava digno de mostrar sobre si, o que considerava “apresentável” ao público. Já nos quartos ficavam as coisas que deviam ser preservadas dos olhares indiscretos e estranhos. Curiosamente - e bastante diferente do que acontece em nossos dias - as fotos de família não ficavam na sala de visita, posto que expunham demasiadamente as pessoas.

Benjamin (2006) também reflete sobre os hábitos adquiridos pelos burgueses ao longo do século XIX, ressaltando a nova ênfase dada à ideia de interior e de interioridade. De acordo com o filósofo, é neste momento em que, pela primeira vez, “o homem privado pisa no palco da história” (p.37), ou seja, é a partir desse período que a ideia de privado passa a estar mais diretamente ligada à interioridade, alcançando um sentido mais próximo do considerado atualmente. Para o homem privado, a moradia e seu interior passam a significar o próprio universo, um mundo particular que contrasta com a aridez da rua. Nesse universo particular, o homem privado pode brincar de deixar sua marca, uma vez que doa

aos objetos pessoais como estojos, lenços, toalhas e caixas uma ênfase muito peculiar, como se através da posse destes objetos pudesse assegurar uma sensação de personalidade que não encontrava no âmbito público. Com sua afinada sensibilidade descritiva, Benjamin (2007), fornece uma bonita imagem ao sugerir que os burgueses preferiam tecidos como o veludo, já que estes conservavam o contato e o rastro dos dedos por mais tempo. “Habitar significa deixar rastros. No interior, eles são acentuados” (BENJAMIN, 2006, p.38), assim, a casa, e tudo o que havia nela, ficou impregnada de um tom de personalidade, de interioridade, em suma, de um tom de intimidade.

Cabe salientar que, de acordo com os autores citados até aqui, existe uma profunda ligação entre a construção da intimidade no interior do âmbito privado e a ascensão da burguesia enquanto classe dominante. De acordo com D’Incao (2013), o século XIX é marcado pelo surgimento de uma nova mentalidade, qual seja, a burguesa. Assim, a burguesia enquanto classe em ascensão modifica a estrutura estabelecida, deixando de estar submetida à ordem hierárquica, passando a influir nas questões políticas, econômicas, bem como, nos modismos e estilos de vida. Dito de outro modo é a partir do novo panorama instaurado pelo mundo burguês que as demandas da intimidade se intensificam. Como aponta Prost (2009), o desabrochar da intimidade centrado na vida privada burguesa do século XIX, viria a se espalhar para toda a população no século seguinte. Para ele, o século XX é o século da democratização da história da vida privada e de seus desdobramentos.

De fato, em nossos dias, facilmente concordamos em pensar a casa como esse espaço pessoalizado, vinculado ao aconchego e a familiaridade, do mesmo modo que concebemos a rua como uma esfera menos protegida, que exige algumas reservas, já que abrange a dimensão da multidão, expondo-nos ao olhar de inúmeros estranhos. Da Matta (1997), em sua rica análise sobre o significado da casa e da rua para a realidade brasileira, destaca que de acordo com cada um desses espaços existem claras mudanças em nossas atitudes que variam desde gestos, assuntos, papéis sociais, até mesmo ao modo como nos vestimos. Em casa, somos “supercidadãos”, diz Da Matta (1997), pois podemos exigir atenção, querer um lugar determinado e permanente na família, requerer nosso espaço próprio, ou seja, em casa, não somos indivíduos, somos pessoas. Já na rua, somos

“subcidadãos”, pois nela passamos por indivíduos anônimos, que não possuem nem paz nem voz, estamos diluídos na massa, no impessoal.

DaMatta (1997), ressalta que a fronteira entre a casa e a rua abrange não somente a dimensão do espaço, mas também a do tempo. Neste sentido, a própria concepção que temos dos dias da semana posiciona o sábado e o domingo como tempos mais internos, ou seja, dedicados à família e à casa – diríamos: tempo de intimidade - e os dias considerados comuns, são experienciados como tempos externos, dedicados à rotina e ao trabalho. O autor também destaca algumas expressões correntes em nossa língua que demarcam de forma viva os sentidos envolvidos nesses dois âmbitos. Por um lado, frases como “vá para o olho da rua” ou “estou na rua da amargura” designam situações que vinculam a rua à sentimentos hostis, distantes e de desamparo. Em contrapartida, quando dizemos “me sinto em casa” estamos, geralmente, expressando uma sensação de bem estar, de aconchego e de familiaridade.

O tom de intimidade impresso nos detalhes da casa, nos objetos pessoais, em sua disposição nos diferentes cômodos, a intimidade que se esconde e se protege dos olhares estranhos, que reposiciona o relacionamento entre os membros da família, que está presente na relação com o espaço e com o tempo, que afeta, até mesmo, o nosso modo de falar é, justamente, essa construção da intimidade que desejamos marcar. Essa condição que vincula a intimidade ao privado, ao interior, à casa e à família é, como podemos perceber, uma construção iniciada há séculos atrás, mas fundamentalmente solidificada na fase novecentista. Apesar dos novos desdobramentos que a intimidade virtual tem produzido no cotidiano atual, como discutiremos no próximo capítulo, percebemos que ainda faz sentido, em nossos dias, pensarmos nessa intimidade privada, nutrida por uma atmosfera de familiaridade e protegida pelas paredes da interioridade.

3.2

A intimidade e o desabrochar da interioridade

Sibilia (2008) narra um famoso episódio vivido pela escritora inglesa Virginia Woolf, no outono de 1928. Em uma conferência ministrada na ocasião, a respeito da relação entre a mulher e a ficção, a escritora se empenha em responder o intrigante questionamento sobre os motivos de haver, até então, pouquíssimas

boas obras escritas por mulheres. Sibilia (2008) resume a resposta de Woolf da seguinte forma: “porque não tinham um quarto próprio. Faltava-lhes um espaço privado, uma habitação exclusiva para elas, onde pudessem ficar a sós” (p.55). Depois do referido episódio, Woolf (2014) publica, em 1929, a síntese desta e de outra conferência sobre o mesmo tema, sob o título original de *A room of one's own* - Um quarto só para si - no qual defende a ideia de que para a mulher alcançar a possibilidade de escrever é necessário possuir um mínimo de dinheiro e um quarto próprio.

Partindo deste episódio, que ressalta a importância do espaço privado, Sibilia (2008) realiza uma incursão nas dobras e cantos do século XIX, nos quais, segundo ela, um modo particular de subjetivação passou a germinar. Uma subjetividade interiorizada, obscura, dotada de uma “profundeza abissal”, que contava, a partir de então, com as sólidas paredes da casa e, mais ainda, com o refúgio solitário do quarto, como mencionou Woolf², para se expandir e se fortalecer. Como vimos anteriormente, este é o período em que as casas erguem seus muros, fortalecem suas paredes e fecham suas cortinas. Perrot (2011) comenta a tardia reviravolta na arquitetura doméstica, destacando quanto tempo foi necessário para que o desejo apontado pelo título de Woolf, de possuir um quarto só para si, se tornasse uma realidade vivida nas quatro paredes da casa. O quarto privado, tal como hoje o concebemos, foi uma conquista significativa e de repercussões grandiosas na exploração do sentimento íntimo de si mesmo:

O quarto é uma caixa, real ou imaginária. Quatro paredes, teto, chão, porta e janela estruturam sua materialidade [...] Seu fechamento, como um sacramento, protege a intimidade do grupo, do casal ou da pessoa. Daí a grande importância da porta e da chave, esse talismã, e das cortinas, esses véus do templo. O quarto protege: você, seus pensamentos, suas cartas, seus móveis, seus objetos. Muralha, ele afasta o intruso. Refúgio, ele acolhe (PERROT, 2011, p.16).

O quarto passa a ser um espaço de introspecção, de leitura silenciosa, de estudo, além de ser o recinto protegido onde se cultivava a prática confessional de escrita de diários e de longas cartas íntimas. Os movimentos de introspecção feitos nos quartos, diz Sibilia (2008), conduziram as pessoas à tendência de tentarem “ler a si mesmas”, no silêncio da interioridade (p.98). Diante disso,

² A questão relativa à condição da mulher neste contexto, suscitada pelo comentário de Woolf, será abordada na próxima seção.

percebemos que para além da privatização da vida familiar e doméstica, ocorrida nesta época, outra faceta também estava em curso: a privatização da vida individual, que encontrava, agora, no quarto próprio, o espaço propício para acolher as demandas da intimidade e da interioridade.

Notoriamente, essa visão interiorizada que compreende uma subjetividade encapsulada e solipsista é uma construção anterior ao século XIX, como apontamos. Essa visão se alicerça na ideia de uma subjetividade moderna, atribuída primordialmente a Descartes (FEIJOO, 2011). Sua concepção de *res cogitans* fornece uma visão da mente como um reservatório de conteúdos, sendo sua interioridade um profundo manancial, no qual residem as representações. As postulações cartesianas do século XVII são, a nosso ver, as bases sobre as quais se estabelecem muitos desdobramentos posteriores, principalmente a condição aqui assinalada de um fortalecimento do culto à interioridade. Em outras palavras, é porque a visão de subjetividade moderna já está estabelecida que faz sentido, no século XIX, cultivar a interioridade e buscar a intimidade.

Neste mesmo contexto, Sibilia (2008) destaca que o *homo psychologicus*, isto é, o homem introdirigido se tornou o protagonista dos dramas e mudanças vividos nas sociedades industriais do mundo ocidental, que tiveram seu apogeu na fase novecentista. Para a autora, essa visão da subjetividade ligada à interioridade tem seu ápice datado no século XIX e faz parte de uma construção histórica que eclode neste período: “a noção de interioridade foi inventada: pertence a um tipo de formação subjetiva que emergiu em um contexto determinado, em função de certas linhas de força que estimularam seu desenvolvimento” (SIBILIA, 2008, p.92).

A autora acentua o século XIX por considerar que nele ocorreu um importante deslocamento de repercussões políticas, econômicas e sociais. Trata-se de um deslocamento paulatino de ênfase: do coletivo para o pessoal, do universal para o singular. Em resumo, a atmosfera fria e competitiva do âmbito público provocou o seu declínio, deslocando a ênfase das preocupações sociais não mais para a coletividade. Em contrapartida, a esfera privada sofreu um inchaço, fomentando este *homo psychologicus* e suas demandas singularizadas de afetividade e de intimidade (SIBILIA, 2008).

Simmel (1971) fornece uma importante contribuição para o entendimento deste deslocamento, porém pelo viés do individualismo, distinguindo seu sentido

nos diferentes modos de vida dos séculos XVIII e XIX. O primeiro é entendido pelo autor como um individualismo quantitativo, derivado do ideário de liberdade, igualdade e fraternidade e envolto na aura do iluminismo. Tal individualismo conduzia a uma visão de homem universal, abstrata e genérica, considerando-o como cidadão livre e autônomo. Já o segundo, envolto na visão romântica do século XIX, seria, inversamente ao primeiro, entendido como qualitativo. Este tendia a ressaltar o caráter de diferença do homem, isto é, seu traço único, insubstituível. O individualismo qualitativo é marcado pelo culto à singularidade e pela ênfase na dimensão de vida interior.

A análise de Simmel (1971) a respeito do individualismo qualitativo se aproxima da presente discussão, na medida em que aponta para uma concepção de homem que foi sendo construída a partir da crise do exterior com o interior, ou seja, a cidade grande e seu clima hostil não favoreciam esta visão individualista voltada para as qualidades particulares. Por isso, como demonstra o autor, a visão romântica do século XIX conduziu a um distanciamento da realidade exterior em prol de um espaço interiorizado onde era possível se desenvolver o culto de si mesmo. Em suas palavras, para esta visão romântica: “cada pessoa assume e deveria assumir uma posição que ela e ninguém mais pode preencher. Uma posição que deve ser procurada até ser encontrada” (SIMMEL, 1971, p.272), isso significa, que o homem não pode se contentar em ser mais um no mundo, ele deve lutar para ser ele próprio um mundo para si mesmo.

A busca de ser para si próprio um mundo, a busca de ressaltar as qualidades individuais para afirmar um espaço diferenciado e próprio aproximou, então, as noções de individualidade e intimidade. Esse precioso tesouro íntimo, aquilo que há de mais genuíno em cada um, era, fundamentalmente, aquilo que se cultivava na interioridade, na privacidade, no âmago de si mesmo, afastado e protegido dos olhares estranhos e anônimos da rua.

Corbin (2009) também aponta para o florescimento da concepção de identidade individual no século XIX, salientando nuances interessantes que, segundo ele, favoreceram o seu desabrochar. Ainda neste século, era escassa a presença de espelhos nas casas e demais ambientes. Sua difusão somente ocorreu no final do referido século. A partir desse contexto, Corbin (2009) coloca em questão a repercussão que a ausência de espelho produzia, posto que sem contar com a possibilidade de se verem de corpo inteiro, as pessoas buscavam ler sua

identidade corporal através do olhar do outro. Desta forma, a difusão dos espelhos permitiu uma nova visada sobre si, agora, mais individualizada, posto que, finalmente, podia ser realizada a sós.

Além dos espelhos, o autor também aponta para o surgimento da fotografia, que é datada no mesmo século, como mais um recurso que garante a possibilidade de construção da identidade individual. A fotografia democratiza a possibilidade de representação e posse da própria imagem. Outra novidade, que implica em desdobramentos no mesmo sentido, diz respeito, a dimensão do leito próprio e individual, que passa a favorecer o desabrochar do monólogo interior e da reflexão sobre si (CORBIN, 2009; PERROT, 2011).

Quem também problematiza essa fase novecentista é Sennett (1993), ao descrever minuciosamente as transformações históricas que conduziram ao declínio da vida pública em prol de uma vida privada para o novo homem psicológico nascente. Segundo o autor, o mito de que os males da sociedade são derivados da impessoalidade, da alienação e da frieza foi um discurso produzido para destituir o lugar do âmbito público em favor de uma ideologia da intimidade, na qual o vínculo afetivo, próximo e pessoal passou a ser considerado como um bem moral. Ainda acrescenta que esse discurso veio à baila a fim de servir aos interesses do capitalismo industrial produzindo uma forte pressão de privatização na sociedade burguesa do século XIX.

Como comenta Sennett (1993), os burgueses como classe ascendente criavam aos poucos uma identidade própria, que faziam deles potenciais consumidores. Nessa época, passa-se, então, a valorizar as aparências, a forma de se portar e de se vestir como representantes do valor e do *status* dessa proeminente classe. Para o capitalismo industrial era fundamental o apelo de que a aparência exterior fosse vista como um símbolo do valor pessoal, posto que era preciso fortalecer a dimensão individual e intimizada para dispor de um número cada vez maior de potenciais consumidores. Desta forma, ressalta o autor, a dimensão individual foi se sobrepondo à coletiva e, conseqüentemente, o âmbito público foi declinando diante do privado, visto que o segundo representava, agora, o espaço propício para a estimulação deste novo homem psicológico, excessivamente preocupado consigo mesmo e com suas necessidades.

Sennett (1993) considera que essa imaginação psicológica da vida, esse excesso de zelo pelo eu, provocou amplas conseqüências sociais, pois incitou a

busca por significações intimizadas em tudo e em todos, até mesmo em espaços tradicionalmente vinculados à impessoalidade. Assim, as relações do domínio público passaram a ser vistas como frias e impessoais, já que elas não abasteciam as pessoas com recompensas psicológicas:

Como essa imaginação psicológica da vida tem consequências sociais amplas, quero chamá-la por um nome que pode parecer inadequado à primeira vista: esta imaginação é uma visão íntima da sociedade. “Intimidade” conota calor, confiança, e expressão aberta de sentimentos. Mas, precisamente porque acabamos por esperar tais benefícios psicológicos permeando a gama de nossas experiências e precisamente porque muita vida social que tem uma significação não pode conceder tais recompensas psicológicas, o mundo exterior, o mundo impessoal, parece nos decepcionar, parece rançoso e vazio (SENNETT, 1993, p.17).

A ideologia intimista ou, como designou Sennett (1993), a “tirania da intimidade” se refere, precisamente, a essa tentativa de impregnar todas as esferas da vida cotidiana com um tom psicologizado e, desta forma, fortalecer a crença na impessoalidade como um mal social que deve ser evitado. O que está em questão para Sennett não é apontar para o caráter tirânico da intimidade, mas sim para o caráter tirânico do uso que a ideologia capitalista fez da intimidade, utilizando essa faceta aconchegante e protegida da vida para destituir a legitimidade do âmbito público e incitar nas pessoas a busca pelos fins que eram de interesse desta ideologia.

Lasch (1991) realiza uma crítica semelhante aos imperativos do capitalismo industrial, partindo da perspectiva privada da família. Sua crítica se dirige mais propriamente ao discurso sociológico produzido ao longo do século XX, que tende a pensar que o movimento de privatização e de isolamento da modernidade teria transformado a família em um núcleo fechado e impermeável às influências externas. O autor retruca duramente essa posição afirmando se tratar de um falso discurso, uma vez que a suposta santidade impermeável do lar não passa de uma ilusão, num mundo dominado pelo ideário capitalista que se infiltra em todos os cantos da vida e a domina com suas imposições:

O conceito de família como refúgio em um mundo sem coração dava por aceite a separação drástica entre trabalho e tempo livre e entre vida pública e privada. O aparecimento da família nuclear como forma principal de vida familiar é um reflexo do alto valor que a sociedade moderna conferiu à privacidade, enquanto a glorificação da mesma, por sua vez, refletiu a desvalorização do trabalho. À

medida que a produção alcançou maior complexidade e eficiência, o trabalho se tornou cada vez mais especializado, fragmentado e rotineiro [...] nesta perspectiva a produção é interessante e importante apenas porque nos permite desfrutar as delícias do consumo (LASCH, 1991, p.28).

Como demonstram Sennett (1993) e Lasch (1991), essa relação entre intimidade e privacidade não foi somente uma associação reconfortante para os homens acuados em “um mundo sem coração”. Apesar dos inúmeros desdobramentos favoráveis conquistados através da associação entre intimidade e privacidade, ela, da mesma forma, esteve a serviço das necessidades de um sistema hostil, que passou a vigorar a partir da revolução industrial. Mas, para além da crítica aos interesses capitalistas, o que pretendemos ressaltar é o desabrochar de um culto à interioridade derivado desse longo processo de mudanças no cotidiano social. A reclusão nas paredes protetoras do quarto e a busca pelo mais íntimo de si mesmo foram processos fundamentais para a difusão da perspectiva da intimidade atrelada à dimensão da privacidade.

3.3

Mulher, família e intimidade

O caminho percorrido até aqui, que visa a descrever a construção sócio-histórica da noção de intimidade, revela um movimento de isolamento e de interiorização da família mediante ao caráter anônimo que levou a vida pública ao declínio. Avançando ainda mais, encontramos por detrás das portas e janelas fechadas da casa, no interior privativo do lar burguês, aquela que se tornou a “dona de casa”, a “rainha do lar”, em suma, encontramos a mulher, ocupando o centro da vida privada.

O novo lugar assumido pela mulher na família é outra faceta basilar no fortalecimento da noção de intimidade. Ambas estão intrinsecamente ligadas, posto que o cuidado com relação às demandas da intimidade foi colocado nas mãos das mulheres. Como comenta Perrot (2011) muitas culturas tradicionalmente vinculam à mulher ao interior, ao privado: “‘Toda mulher que se mostra se desonra’. ‘Uma mulher em público está sempre fora do lugar’, dizem em termos quase idênticos Pitágoras e Jean-Jacques Rousseau” (p.131). Vemos,

através dessas referências de Perrot (2011) que a associação entre mulher e privado é extremamente rígida e, também, longínqua.

Focando no século XIX, percebemos que enquanto os homens saíam para trabalhar e encaravam os desafios do âmbito público, as mulheres ficavam em casa, encarregadas de nutrir o lar privado, a fim de torná-lo um refúgio afetivo contra a frieza sentida nas ruas. Desta forma, o movimento de mudanças novecentista redundou na intensificação da dicotomia no cotidiano social, que abrangia várias facetas, inclusive, a de gênero. De um lado, tínhamos a rua, domínio público, marcado pelo trabalho formal e assalariado, que se tornou primordialmente masculino. Do outro a casa, domínio privado, espaço da família com sua atmosfera afetiva e intimista, impregnado, a partir de então, por uma tonalidade essencialmente feminina.

Antes, porém, de avançarmos nessa reflexão, retomamos a célebre frase de Beauvoir (2009), “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (p.361), ou seja, é de suma importância considerar que este lugar assumido pela mulher não pode ser compreendido como sendo relativo a uma determinação natural. “A razão profunda que, na origem da história, vota a mulher ao trabalho doméstico e a impede de participar da construção do mundo é sua escravização à função reprodutora”, diz Beauvoir (2009, p.177). Essa ideia era usada para justificar o discurso vigente de que a mulher somente poderia alcançar sua realização se dedicando as tarefas pertencentes ao âmbito privado. Desta forma, a mulher foi enclausurada em uma determinação biológica, como se fosse dotada de capacidades naturais para exercer o cuidado das necessidades pertencentes a essa esfera.

Segundo a filósofa, se desejamos compreender a situação da mulher não podemos partir deste falso discurso reducionista e determinista. Devemos sim, considerar que o lugar da mulher é fruto e uma longa construção histórica. Pensando juntamente com Beauvoir, não podemos nem mesmo afirmar que pertence à natureza feminina ser afetiva, protetora, podendo, assim, servir de berço para a intimidade que se fortalecia no bojo da família burguesa. Consideramos que até mesmo esse lugar foi historicamente construído e são, justamente, as condições que possibilitaram a edificação desta mulher devotada às demandas da intimidade que buscaremos remontar agora.

Primeiramente, percebemos o novo lugar da mulher sendo construído a partir das alterações vividas na família. Com o espesso muro da privacidade construído para proteger a atmosfera do lar, a família sofreu expressivas modificações em sua organização. O movimento de isolamento descrito pela literatura como a “privatização da família” desembocou num novo modelo, caracterizado pela união fundada na livre escolha, no amor e embasada em valores igualitários (LASCH, 1991; VAISTMAN, 1994; JABLONSKI, 1998; SINGLY, 2007; PROST, 2009; D’INCAO, 2013). Várias designações são utilizadas pelos estudiosos da família para dar conta deste novo modelo em ascensão: “família burguesa”, “família nuclear” ou “família conjugal moderna”. Mas, em resumo, o que está em questão nessas múltiplas designações é a emergência de uma organização marcada pelo seu encurtamento, cada vez mais restrito ao núcleo central dos pais e filhos, assim como seus novos ideais envoltos em valores românticos, pessoalizados e intimizados.

Apesar desses ideais, é possível notar a permanência de valores hierárquicos e patriarcais na nova organização da família, sustentando a subordinação da mulher frente ao homem, como ressalta Vaistman (1994). A autora contextualiza a permanência desta estrutura hierárquica nas relações da família conjugal moderna, destacando a revalorização que o capitalismo industrial incutiu na concepção de propriedade privada. Esta passou a ser vista como representante do *status* social, como reveladora da qualidade individual do proprietário, em suma, como símbolo da nova concepção de indivíduo que se fortalecia. Em outras palavras, para ser alguém na sociedade burguesa industrial era necessário possuir bens, ter posses.

Vaistman (1994), então, argumenta que esse panorama foi decisivo para a exclusão da mulher das condições que passaram a configurar a concepção de indivíduo. A divisão sexual do trabalho, segundo a autora, colocava as posses, os bens e as propriedades nas mãos do homem, cujo trabalho assalariado assegurava o caráter de produtivo e, portanto, de legítimo “indivíduo” detentor da propriedade. Já a mulher foi devidamente excluída do contorno do trabalho público, ficando encarregada do ofício do lar, considerado, até então, como invisível, sem valor e improdutivo. Ela não possuía nada e nem podia, pois cabia ao homem provedor a representação legal e a administração dos bens da família.

Restava-lhe arrumar um “bom” casamento e encontrar um papel social subordinado ao do marido.

Maluf e Mott (2012) realizam um estudo sobre a condição da mulher brasileira no início do século XX, destacando a mesma estrutura de subordinação ao homem apontada por Vaistman. Nas primeiras décadas do século passado, ainda era recomendável a uma mulher casada, de ar respeitável, sair à rua somente acompanhada do esposo ou de outro homem pertencente à família. Além do julgo moral, a mulher era igualmente cerceada pelas leis vigentes que não lhe favoreciam. De acordo com o Código Civil Brasileiro de 1916, cabia ao homem à representação legal da família, a administração dos bens comuns do casal e dos particulares da esposa, assim como, a possibilidade de escolha do local de domicílio da família, que variava, principalmente, com relação ao seu local de trabalho. Além disso, a submissão assegurada por lei ganhava um tom ainda mais pesado quando estipulava que o direito ao trabalho da mulher casada estava sob a tutela do marido, que deveria autorizá-la. As autoras ressaltam que todo este contexto que afirmava a superioridade dos homens, contribuía fortemente para a desumanização do lugar da mulher, destituída, por conseguinte, da posição de sujeito histórico:

O dever ser das mulheres brasileiras nas três primeiras décadas do século foi, assim, traçado por um preciso e vigoroso discurso ideológico [...] que acabou por desumanizá-las como sujeitos históricos, ao mesmo tempo que cristalizava determinados tipos de comportamento convertendo-os em rígidos papéis sociais. “A mulher que é, em tudo, o contrário do homem”, foi o bordão que sintetizou o pensamento de uma época intranquila e por isso ágil na construção e difusão das representações do comportamento feminino ideal, que limitavam seu horizonte ao “recôndito do lar” e reduziam ao máximo suas atividades e aspirações, até encaixá-la no papel de “rainha do lar”, sustentada pelo tripé mãe-esposa-dona de casa (MALUF & MOTT, 2012, p.373).

A imagem de mãe-esposa-dona de casa era vista como a função mais essencial de uma mulher, não havendo outra forma de realização para ela que não fosse sustentada neste tripé. As autoras ainda ressaltam que esse discurso era repetido pela Igreja, pelos médicos, juristas, reforçado pela própria imprensa, além de ser legitimado pelo Estado. Desta forma, enclausurada nesse triplo papel a mulher se isolava na interioridade, atribulada pelas demandas da vida doméstica e pelas cobranças do marido, a quem devia obediência. Como bem ilustra

Beauvoir (2009), sua vida era devotada a ele, não somente no sentido das atribuições e tarefas domésticas, mas, fundamentalmente, num sentido existencial, posto que “ser mulher” naquela época era ser pertencente à história de outrem, qual seja, ser pertencente à história de um homem:

Ela toma-lhe o nome, associa-se ao seu culto, integra-se em sua classe, em seu meio; pertence à família dele, fica sendo sua “metade”. Segue para onde o trabalho dele a chama; é essencialmente de acordo com o lugar em que ele trabalha que se fixa o domicílio conjugal; mais ou menos brutalmente ela rompe com o passado, é anexada ao universo do esposo, dá a ele a sua pessoa, deve a ele a virgindade e uma fidelidade rigorosa (BEAUVOIR, 2009, p.551).

Destituída do nome próprio, do lugar próprio, de existência própria, a mulher vivia tomando emprestado às necessidades dos outros. Pesava sobre ela, cada vez mais, a missão de fortalecer os laços íntimos entre os parentes. Competia à mulher a perpetuação da história familiar, a condição de assegurar o ritmo do cotidiano e a manutenção da atmosfera de proteção da casa. Segundo D’Incao (2013), com relação ao marido, cabia a ela sustentar uma boa reputação, sendo atenciosa, fiel e educada, de modo a, conseqüentemente, contribuir para a manutenção da boa imagem do marido enquanto homem público. Com relação aos filhos, era incumbida da imagem de mãe dedicada em tempo integral, tarefa esta, que se tornava ainda mais complexa mediante ao surgimento dos especialistas, como os médicos e psicólogos, empenhados em “educar” a mulher para o seu papel de guardiã do lar e da família” (D’INCAO, 2013, p.230).

Cabe ressaltar que essa preocupação com a educação dos filhos, da qual a mulher ficou encarregada, é mais uma das inovações que se fortalece neste período. Antes do século XVIII, como esclarece o clássico estudo de Ariès (1981) a dimensão da infância ocupava um lugar de invisibilidade e, desta forma, os adultos se comportavam de modo indiscriminado diante das crianças, que assistiam e participavam de tudo. Consideradas como “adultos em miniatura”, suas especificidades e demandas eram tratadas com indiferença. Ariès (1981) fala, então, da “invenção” da infância e, com isso, de uma nova organização da célula familiar. Ressalta que a grande novidade não era exatamente a morfologia da família, mas a ênfase no sentimento doméstico que passou a vigorar a partir daí, afetando e transformando a ligação entre seus membros.

Já no século XIX, diante da perspectiva de mundo que se delineava, na qual a vida privada burguesa colocava a afetividade, a pessoalidade e a intimidade como cerne das relações e do cotidiano, a criança passa, então, a ocupar um lugar ainda mais privilegiado na família. De acordo com Perrot (2009), nesta época, os filhos representam a zona limítrofe entre os interesses públicos e privados, uma vez que, por um lado, simbolizavam o futuro da nação, da raça, interessando, assim, à coletividade, e por outro, como herdeiros, representam o futuro da família, a possibilidade de extensão de sua história, ou, ainda, nas palavras da autora “sua imagem sonhada e projetada, sua forma de lutar contra o tempo e a morte” (p.134).

Diante disso, é importante destacar a profunda responsabilidade feminina na formação desses filhos-herdeiros, dando à mulher um grandioso e decisivo poder. Detentora e propagadora dos valores domésticos era ela quem ficava encarregada de transmiti-los aos novos homens, os possíveis construtores do futuro da família e da sociedade. Além da educação e dos valores, a mulher foi colocada como símbolo de afetividade, principalmente, com a idealização cada vez mais forte da maternidade, propagada a partir do final do século XIX (BADINTER, 1985). As demandas da intimidade repercutiram em novas formas de relacionamentos entre mãe e filhos, enfatizando o vínculo próximo e caloroso. Nesse contexto, a mulher, segundo Vaistman (1994), passou a encarnar tudo o que a vida privada e familiar representava no imaginário social. A faceta maternal se tornou o grande símbolo da afetividade feminina.

Somente a partir da segunda metade do século XX, as mulheres passaram a desafiar de forma mais notória a ordem estabelecida, abalando a conjuntura dicotômica entre a casa e a rua, com o ingresso consistente no mercado de trabalho. Essa atitude desestabilizou a dicotomia entre as duas esferas, exigindo que os valores igualitários pudessem de fato sair do plano ideal e, assim, ganhassem contornos mais palpáveis. O trabalho doméstico feminino começa a ser visto como uma alienação, como uma sujeição ao homem (PROST, 2009). Desta forma, “trabalhar fora” passa a ser uma das grandes bandeiras do movimento feminista, servindo de símbolo de emancipação e de luta pela igualdade entre os sexos.

O movimento crescente de inserção feminina na arena pública, principalmente entre os anos 60 e 70, afetou diretamente as relações da família e

do casamento, uma vez que as mulheres passaram a se dividir entre os dois âmbitos e, conseqüentemente, passaram, também, a exigir uma maior participação masculina nas tarefas da vida íntima, do lar e dos filhos. Evidentemente, a participação da mulher no domínio público não é um acontecimento exclusivo das referidas décadas. Como demonstra Lasch (1999), as mulheres novecentistas realizavam várias tarefas que as faziam sair de casa, como trabalhos comunitários e voluntários, assegurando, assim, um espaço na vida pública. Contudo, é inegável que através do movimento feminista a mulher passa a ter uma nova dignidade em sua atuação pública, agora sim, mais igualitária. A possibilidade de atrelar o trabalho à realização profissional e pessoal e, não apenas, a simples contribuição na renda da família, também floresce neste período. Vale lembrar, a título de exemplo do valor das conquistas alcançadas pela revolução feminista que, em 2014, no momento em que essas linhas são escritas, temos na presidência do Brasil uma mulher, fato este totalmente impensável nas primeiras décadas do século XX, quando elas nem mesmo tinham o direito de votar³.

Parafraseando novamente Beauvoir (2009), se não se nasce mulher, se essa não é uma condição natural e, sim, uma circunstância construída, isso indica que ela pode, também, ser transformada. Na medida em que a trajetória histórica coloca nas mãos da mulher a reponsabilidade pelas demandas da intimidade, dá a ela, ao mesmo tempo, a possibilidade de transformação dessa história. Neste sentido, ressaltamos que, a revolução feminista, que tem como marco as décadas de 60 e 70, está para além de uma revolução na relação de trabalho. Mais do que isso, o que está em jogo é, também, uma revolução da intimidade, como muito bem apontou Giddens (1993).

Essa revolução da intimidade gerada pelas mulheres foi embalada pela importante conquista dos métodos contraceptivos, em especial, a pílula. A partir do momento em que a mulher ganha a possibilidade de separar a vivência da sexualidade da conseqüente gestação, a sexualidade feminina se transforma. Agora, maleável e autônoma essa “sexualidade plástica”, como denomina Giddens (1993), “é a sexualidade descentralizada, liberta das necessidades de reprodução” (p.10), que pode, então, ser vivida e explorada pela mulher na sua faceta prazerosa, relacional e íntima.

³ O direito ao voto feminino no Brasil foi garantido em 1932, através do decreto 21.076 do Código Eleitoral Provisório.

Assim, detentora da possibilidade de viver a sexualidade de forma livre, a mulher passou a exigir cada vez mais dos relacionamentos afetivo-sexuais. Uma nova roupagem afetiva foi instaurada nestas relações, de modo a permitir que homens e mulheres passem a explorar a intimidade de um modo mais próprio e, agora, também, mais igual. Para tal, se fez necessária uma transformação masculina, com uma maior cobrança de que os homens, igualmente, pudessem aprender uma linguagem emocional. É, justamente, esse aspecto da intimidade que exploraremos na próxima seção, uma vez que de fato depois da “saída” da mulher do seu antigo lugar de submissão, a casa, a família e, sobretudo, o casamento, nunca mais foram os mesmos, como veremos a seguir.

3.4

As transformações da intimidade na conjugalidade

A noção de intimidade que investigamos até o presente momento aponta para aquilo que é preciso esconder, para o que não pode ser exposto diante da aridez da publicidade, para o que deve ser feito e mantido na interioridade do quarto, ou ainda, para aquilo que só pode ser escrito em um diário e depois trancado a sete chaves. Em suma, a intimidade nascente do estilo de vida burguês do século XIX é frequentemente marcada pela associação com o secreto, com o impenetrável, com o que se partilha entre poucos na privacidade. Contudo, avançando nesse itinerário histórico e alcançando as últimas décadas do século XX, percebemos, então, que a intimidade ganha uma nova e viva faceta, através da revolução produzida pelas mulheres, como mencionamos ainda há pouco.

Pretendemos demonstrar, precisamente, os desdobramentos que a transformação da intimidade provocou nas relações afetivo-sexuais, afetando, conseqüentemente, a concepção de casamento. Na medida em que a intimidade passa a ocupar um lugar fundamental nos relacionamentos, as pessoas, hoje, redefinem e expandem suas formas de se vincularem, ressaltando, sobretudo, a qualidade dos sentimentos compartilhados entre os parceiros. Dito de outro modo, a questão da forma, do modelo de relação foi flexibilizado em prol do advento de novas configurações. É, justamente, isso que se entende por conjugalidade, ou seja, a múltipla e rica teia de possibilidades de arranjos que compõe as diferentes formas de relação amorosa nos dias atuais. Mas, antes de focarmos nesta recente

articulação entre intimidade e conjugalidade, daremos, novamente, um passo atrás, buscando compreender os contornos que compunham o casamento no século XIX, a fim de iluminar o cenário de mudanças que iremos descrever a seguir.

3.4.1

Amor e sexualidade: o pudor no casamento do século XIX

Segundo a literatura, o casamento, durante muito tempo, teve como função a formação de alianças, isto é, priorizava estabelecer uma ligação entre duas famílias e permitir que elas preservassem seus bens e suas tradições (SAMARA, 1983; FÉRES-CARNEIRO, 1987; KUZNESOF, 1989; ALVES, 2000; MALUF & MOTT, 2012). A pesquisa realizada por Samara (1983), a respeito da família paulista do século XIX, revela que os casamentos desta fase, em sua grande maioria, visavam à manutenção do *status* e da condição financeira das famílias. Quanto mais tradicionais elas eram, maiores ainda eram as expectativas e as cobranças. Nas palavras da autora: “quando se tratava de nomes importantes, os critérios de seleção levavam em conta um quadro de valores onde raça, riqueza, ocupação, origem e religião eram fatores altamente significativos” (SAMARA, 1983, p.44). Os casamentos, desta forma, ocorriam em círculos sociais limitados e, frequentemente, eram determinados pela família dos cônjuges.

Alves (2000), pesquisando o universo das mulheres brasileiras no final do século XIX, também encontrou discursos que destacam a interferência das famílias na escolha dos casamentos. De acordo com a autora, não bastava para a mulher ser desejável para atrair um pretendente. Mais do que tudo era necessário à aprovação da família, pois ela é que detinha o poder de arranjar o casamento e de avaliar o que era considerado melhor para a filha. Além disto, relatos obtidos pela pesquisadora apontam que, devido às duras repressões sofridas pelas moças em suas famílias de origem, o casamento representava para elas uma tentativa de sair de casa, acreditando que, assim, se libertariam da condição de opressão. Para os pais, casar uma filha era livrar-se da responsabilidade de ter de mantê-la e preservá-la.

Todo este excesso de rigor e de falta de espontaneidade não favorecia o desabrochar da intimidade, uma vez que o casamento permanecia atrelado à ideia

de “contrato”, visando à manutenção de conveniências econômicas entre famílias. Mesmo diante desse rígido cenário, surgia, em paralelo, o fortalecimento cada vez maior dos valores românticos, que supunham o amor como condição primeira para o casamento. Na verdade, o movimento romântico tem seu marco no século XVIII, sustentado em princípios como a liberdade e a busca pela autorrealização, que incitavam uma diferenciada perspectiva de casamento. Contudo, como apontam Giddens (1993) e Vaistman (1994), os valores românticos se mantiveram, por muitas décadas, como ideais e não como realidades vividas pelos casais. Este fato explica a discrepância entre os pressupostos românticos e os exemplos anteriores de Samara (1983) e Alves (2000), nos quais o casamento parecia, ainda, bastante afastado do amor. A assunção concreta do amor como o sentido fundamental para o casamento é recente, foi sendo lentamente conquistada nas nuances das transformações da intimidade que ocorriam no cotidiano das famílias.

Isto significa que o amor não existia antes disso? Isto denota que diante da pressão do casamento como aliança entre famílias, as pessoas não se amavam? Evidentemente, o amor existia e já provocava rebuliço como percebemos, em vastos exemplos literários ao longo dos séculos. No clássico shakespeariano, “Romeo e Julieta”, datado do século XVI, vemos, precisamente, o conflito entre famílias, seus interesses e restrições, a proibição de um amor e sua vivência clandestina que acaba em tragédia. No entanto, mesmo contando com paixões arrebatadoras, a atmosfera do século XIX ainda não favorecia a vivência do amor conjugal. Com os pais tendo a tutela da decisão matrimonial, com a casa sem paredes e quartos ainda escassos ou compartilhados, com a rígida moral e a intromissão da Igreja na vida cotidiana, o amor teve que se esgueirar entre as brechas e cantos possíveis para aos poucos se legitimar como símbolo primeiro da relação a dois.

Corbin (2009) fornece detalhes interessantes sobre os meandros da intimidade, no que concerne ao amor e à sexualidade, ao longo do século XIX, a começar pelo estilo de vestuário da época. Salienta que a vestimenta de sair da mulher era quase que como uma armadura, contando com inúmeros botões, laços, colchetes que, na perspectiva do futuro pretendente amoroso, se tornavam obstáculos à aproximação erótica. Como destaca o autor, nesta fase de notório tabu sexual, o desejo e o erotismo encontravam nas capas, nas pesadas

vestimentas, nos espartilhos, ou seja, nessa “ânsia de cobrir-se” (CORBIN, 2009, p.416), um preciso parapeito de proteção contra as vertigens da sexualidade.

Aliás, Cobin (2009) destaca que a palavra sexualidade é bastante recente, tendo sua primeira aparição por volta dos anos de 1859. Naquele momento, seu uso era restrito ao vocabulário médico, que ditava normas de regulação e de educação para preservar a saúde e a higiene da população. Tais normas desprezavam o prazer sexual, principalmente o feminino, uma vez que a sexualidade conjugal era vista pelos médicos, higienistas e pela Igreja, fundamentalmente, como meio de reprodução.

Com o fortalecimento do sentido de intimidade na interioridade da casa, a relação conjugal passa a contar com uma maior privacidade, tendo, finalmente a possibilidade de um quarto próprio. Isso que parece, aos nossos olhos, tão natural, nem sempre o foi, como relata Perrot (2011): “separadas por cortinas de algodão estampado, as gerações dormiam lado a lado; retirados na alcova, na grande cama de madeira, os pais se amam, a mulher dá à luz, os velhos morrem” (p.50).

O que esperar da intimidade conjugal diante deste contexto? De fato, não era possível esperar muita coisa dessa promíscua situação das antigas casas. Mas, no momento em que se instaura a possibilidade do quarto conjugal privado, a relação a dois ganha significativamente, na medida em que passa a possuir um espaço protegido para explorar a intimidade em sua faceta afetiva e sexual.

Possuindo um quarto só para si, o casal redimensiona a noção de privacidade dentro do próprio espaço privado da casa. Principalmente no que dizer respeito à mulher, certas vestimentas e penteados não eram mais toleráveis aos olhos de todos os membros da família e deveriam se restringir ao quarto conjugal. As roupas de dormir, como as camisolas, por exemplo, somente podiam ser usadas no quarto do casal, pois incitavam a dimensão erótica por serem diferenciadas dos trajes juvenis, usados enquanto solteiras. Como afirma Corbin (2009), a camisola feminina “tornou-se símbolo de uma intimidade erótica, e a menor alusão a ela, mesmo implícita, seria já então inconveniente” (p.415).

Apesar desses novos ingredientes como o quarto próprio e a camisola, o coito conjugal permanecia ainda fortemente vinculado à ideia de reprodução. Del Priore (2011) endossa a descrição dos inúmeros impedimentos colocados à sexualidade conjugal. Com o excesso de controle exercido sobre os casais a relação entre eles tornava-se mecânica, funcionando quase como uma obrigação.

Certas posições eram vistas como feias e sujas e não deveriam ser feitas, já que eram consideradas como verdadeiros pecados. O pudor no leito conjugal era tão grande, que exigia que se fizesse sexo no escuro, afastado dos espelhos, escondido entre os lençóis. Aliás, como enfatiza a autora, a Igreja com sua ideia pecaminosa com relação ao sexo foi uma das grandes rivais da intimidade conjugal: “as regras da Igreja Católica pareciam esconder-se sob a cama dos casados, controlando tudo. Proibiam-se ao casal as práticas consideradas ‘contra a natureza’. (...) o sexo admitido era restrito exclusivamente à procriação” (DEL PRIORE, 2011, p.42).

Além disso, as mulheres sofriam com a demanda paradoxal que se impunha a elas, isto é, por um lado deveriam ser sedutoras e despertar o erotismo, por outro, como esposas e mães, deviam se manter etéreas e angelicais. Neste sentido, é que se forma uma das recorrentes críticas ao amor romântico, visto que foi, justamente, através de seus ideais que a mulher se fixou neste papel de anjo maternal, destituída da possibilidade de viver a relação a dois de forma plena e livre (GIDDENS, 1993; VAISTSMAN, 1994; JABLONSKI, 1998; CORBIN, 2009). Dito de outro modo, o discurso romântico que pregava a liberdade e a igualdade, mas que, ao mesmo tempo, envolvia a mulher em uma aura divinizada serviu, na verdade, como um impedimento, mantendo-a em uma condição de subordinação ao homem. Nas palavras de Corbin:

O culto da virgindade, o angelicalismo romântico e a exaltação do pudor impõe ao burguês ardoroso a necessidade de representar o quarto e o leito conjugal como um santuário e um altar onde se consagra o santo ato da reprodução (CORBIN, 2009, p.507).

Frente ao ato sagrado que era o sexo conjugal, à mulher angelical que não podia ser maculada e ao excesso de pudor, os homens buscavam a realização da dimensão erótica com as mulheres ditas “da rua”. Em contraste com as esposas, as mulheres “da rua”, como as dos bordeis e, também, as criadas e serviçais, não carregavam as expectativas românticas e com elas os homens podiam explorar a sexualidade na sua faceta prazerosa (CORBIN, 2009).

3.4.2

Conjugalidade: mudanças e desafios da intimidade

Diante do que foi exposto, retomamos a discussão anterior que atrela as transformações da intimidade, ao longo do século XX, à história da mulher. Somente a partir do momento em que elas definitivamente se colocaram contra esse lugar de submissão e passaram a exigir uma efetiva igualdade entre os sexos tanto na rua, quanto dentro de casa, a intimidade e suas demandas se transformaram. Giddens (1993) destaca a importância que as reivindicações femininas tiveram para a criação de uma nova ordem nas relações amorosas, que priorizasse a igualdade na doação e no recebimento emocional para ambos os sexos. Segundo o autor, os princípios democráticos e os valores igualitários foram profundamente incorporados à dinâmica cotidiana das sociedades ocidentais, na segunda metade do século XX, a ponto de viabilizarem uma profunda transformação da intimidade.

A emergência do “relacionamento puro”, como designa Giddens (1993), seria fruto das reivindicações feministas e emerge como modelo significativo destes novos valores, que se alicerçavam em bases igualitárias. Tal relacionamento, ao contrário do casamento tradicional, fortemente pautado pelas regras sociais, aproximou as noções de amor e sexualidade. Assim, os envolvidos em um relacionamento puro passaram a ter como objetivo principal a exploração da intimidade. Em outra obra, Giddens (1999) acrescenta que, no passado, o casamento não tinha como base a exploração da intimidade, isso era, sem dúvida, importante para uma boa relação, mas não era o fundamental. Já para os casais da atualidade, depois da ascensão do relacionamento puro, a intimidade passou a assumir um lugar de centralidade e de base para uma possível relação.

Portanto, o que está agora em jogo na constituição das relações conjugais está muito mais ligado à qualidade dos sentimentos que unem os parceiros, do que o vínculo formal, como antigamente. As transformações do casamento ocorridas no século XX colocaram a exploração da intimidade como o fundamento para uma boa relação e como o grande termômetro para se medir a qualidade dos vínculos estabelecidos. Essa mudança proporcionou o advento de múltiplas novas configurações de relacionamento, contribuindo para a transformação e o alargamento do significado do que é “ser casal”. Precisamente, por este motivo, é

que falamos em conjugalidade, a fim de diferenciar os variados laços contemporâneos da rigidez do modelo tradicional de casamento:

Os relacionamentos contemporâneos não são mais permeados por um ideal de compromisso. Há uma supervalorização do aqui-e-agora e a continuidade do relacionamento está estritamente relacionada à satisfação individual. A partir do momento em que um dos parceiros não se vê satisfeito, pode haver a dissolução do relacionamento (FÉRES-CARNEIRO, ZIVIANI & MAGALHÃES, 2011, p.50).

Esse novo panorama que fornece à intimidade um lugar de destaque operou uma importante modificação na família, posto que antes destas marcantes transformações, o casal era uma de suas partes, juntamente com os filhos e os demais parentes. Contudo, hoje, o casal está no centro do que se entende por família. A esse respeito, Lasch (1991) acrescenta que, se o capitalismo industrial repercutiu no encurtamento da família, passando de extensa para nuclear, a segunda metade do século XX requer uma nova dinâmica, a saber, “a redução da família ao casamento” (p.181).

Recuperando as nuances que desembocaram na exaltação do casamento e do casal, Lasch (1991) aponta para as repercussões das exigências femininas. Cansadas e frustradas com as tarefas domésticas, as mulheres, segundo o autor, passaram por um esgotamento deste papel, dito “do lar”. A missão de se dedicar a criação dos filhos já não era mais suficiente para realizar a mulher da segunda metade do século passado, que contava, cada vez mais, com a crescente facilidade de acesso ao estudo e a formação superior. Frente a esse contexto, elas passaram a querer mais. As modificações exigidas por elas no casamento se pautaram, então, na luta pela flexibilização dos papéis, tais como o de esposa e de mãe, na medida em que estes passaram a ser vistos como impedimentos que violentavam suas necessidades de realização pessoal (LASCH, 1991).

Heilborn (2004) corrobora a efetiva participação da mulher nessas mudanças, destacando que a nova configuração assumida pela conjugalidade em nossos dias, marcadamente mais igualitária, acena para “a uma feminização do relacionamento conjugal” (p.117). Em outras palavras, a autora aponta para um movimento contra a tendência de demarcação dos papéis em função do gênero e ressalta a aproximação do homem de aspectos que, antes, eram considerados essencialmente femininos. O trabalho doméstico e o investimento emocional na

relação são exemplos das demandas atuais da conjugalidade, ou seja, precisamente o que autora concebe como a feminização da relação, posto que as tarefas e características, antes, exclusivamente exigidas e esperadas das mulheres são agora também colocadas aos homens.

Apesar de todas as conquistas femininas que geraram esta grande reviravolta nos relacionamentos contemporâneos, pesquisas demonstram que ainda é sobre elas que recai o maior peso das atribuições domésticas (ROCHA-COUTINHO, 2009; JABLONSKI, 2011). Jablonski (2011) comenta que segundo fontes do IBGE do ano de 2005, ainda 92 % das mulheres ativas no mercado de trabalho se dedicavam igualmente as tarefas domésticas. Isso mostra que, na prática, os ideais igualitários não são tão perceptíveis assim, posto que a mulher continua assumindo a maior parcela de responsabilidade com a casa e com os filhos. Em um estudo anterior do mesmo autor, a maioria dos homens entrevistados definiu sua participação nas tarefas do lar como uma ajuda: “eu ajudo no que posso”, “minha ajuda é grande”. Jablonski (1988), então, analisa que o fato de utilizarem o verbo “ajudar” denota que eles implicitamente consideram que a tarefa não lhes pertence.

Mesmo ainda lutando por uma legítima igualdade no que concerne às tarefas domésticas, ressaltamos que a revolução da intimidade propiciada pelas mãos das mulheres foi, de fato, uma revolução que se desdobrou em muitos ganhos, tanto para elas, quanto para eles. A conjugalidade agora mais flexível, mais calorosa, mais livre no que diz respeito à sexualidade, aproximou os membros do casal através de uma íntima e rica linguagem afetiva em comum. Entretanto, além dos ganhos, essas mudanças produziram igualmente novos desafios. Na medida em que o sentimento de intimidade se fortaleceu como base e valor para a construção dos vínculos conjugais, as expectativas foram potencializadas. Em outras palavras, depois de desfeitas as sólidas amarras que permitiam uma ordem quase “lógica” na formação dos vínculos, as problemáticas envolvidas na construção da intimidade conjugal passaram a ser mais explícitas.

Notamos, hoje, o expressivo aumento de pedidos de separações e divórcios, fato este, considerado pelos estudiosos da família e do casamento como sendo, justamente, expressão da exaltação da intimidade e suas exigências cada vez maiores (FÉRES-CARNEIRO, ZIVIANI & MAGALHÃES, 2011; JABLONSKI, 2011). A nosso ver, isso implica em pensar na complexa condição

da intimidade conjugal, na qual se faz necessária a paradoxal articulação entre a abertura para o outro e o limite necessário para se estabelecer uma boa relação. Dito de outro modo, a vinculação entre intimidade e conjugalidade foi amplamente absorvida como modelo ideal de relação, por se pautar em boas intenções, valorizando a troca, a cumplicidade e o amor, em detrimento ao modelo anterior de casamento, no qual tais questões eram desconsideradas. Sabemos que tal vinculação embalada em boas intenções é, por um lado, muito importante para tecermos sentidos, para doarmos certa ordem às nossas vidas, porém, por outro lado, essa vinculação se apresenta como uma árdua tarefa, visto que, afinal, desejamos a intimidade, mas nem sempre somos capazes de construí-la ou de suportá-la.

Féres-Carneiro (1998) colabora para essa discussão através do que considera como a fascinante dificuldade de ser casal. O que está em jogo no ato de constituição de uma identidade de casal é, justamente, o difícil convívio das individualidades com a conjugalidade, ou seja, a delicada tarefa de articular o eu, o tu e o nós. Se isso já se desdobra em um enorme desafio, a autora adverte que, hoje, tal problemática é ainda maior devido ao intenso apelo individualista de nossa sociedade, que lançam os casais diante de forças contraditórias, que exigem a preservação das individualidades, ao mesmo tempo em que se deseja conjugar uma vida a dois:

Assim, o casal contemporâneo é confrontado, o tempo todo, por duas forças paradoxais. Se, por um lado, os ideais individualistas estimulam a autonomia dos cônjuges, enfatizando que o casal deve sustentar o crescimento e o desenvolvimento de cada um, por outro lado, surge a necessidade de vivenciar a conjugalidade, a realidade comum do casal, os desejos e projetos conjugais (FÉRES-CARNEIRO, ZIVIANI & MAGALHÃES, 2011, p.48).

Quem também coloca em questão o desafio da construção da “unidade com dois” vivida pelo casal igualitário de hoje é Heilborn (2004). A autora considera que o embaraço da conjugalidade em nossos dias reside, exatamente, neste desafio paradoxal de equilibrar a unidade que encapsula o casal e a individualidade que o preserva. Em outras palavras, a autora indaga a respeito de como duas pessoas podem construir uma unidade de casal, visto que como sugere o título de seu livro: “dois é par”.

Em resumo, as demandas da intimidade parecem colocar os casais em um fogo cruzado entre os interesses próprios e os compartilhados. Esse impasse provocado pela ascensão cada vez maior de valores individualistas e igualitários se espalha nas nuances do dia-a-dia dos casais de hoje. Sabemos que, diante de tais apelos individualistas, muitos casais prezam por espaços privados dentro da própria casa como escritórios próprios, armários próprios, computadores próprios e, até mesmo, em alguns casos, banheiros próprios. É como se as pessoas, atualmente, necessitassem redefinir nichos privados dentro do próprio espaço privado da casa.

Da mesma maneira, essa necessidade se estende ao tempo. Existe o tempo do casal, mas também é desejável que exista o tempo próprio, no qual cada um possa se dedicar aos seus *hobbies*, encontrar seus amigos pessoais. A esse respeito, Heilborn (2004) assinala desdobramentos de sua pesquisa, ressaltado que:

Afinados com a perspectiva de combate ao fechamento sobre si, os entrevistados mantêm atividades isoladas, hobbies solitários ou amizades exclusivas, que além do prazer proporcionado aos indivíduos, têm o efeito de manter o parceiro afastado de uma parte de suas vidas (HEILBORN, 2004, p.120).

Em um sentido semelhante, Féres-Carneiro (2001), destaca que em suas pesquisas com casais, tanto os homens quanto as mulheres, defendem a preservação de espaços para os segredos em suas relações. Para eles, os segredos são importantes para a manutenção da individualidade e da privacidade, com a ressalva de que devem ser preservados desde que não interfiram diretamente na relação.

Todas essas necessidades de individualidade dentro da conjugalidade simbolizam o que entendemos como as demandas paradoxais da intimidade, ou seja, por um lado desejamos estar-com, mas por outro, não queremos abrir mão de nosso espaço individual. Tal armadilha lança a perguntar: como é possível ser casal e dispor de uma abertura suficiente para que a intimidade possa se desenvolver se não se pode abrir mão das individualidades?

Além da individualidade, destacamos, do mesmo modo, o ideal romântico, que perdura até os nossos dias, como outro desafio na construção e na manutenção da intimidade conjugal. Os estudos de Jablonski (2003, 2011) referentes às

expectativas diante do casamento revelam que o amor, frequentemente, aparece como máxima capaz de fazer uma relação durar. O autor salienta que nossa cultura dá extrema relevância ao amor-paixão, criando uma atmosfera mágica e sedutora ao seu redor. Uma das expectativas mais comuns é a de que um dia encontraremos nossa cara-metade, com quem será possível viver uma relação complementar, satisfatória e feliz. O autor salienta que nossa sociedade sustenta uma visão hollywoodiana da afetividade e toma, então, o amor-paixão e o casamento como sinônimos. Desta forma, os casais de hoje, filhos de uma cultura que vê na paixão uma espécie de almejado salvo-conduto universal, acabam por se frustrarem, na medida em que carregam expectativas muito difíceis de serem alcançadas.

Mesmo diante de mudanças e permanências, de aproximações e desafios, é perceptível, através dos movimentos históricos relatados até aqui, que a noção de intimidade foi se fortalecendo desde o século XIX, gerando mudanças que foram movendo-se umas sobre as outras, em um efeito cascata. A intimidade vinculada ao privado, à casa, ao quarto, à família e à mulher acabou por incitar uma nova dimensão de relacionamento. Na medida em que o espaço privado passou a ser entendido como o espaço do afeto, do amor, da sexualidade e da igualdade – em suma, o espaço da intimidade - tais condições elevaram o casal a um lugar de centralidade, produzindo, assim, a intrínseca relação que se estende até os nossos dias entre a intimidade e a conjugalidade.

4

Perspectiva sócio-histórica da intimidade virtual

Só depois que a tecnologia inventou o telefone, o telégrafo, a televisão, a internet, foi que se descobriu que o problema de comunicação mais sério era o de perto.

(Millôr Fernandes, 2005).

4.1

O surgimento da internet e o novo espaço virtual

O itinerário sócio-histórico seguido até o presente momento conduziu o leitor para “dentro”, isto é, a história da intimidade e da vida privada nos levou para dentro da casa, do quarto, para a interioridade do sujeito, para o núcleo da família, para o colo da mãe e, finalmente, para o significado íntimo do “ser casal” nos dias de hoje. Contudo, neste capítulo, iremos tratar da perspectiva sócio-histórica do século XXI, que, a nosso ver, exprime uma nova faceta da intimidade, bastante diferente em relação ao caminho percorrido no capítulo anterior. O convite, agora, é para que o leitor nos siga em um movimento para fora, para a exterioridade. Dito de outro modo, iremos pensar a respeito da nova perspectiva da intimidade na contemporaneidade, uma vez que o mundo de hoje vive um excessivo apelo de visibilidade, que vem aos poucos desestabilizando as sólidas e opacas paredes da privacidade que a protegiam. Assim, a intimidade agora é chamada a se mostrar, a aparecer diante do olhar dos outros, não mais se restringindo ao plano privado da casa, da família, da mulher e do casamento.

Essa transformação, a nosso ver, está intrinsecamente ligada ao *boom* da internet e suas ferramentas de comunicação, conhecidas como redes sociais, que proliferaram por todo o mundo ao longo da primeira década do século XXI. Antes do *boom* da internet, a intimidade, como vimos, mantinha uma forte vinculação com a dimensão privada. Contudo, é notória a transformação da intimidade, justamente, no que concerne à sua ligação com o espaço virtual. A internet se tornou um palco de exibição, no qual muitas informações são compartilhadas,

alcançando uma visibilidade nunca antes imaginada, vazada na exterioridade pública das telas dos computadores interconectados em todos os cantos do mundo.

Mas, antes de tratarmos da atual perspectiva da intimidade, vamos dar, novamente, um passo atrás e explorar o espaço no qual ela surge. Iremos explorar o surgimento da internet, também chamada de ciberespaço ou espaço virtual (LÉVY, 1996, 1999; NICOLACI-DA-COSTA, 1998), a fim de compreendermos o contexto que possibilitou que a contemporaneidade escrevesse mais um capítulo na história das transformações da intimidade. Lévy (1999) considera o termo ciberespaço como: “não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo” (LÉVY, 1999, p.17). E acrescenta que deste termo deriva o neologismo cibercultura, que diz respeito ao “conjunto de técnicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço” (LÉVY, 1999, p.17).

Para a geração nascida entre as décadas de 80 e 90, hoje, adulta, não é necessário narrar a história da internet. Eles viveram essa história, desde cedo estão conectados ao desenvolvimento do ciberespaço, acompanhando sua propagação, suas novidades, seus acessos cada vez mais velozes e ao alcance de todos. Mas, daqui a alguns anos, será, sim, preciso explicar para muitas gerações nascidas no bojo da cibercultura, que o mundo nem sempre foi assim, que uma tela nem sempre foi manuseada com o dedo, que um telefone não respondia a um comando de voz e que a televisão nem sempre foi interativa.

Como relata Castells (2000), o surgimento e a expansão da internet se deram nas três últimas décadas do século passado, nos Estados Unidos. Foi criada através das pesquisas realizadas na conceituada Agência de Projetos de Pesquisa Avançada, ARPA, vinculada ao Departamento de Defesa Americano, que desenvolveu sistemas de comunicação tendo em vista, a princípio, apenas fins militares e estratégicos. A primeira rede de computadores é datada de 1969, chamava-se ARPANET, em referência a poderosa Agência e a interligava à quatro grandes universidades americanas. Segundo Castells (2000), a rede deixou aos poucos de ser utilizada apenas para os fins da ARPA e passou também a servir como via de comunicação entre os cientistas das universidades envolvidas. Em

suas palavras: “a certa altura tornou-se difícil separar a pesquisa voltada para fins militares das comunicações científicas e das conversas pessoais” (p.83).

Diante disso, em 1983, houve a separação da rede em duas instâncias, uma apenas voltada para projetos militares e outra dedicada aos projetos científicos. Castells (2000) acrescenta que a “rede das redes” da década de 80 era chamada de ARPA-INTERNET e que daí derivou a designação corrente entre nós de internet. No início dos anos 90, a rede foi definitivamente desvinculada da Agência do governo, sendo este o ano marco da privatização da internet.

O autor ressalta, ainda, que o desejo de criar uma rede universal de computadores, que favorecesse a comunicação, foi compartilhado não somente por estudiosos e pesquisadores ligados ao governo, mas também por inúmeros entusiastas, os chamados *hackers* – naquele momento, sem o sentido pejorativo atual - que somaram descobertas fundamentais na propagação da rede como espaço público ao acesso de todos. Uma das criações essenciais para a história da internet aconteceu também por volta dos anos 90, em Genebra, por um grupo de pesquisadores que se apoiaram em descobertas anteriores produzidas por *hackers*. O WWW - *World Wide Web* - até hoje largamente utilizado, permitiu uma nova organização das páginas e facilitou o acesso dos internautas.

Destacamos que na rica e detalhada narrativa fornecida por Castells (2000), um fato chama atenção: o fascínio que a internet, desde seus primórdios, exerceu sobre as pessoas no que concerne à facilidade de comunicação. Para além dos fins militares, estratégicos e acadêmicos, um dos grandes atrativos, sem dúvida, era a enorme capacidade de conectar não apenas, cabos, redes, sistemas, mas, sobretudo, pessoas. Este é o ponto que nos interessa no presente estudo, pois mais do que pensar em uma revolução tecnológica, queremos focar na revolução da comunicação e, na sua conseqüente, reviravolta de profundos impactos nos relacionamentos humanos.

A década de 90 do século XX serve, portanto, de marco na história da internet, posto que sua privatização foi um passo essencial para sua propagação e expansão, se tornando cada vez mais aberta ao grande público e não somente às empresas, universidades e agências governamentais. Nicolaci-da-Costa (1998), uma das pioneiras nos estudos sobre os impactos da internet no Brasil, aponta o ano de 1995 como o marco da propagação da internet comercial em nosso país. Comenta que a difusão do espaço virtual inaugurou uma nova forma de

relacionamento, através das salas de bate papo *on-line*, os chamados *chats*, que fervilhavam nos últimos anos do século XX.

Naquela altura, a maioria dos computadores ainda era *desktops*, ou seja, grandes parafernálias ligadas à tomada de casa e, em geral, não contavam com *webcams*. As câmeras digitais não eram tão populares e acessíveis e os *smartphones* não existiam, bem como a profusão de imagens nítidas e instantâneas que temos em nossos dias. Diante desse incipiente contexto, a autora descreve os relacionamentos surgidos naquele momento com a internet da seguinte maneira:

Os novos tipos de relacionamento, os chamados relacionamentos virtuais, em que as pessoas se conhecem em canais de bate-papo sem saber que aparência têm, ficam amigas sem jamais terem se visto ou ouvido, namoram e amam sem jamais terem se tocado ou trocado um beijo... O que conta é o que essas pessoas escrevem, pois são relacionamentos via teclado. E, pelo menos no início, elas escrevem sob a proteção do anonimato, dado que, nos canais de *chat*, as pessoas não usam seus nomes, mas sim apelidos que podem ser trocados segundo a vontade e conveniência do usuário (NICOLACI-DA-COSTA, 1998, p.206).

Destacamos essa passagem para realçar as mudanças ocorridas ao longo desses quase 20 anos. Os *chats* ou salas de bate papo continuam a existir, porém não são mais tão populares como no final dos anos 90. Os teclados não são mais a única opção de contato, já que temos as fotos, os vídeos e as poderosas *webcams*. O anonimato também não parece ser mais um grande atrativo, na medida em que o nosso mundo incita, cada vez mais, o desejo de expor e compartilhar detalhes cotidianos da vida de pessoas comuns na rede.

Matos-Silva, Abreu e Nicolaci-da-Costa (2012) observam que difusão da internet abriu espaço para uma nova espécie de comunitarismo, permitindo a aproximação de diferentes pessoas em torno do compartilhamento de interesses, preferências e afinidades. Ressaltam, ainda, que o desenvolvimento da *Web* colaborativa e a expansão das redes sociais deram um novo lugar aos usuários, deixando de ser meros espectadores e passando a ter uma participação mais ativa, publicando fotos, textos e vídeos. Segundo as autoras, esse papel mais ativo dos usuários na rede observado em nossos dias, favoreceu ainda mais a formação de vínculos e a maior união entre as pessoas.

De fato, como apontam as autoras, a primeira década do século XXI traz consigo uma importante novidade: o surgimento de novas redes sociais, com

características mais interativas e dinâmicas, que se transformaram em verdadeiras febres pelo mundo todo, doando aos internautas um lugar mais ativo na rede. As redes sociais já existiam, mas nada comparado ao sucesso que se tornou o *Orkut*, principalmente no Brasil, e o Facebook, ainda hoje, mania em todo o mundo. Ambas criadas no ano de 2004 essas redes contagiaram não apenas jovens, mas pessoas de todas as idades através da instigante motivação de comunicação ágil, de baixo custo e da facilidade de compartilhar informações pessoais.

Artigos do jornal “O Globo” (2012) demonstram que por volta do ano de 2012, o Facebook superou o imenso número de usuários brasileiros do *Orkut*, consolidando-se como a grande rede social de abrangência mundial. Além de despontar no Brasil a rede social criada por Mark Zuckerberg ajunta números astronômicos de usuários em todo o mundo, fazendo dele um dos homens mais poderosos da internet atualmente, mesmo após ter aberto o capital de sua empresa em 2012.

O sucesso explosivo do Facebook vem acompanhado da disseminação da tecnologia, em nossos dias, os chamados “anos dez”, pelo cartunista André Dahmer, que frequentemente mostra em seus quadrinhos paródias sobre as interferências da tecnologia nos modos de vida atuais. De fato, os “anos dez” assistem a profusão de possibilidades tecnológicas, cada vez mais ao alcance das mãos. Os *desktops*, em geral, foram substituídos pelos *laptops*, pequenos computadores portáteis. As câmeras fotográficas agora são digitais e muitas vezes são deixadas de lado pela imensa facilidade de fotografar através de aparelhos celulares de última geração. Aliás, essa talvez seja, até o presente momento, a tecnologia mais transformadora, a saber, a popularização dos *smartphones* com seus inúmeros aplicativos que colocam na palma da mão um gigantesco universo de troca, informação e interação (ZAREMBA, 2014).

Assim, vemos que nos últimos vinte anos, desde sua privatização até a atual década de dez, a internet se expandiu, se popularizou, as tecnologias avançaram muitíssimo e os preços dos produtos foram barateados permitindo o acesso de milhões e milhões de pessoas em todo o mundo ao ciberespaço. Desta forma, consideramos que a contemporaneidade recria a história, constituindo uma nova dimensão para além das duas clássicas, anteriormente descritas. Nosso tempo conta, agora, com a casa, a rua e também com uma terceira dimensão: a virtual. Dito de outro modo, entre o público e o privado se interpenetrou um novo

espaço, que entrelaça os fios dos primeiros, abrindo novas possibilidades, possibilidades estas, justamente, foco de interesse de nossa pesquisa.



1- Quadrinhos dos anos 10 – André Dahmer

4.2

Nos meandros do Facebook

Navegando pelo mundo da internet e constituindo como um dos temas deste estudo o novo espaço contemporâneo que é o virtual, elegemos como mídia privilegiada para a presente discussão a rede social Facebook. Essa escolha aconteceu no final do ano de 2011, quando apenas iniciávamos o percurso da pesquisa e assistíamos ao *boom*, no Brasil, da rede de Zuckerberg. Porém, como coloca Primo (2013), as pesquisas que lidam com fenômenos da internet correm sempre alguns riscos: como estudar essas situações, uma vez que estas se transformam com uma velocidade ímpar, de modo que no mesmo instante em que as observamos elas já estão em mutação? Ainda hoje, o Facebook é a febre do momento, mas até quando isso dura? Qual será a nova febre? Como lidaremos como ela?

De fato, de 2011 até o ano de 2014, a rede de Zuckerberg sofreu turbulências em sua hegemonia, com o surgimento de outras redes tais como o *Instagram* e o *Whatsapp*, ambas compradas recentemente pelo Facebook. Apesar das migrações de interesses dos usuários por esses novos espaços de compartilhamento, o Facebook ainda é uma poderosa rede social, e, particularmente, nos parece extremamente interessante como objeto de pesquisa por sua constituição e por suas possibilidades de uso, que iremos agora descrever.

Primeiramente, cabe lembrar que o Facebook foi criado pelo então jovem Marc Zuckerberg e seus colegas nos dormitórios da Universidade de Harvard, nos

Estados Unidos, onde estudavam. O intuito original destes jovens era, na verdade, bastante concernente à idade: criar um espaço de comunicação entre os colegas para “avaliar” as meninas da universidade. Tal empreitada, que envolvia inclusive a possibilidade de dar nota às meninas recebeu inicialmente o nome de *The Facebook*, assim como o nome do livro oferecido aos alunos pela universidade, no qual constava a foto de rosto de todos os alunos. No entanto, eles não esperavam que o “despretensioso” projeto teria tamanha repercussão, com milhares de acessos em poucas horas. A partir disso, Zuckerberg entendeu que tinha nas mãos uma mina de ouro, que soube muito bem explorar, tendo inclusive brigado com seus colegas colaboradores na justiça pelos direitos da bombástica criação. (KIRKPATRICK, 2011).

O *site* já passou por várias atualizações, sofrendo modificações na sua estrutura original. O próprio nome foi modificado deixando de ter o pronome e passando a se chamar somente Facebook. Iremos descrever este rico universo virtual a partir da estrutura atual do *site*.

Ao adentrar o espaço virtual do Facebook é necessário fazer um cadastro no *site*, preenchendo um perfil, no qual devem constar informações pessoais, tais como nome, idade, sexo, estado civil. Pergunta-se, também, pelos lugares onde se estuda ou estudou, onde se trabalha ou trabalhou, além da cidade natal e da residência atual. Está página pessoal é chamada de “Linha do Tempo” e nela o participante é orientado a contar sua história, recheando com detalhes de suas lembranças, bem como suas preferências em relação a filmes, músicas, livros e time de futebol. Frases como: “bem-vindo ao seu perfil, este é o local certo para reunir fotos, interesses e acontecimentos que contam a sua história no Facebook”, ou, “agora temos novos aplicativos sociais para mostrar quem você é em todas as suas atividades no *site*”, animam os participantes a revelares os bastidores de suas vidas aos outros usuários.

No Facebook, em geral, as pessoas não presam pelo anonimato. Muito pelo contrário, a ampla maioria dos participantes coloca nome e sobrenome e uma foto, chamada foto de perfil, que tende a ser uma foto de rosto, tal como sugere o próprio site: “sua imagem de perfil pública ajuda seus amigos a reconhecerem você. Escolha uma foto recente e atualize-a sempre que desejar”. Além disso, existe, também, a foto de capa, uma imagem maior que fica em destaque na página pessoal do participante. O *site* recomenda que seja colocada ali uma foto

que diga algo sobre a pessoa, pois essa é a primeira coisa que os amigos verão quando visitarem a “Linha do Tempo”.

Consideramos a página pessoal como uma espécie de sala de visitas, onde o usuário expõe aquilo que considera interessante sobre si e que deseja que os outros vejam e saibam sobre ele. Contudo, esta não é a página principal do Facebook, o que parece ser a grande sacada de Zuckerberg. A página principal em que o usuário cai ao logar sua senha chama-se *feed* de notícias e nela são estampadas as atualizações de todos os amigos. Aqui cabe mais uma explicação. Os amigos - esse é o nome dado pelo *site* - são pessoas que o participante adiciona ao seu perfil, que podem ser amigos de infância, familiares, colegas de trabalho, mas também, pessoas pouco conhecidas ou, até mesmo, desconhecidas. O que conta é que ambos aceitem o “convite de amizade” para que possam, assim, compartilhar conteúdos. Deste modo, na lógica do Facebook, o usuário pode ter 30, 500, 1.000 ou até mesmo 2.000 “amigos”. Os “amigos” têm acesso uns as postagens dos outros.

Voltando a página principal, o *feed* de notícias, lá se encontram todas as atualizações e postagens dos seus “amigos” de Facebook. Fotos, vídeos, pensamentos, *links* de entrevistas, artigos, um mundo de informação, que tende a ter, em sua grande maioria, uma conotação pessoal. Consideramos esse espaço do *site* como uma espécie de praça pública ou rua, onde as pessoas se “encontram” e ficam sabendo das novidades das vidas alheias. É neste espaço público em que ocorrem as almejadas e contabilizadas “curtidas”. “Curtir” algo no Facebook significa que o usuário gostou do que foi postado por um “amigo”. Para isso, basta dar um clique num pequeno ícone que estampa uma mão com o polegar para cima. Além de curtir, pode-se também comentar ou compartilhar as postagens que giram no *feed*.

Outra característica interessante do *feed* diz respeito à dimensão da temporalidade. Sendo a praça de todos, o *feed* é constantemente alimentado de novas postagens. A cada segundo uma nova atualização aparece. Assim, para um usuário com um número alto de “amigos” fica difícil acompanhar todas as atualizações. O que ele vê são partes, fragmentos de instantes, aquilo que aparece no momento em que está *on-line*. Logo em seguida, aquela informação já rolou numa onda infinita de atualizações a todo o momento recicladas pelos muitos e muitos participantes que alimentam a rede.

Além da página pessoal (sala de visitas) e do *feed* de notícias (praça pública) existe mais um espaço no Facebook, as chamadas mensagens *In box*, essas sim, mensagens privadas que não são do acesso de todos, mas somente dos envolvidos naquela conversa. Neste espaço, são travadas conversas personalizadas, diríamos conversas íntimas, que podem funcionar como um bate papo e podem durar minutos ou horas. Iremos chamar essas conversas íntimas, afastadas dos muitos olhares ali presentes, de conversas de quarto, para marcar que este é o espaço mais privativo do *site*.

Em fim, depois de passarmos pela praça, pela sala de visitas e pelo quarto acrescentamos ainda alguns comentários sobre os curiosos mecanismos existentes em terras “Facebookianas”. As atualizações são também chamadas de postagens ou de publicações, ou seja, postar uma foto, uma frase, implica em um desejo de publicar, tornar público aquele conteúdo. Além disso, essas publicações, caso não sejam alteradas as normas de privacidade do usuário, aparecem no *feed* de notícias com data, hora e local... Sim, local! O Facebook se utiliza de um sistema de GPS que permite identificar o local exato do internauta, em qualquer parte do globo. Mais um adendo, diz respeito à outra informação que fica visível na lista de mensagens *In box*: o horário do último acesso do usuário ao *site*.

O exemplo do Facebook permite, a nosso ver, entender o quanto que esses novos espaços internéticos têm se tornado cada vez mais vitrines que pedem e estimulam a divulgação de informações comuns a respeito de nossas vidas. Seus meandros e dispositivos parecem estrategicamente colocados no *site* para incitar no participante o desejo de expor a si mesmo e de bisbilhotar detalhes das vidas alheias expostas na vitrine da rede. A seguir, veremos o que a literatura atual tem destacado com relação às novidades do espaço virtual e, na sequência, apresentaremos a visão específica que o presente trabalho dará à nova perspectiva da intimidade na rede, para nós, claramente percebida no fenômeno do Facebook.



2 – Ícone “curtir” do Facebook

4.3

A nova perspectiva da intimidade na rede

Antes do *boom* da internet, a intimidade mantinha uma forte vinculação com a ideia de privacidade, como temos frisado até aqui. Contudo, é notória a transformação da intimidade, atualmente, no que concerne à sua ligação com o espaço virtual. Esse novo espaço que modifica a fronteira entre o público e o privado, se tornou um palco de exibição, no qual muitas informações são compartilhadas, alcançando uma visibilidade pública nunca antes imaginada.

Bruno (2005) questiona o sentido dessas práticas de exposição da intimidade na internet, salientando o caráter híbrido deste novo espaço virtual. A autora comenta que tal esfera pública midiática já é parte inseparável de nosso cotidiano e acrescenta que a rede se tornou para nós a própria representação do que consideramos como o espaço público de nossa sociedade. Vivemos cada vez mais conectados, com os olhos grudados na tela, e, assim, as relações virtualizadas têm ganhado uma proporção gigantesca em nosso cotidiano, a ponto de se transformarem em um dos acessos mais comuns que possuímos em termos de comunicação. De fato, podemos perceber facilmente que nossa comunicação com o outro, seja por questões profissionais, seja por questões pessoais, tende a ser, na maior parte das vezes, mais teclada do que falada. Isso indica que a rede é para nós, cada vez mais, o espaço imediato do encontro e da troca. Em outras palavras, a rede é a nossa *Ágora* contemporânea, ou seja, o nosso espaço público por excelência.

Além disso, ela traz a peculiar característica, ressaltada por Bruno (2005), de produzir uma nova mediação entre o público e o privado, visto que podemos

acessar essa esfera coletiva de nossas casas, de nossos computadores domésticos, de nossos celulares e, em contrapartida, publicamos nessa intimista arena midiática conteúdos privados que são, então, do acesso de todos. Portanto, observamos com a internet essa nova forma de mediação, que interpenetra o público no privado e o privado no público.

Tisseron (2005) aponta para as mudanças dessa fase em que vivemos, na qual todas as novas tecnologias permitiram uma releitura daquilo que antes era restrito ao âmbito privado. Para o autor, a escrita na internet permite compartilhar com milhões de desconhecidos informações que seriam relevantes, na maior parte das vezes, apenas à esfera íntima. Essa novidade de nosso tempo faz com que a noção de intimidade se modifique radicalmente, visto que antes existiam espaços que, por tradição, estavam diretamente relacionados a ela, como a casa, o quarto e o banheiro. Nos dias de hoje, com a internet, mais do que uma questão de espaços socialmente definidos, a intimidade, para Tisseron, remete à ideia de uma escolha pessoal, isto é, de uma intenção, que ele resume da seguinte maneira: “a intimidade é onde eu quero, quando eu quero” (TISSERON, 2005, p.272, *tradução nossa*).

Tisseron (2008) ainda destaca que houve um longo caminho de preparação para as mudanças que vivemos. Primeiramente, habituamo-nos ao telefone, que nos ensinou a acharmos natural o fato de falarmos com os outros sem vê-los. A má qualidade do som ao telefone era indicativa de que estávamos realmente longe um do outro. Porém, quanto mais avançamos nas tecnologias digitais e alcançamos uma qualidade cada vez melhor para as conexões, sentimos que o distante se tornou próximo. Passamos a escutar a voz do outro de modo mais nítido e, portanto, passamos a sentir o outro como mais presente.

Outra etapa de preparação ocorreu com o desenvolvimento da fotografia. Habituamo-nos a ver nossa própria imagem não mais refletida apenas nos espelhos, mas também nas fotografias. Aceitamos, gradativamente, a fotografia como representante da nossa imagem. Hoje, da mesma forma, com o avanço tecnológico, temos uma nova característica dessa imagem, que remete à possibilidade de multiplicação e de edição. Para Tisseron (2008), as fotografias digitais são novos espelhos de *pixels* nos quais escolhemos, fabricamos e endireitamos a aparência que desejamos ter e mostrar.

Por fim, o autor destaca a televisão como mais uma etapa de preparação para a realidade virtual que vivemos com a internet. Com a televisão habituamos ao exercício de discernir entre realidade e ficção. Entretanto, os avanços tecnológicos permitiram a reedição de imagens antigas, que agora são recoloridas, aparentando serem atuais. O contrário também é possível e, assim, imagens do tempo presente são trabalhadas, aparentando pertencerem à outra época. Tisseron (2008), então, interroga a respeito do estatuto dessas imagens: seriam elas realidades ou ficções? Para o autor, essa nova versatilidade fluida das imagens coloca os indivíduos contemporâneos diante da liberdade de escolha, ou seja, se é verdadeiro ou falso é cada um quem decide.

No espaço virtual da internet, percebemos nitidamente a naturalidade alcançada pelas etapas descritas por Tisseron (2008). Através da tela, o distante se torna próximo, ficção e realidade se entrelaçam e os antigos espelhos são substituídos por múltiplas imagens editadas de *pixels*. Além disso, o autor enfatiza que buscamos na tela não apenas informações sobre o mundo, sobre os outros, mais ainda, buscamos a nós mesmos. Deslizando nos teclados em busca de olhares que afirmem o que somos, ou, pelo menos, o que pretendemos parecer ser.

Sibilia (2008) aponta para a tendência de espetacularização da vida cotidiana na internet, analisando os novos modos de subjetivação daí derivados. Segundo a autora, nossa cultura que enfatiza a aparência e a visibilidade acabou por promover um súbito resgate daquilo que anteriormente era considerado como ordinário e banal, ou seja, os pequenos detalhes do dia-a-dia de pessoas comuns. Essas informações outrora resguardadas do olho público encontram no palco da internet um lugar de destaque, no qual tudo pode se tornar notícia:

Gerou-se, assim, um verdadeiro festival de ‘vidas privadas’, que se oferecem despudoradamente aos olhares do mundo inteiro. As confissões diárias de você, eu e todos nós estão aí, em palavras e imagens, à disposição de quem quiser bisbilhotá-las, basta apenas um clique do mouse. E, de fato, tanto você como eu e todos nós costumamos dar esse clique (SIBILIA, 2008, p. 27).

Tomando como exemplo o Facebook, percebemos nitidamente essa tendência de espetacularizar o cotidiano. Inúmeros usuários publicam neste espaço, diariamente, fotos de viagens, de engarrafamentos de trânsito, de saída com amigos. Assim, um enorme número de estranhos íntimos, ou seja, os muitos

“amigos” de Facebook têm acesso a informações que antes da internet não eram possíveis. Sabe-se onde o internauta está, com quem está e a que horas está.

Uma mania que tomou a rede e que demonstra o grau de detalhe do cotidiano que é exposto na internet remete as inúmeras fotos de pratos de comida que circulam por ali. Frequentemente, as pessoas vão ao restaurante e assim que o prato chega à mesa, antes da primeira garfada, dão um clique para imediatamente lançar na rede a foto da delícia para que todos vejam. Outra moda atual é o chamado *selfie*, uma espécie de autorretrato, geralmente, tirado com a câmera do celular. *Selfies* são fotos casuais, clicadas na distância do comprimento do braço ou através de um espelho. O fotógrafo e o fotografado são a mesma pessoa, podendo apenas incluir um pequeno número de pessoas que caibam em segundo plano. Desta forma, com o celular nas mãos, braços estendidos e prontos para clicar, as pessoas espalham na rede diversas versões de si, que são instantaneamente publicadas a qualquer hora e em qualquer lugar.

Comum, também, no Facebook são os relatos confessionais. No topo do *feed* de notícias está colocada a seguinte pergunta: “no que você está pensando?”. Essa pergunta serve de motivação para que os usuários postem ali relatos, sentimentos, partilhas pessoais. Sibilia (2008) analisa esse ímpeto confessional estabelecendo um curioso paralelo entre os antigos diários escritos à mão e as novas versões de narrativa íntima expostas na internet. Para a autora, a diferença crucial entre essa nova e a antiga versão de narrativa íntima se refere, precisamente, ao fato de que os diários eram preciosidades guardadas a sete chaves, envoltos na mística do segredo e, assim, deviam ser preservados da exposição. Já as novas versões da rede promovem uma visibilidade total, e é necessário que seja assim, afinal, quem está na internet deseja ver, ser visto e desfrutar desse espaço de evasão, que deixa uma janela sempre aberta para expor a intimidade.

Essa repentina exaltação do banal acaba por gerar o culto a “um tipo de eu mais epidérmico e flexível, que se exhibe na superfície da pele” (SIBILIA, 2008, p.23) e, também, nas superfícies das telas dos computadores. É nesse contexto que a autora percebe mutações produzidas pela internet nos modos de subjetivação da atualidade. As novas ferramentas fornecem um convite à confissão, um espaço no qual qualquer um pode divulgar e confessar os seus segredos, produzindo novas formas de subjetivação, mais epidérmicas, que se desdobram em subjetividades

visíveis, que querem ser curtidas, comentadas, compartilhadas e que contam com essa intimista aldeia global que é a rede para derramarem suas intimidades. Estar em uma rede social da internet é compartilhar do desejo de se tornar uma espécie de personagem visível, ou seja, é querer ser visto, além de ser igualmente instigante o desejo de ver o outro, bisbilhotar e consumir vidas alheias (SIBILIA, 2010). Andy Warhol profetizou ao dizer que no futuro todo mundo teria seus quinze minutos de fama. Pois bem, o futuro parece ser agora e o espaço virtual oferece essa oportunidade.

A forte tendência de espetacularização da vida cotidiana na internet nos faz pensar a respeito das demandas da sociedade contemporânea, profundamente marcada pela aparência e pela necessidade de visibilidade, como mencionamos. Bauman (2008) também endossa a relação entre a exposição de si nas redes sociais e as exigências do jogo de sociabilidade da dinâmica contemporânea, que exige dos indivíduos uma atitude confessional, expondo no palco público da internet informações pessoais e detalhes cotidianos. Para o sociólogo, este fenômeno, apesar de ser bastante representativo entre os jovens de diversas nacionalidades, não pode ser entendido simplesmente por fatores inerentes à idade. Sobretudo, o que está em jogo, para o autor, são as exigências sociais que impõem novos padrões e reformulam as fronteiras que, até então, separavam o público do privado:

Os adolescentes equipados com confessionários eletrônicos portáteis são apenas aprendizes treinando e treinados na arte de viver numa sociedade confessional - uma sociedade notória por eliminar a fronteira que antes separava o público e o privado, por transformar o ato de expor publicamente o privado numa virtude e num dever públicos, e por afastar da comunicação pública qualquer coisa que resista a ser reduzida a confidência privadas, assim como aqueles que se recusam a confidenciá-las (BAUMAN, 2008, p. 9).

Todos esses apontamentos nos levam, inevitavelmente, a pensarmos na clássica análise de Debord (1997) a respeito da sociedade do espetáculo. De acordo com o autor, os impactos da dominação econômica capitalista produziram duas graves degradações no modo como concebemos a realização humana. Num primeiro momento, constatamos a “degradação do ser em ter” (DEBORD, 1997, p.18), isto é, a posse e o acúmulo de bens materiais representavam os grandes medidores daquilo que a pessoa era. Num segundo momento deste processo,

assistimos a uma degradação mais próxima de nosso momento atual, que se refere à passagem do “ter para o parecer” (DEBORD, 1997, p.18). Neste sentido, a realidade individual passou a ser medida não apenas pelas suas posses, mas, sobretudo, por sua aparência, uma vez que, para o espetáculo, “o que aparece é bom, o que é bom aparece” (DEBORD, 1997, p.16).

Desta forma, a análise de Debord (1997) parece antever e abarcar a atual condição da exposição da intimidade, na qual a vida privada passou a ser requerida como um projeto aberto, estampada na vitrine do domínio público e que, assim, deve aparecer diante do olhar de inúmeros estranhos íntimos que circulam na rede. Debord (1997) ainda acrescenta em tom quase profético que: “o espetáculo, como tendência a fazer ver [...] o mundo que já não se pode tocar diretamente, serve-se da visão como o sentido privilegiado da pessoa humana” (p.18). Pensamos que tal tendência, a “fazer ver” ao invés de “tocar”, resume de modo bastante acertado a contemporânea condição da intimidade no virtual, na qual observamos a preponderância do olhar como o grande mediador de nossos contatos, sejam eles efetivamente íntimos ou não.

4.4

Visibilidade, imagem e vigilância



3 – Quadrinhos de André Dahmer

No capítulo anterior acompanhamos a história da intimidade que precisou erguer os muros, trancar as portas, fechar as cortinas do nicho privado para se proteger dos olhares estranhos. Agora, ao contrário, vemos um fenômeno nascente que quer flexibilizar as fronteiras, derrubar os muros e abrir as janelas. Terminamos a última seção citando Debord (1997) e a ideia de que o mundo do espetáculo institui a visão como o sentido privilegiado de nosso tempo.

Desejamos ser vistos e, neste sentido, as janelas da internet, sempre abertas para o mundo e para o olhar do outro, servem como espaço de evasão.

Uma das mais frequentes formas de exposição de si que circula, atualmente, na internet são as fotografias que contam com inúmeros recursos de edição, multiplicando-se na rede. Os *smartphones* são potencializadores deste *boom*, na medida em que agora, com estes celulares inteligentes, não é mais necessário um grande aparato para fotografar, editar e publicar fotos. Isto se tornou um ato quase instantâneo com o avanço das tecnologias digitais. Em contraste, há poucas décadas, fotografar implicava em comprar um filme com um número restrito de cliques, em geral, 36 poses. Assim, as fotos eram tiradas de modo calculado, já que eram poucas. Também não podiam ser vistas no instante do clique, isso implicava em uma espera, por vezes longa, do processo de revelação. Enfim, abria-se o pacote com as fotos reveladas e este era o momento da surpresa: Como ficou? Saíram todas? Entre alegrias e decepções, as fotos eram colocadas em álbuns e ficavam a espera dos visitantes que, uma vez em nossa companhia, desfrutavam deste momento íntimo de compartilhar os registros de uma viagem, de uma festa ou de algum momento especial.

Retomando o século XIX, no qual a fotografia surge pela primeira vez a partir dos esforços de Niépce e Daguerre⁴, seu sentido se torna ainda mais distante do percebido atualmente na internet. Como relembra Barthes (2013), o espelho foi uma das primeiras manifestações da possibilidade de “ver-se a si mesmo” (p.20). Além disso, somente a classe aristocrática possuía retratos pintados, estes, símbolos do *status* social e da riqueza. Desta forma, a fotografia inaugura uma possibilidade nova, carregada, também, de certa perturbação, na opinião do autor, por permitir a propagação da experiência artificial de se ver como outro na imagem gravada no papel.

Segundo Sibilia e Diogo (2011), as fotografias se vinculam à longa tradição da vida privada, posto que essas imagens, em geral, íntimas, eram guardadas como tesouros, acervos da interioridade, que somente eram exibidos no aconchego protetor do lar, em meio à família. As fotografias, principalmente de rosto, carregavam consigo um fragmento daquela subjetividade interiorizada do

⁴ A primeira fotografia conseguida no mundo foi tirada no verão de 1826, da janela da casa de Niépce. Algum tempo depois, o inventor se associa a Daguerre, que seria o continuador dos avanços da fotografia após a morte de Niépce, em 1833.

século XIX, que descrevemos no capítulo anterior. Deste modo, acentuam as autoras, por mais de um século, as fotos de rosto e de corpos familiares eram cultuadas no interior dos lares burgueses, “no calor das gavetas e das prateleiras, dos portarretratos e dos camafeus” (SIBILIA; DIOGO, 2011, p.131).

O fascínio da fotografia parece residir em sua capacidade de expressar um fragmento de vida. Nas palavras de Barthes (2013), “ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente” (p.12). Um instante congelado, que depois da revelação, podemos carregar nas mãos. A fotografia serve como condição da lembrança, abre a possibilidade de recontarmos fatos passados ou, igualmente, permite reconstituir uma época, uma atmosfera passada, através das roupas, do mobiliário, dos detalhes de um cotidiano já vivido.

Barthes (2013) em sua reflexão bastante pessoalizada a respeito da fotografia comenta momentos marcantes que envolvem essa prática. Primeiramente, destaca a mudança de atitude que ocorre quando nos damos conta de que estamos diante de uma lente. Neste instante, diz ele: “tudo muda: preparo-me para a pose, fabrico instantaneamente um outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem” (p.19). De fato, saber-se visto é o suficiente para uma mudança radical em nosso modo de ser, como aponta Sartre (2001) e como iremos descrever no próximo capítulo. Entretanto, o comentário de Barthes (2013) é pertinente na medida em que estar diante de uma lente de fotógrafo implica em algo para além da experiência de saber-se visto. Mais ainda, é saber que aquilo que o outro vê através da lente será eternizado em imagem. Por isso, diz o autor: “vivo-a na angústia de uma filiação incerta: uma imagem - a minha imagem - vai nascer; irei ser parido como um indivíduo antipático ou como um ‘tipo fixe’” (BARTHES, 2013, p.19, *tradução portuguesa*).

Temor diante do que ficará eternizado, surpresa ao se deparar com a esperada revelação, cuidado em manusear e guardar os álbuns, tudo isso parece ter ficado para trás na atual experiência com a fotografia. Com as novas tecnologias os cliques se multiplicam, se tornam fáceis e ágeis. Não costumamos mais revelar as fotos e, desse modo, os álbuns se tornaram escassos. Vemos a foto na tela digital no mesmo momento em que a clicamos. A própria câmera se vê ameaçada, posto que tendo um celular nas mãos todos nós podemos brincar de sermos fotógrafos. Além disso, como destacam Sibilía e Diogo (2011), caso a fotografia não fique “boa”, contamos agora com a reconfortante tecla de deletar e, sobretudo,

não guardamos mais as fotos, ao contrário, exibimos, queremos mostrá-las e as redes sociais são um espaço propício para isso.

Como mencionamos, o Facebook foi tomado por modismos fotográficos. Os pratos de comida, as inúmeras *selfies*, as fotos de viagem, de saídas com amigos estão todas lá. Existem, atualmente, casos de noivas que proíbem os celulares em suas festas de casamento de modo que possam, assim, manter suas privacidades. De outra forma, no instante seguinte à benção do padre já estariam circulando na internet. O fascínio pelo clique parece, a nosso ver, estar para além de um despertar de “alma de fotógrafo”. Mais do que isso, parece que as pessoas vinculam o clicar ao publicar na rede, ou seja, clicam para serem vistas.

Pensamos que esse excesso de visibilidade, intrinsecamente ligado ao fenômeno da proliferação de imagens nas redes sociais, é por um lado excitante, pois se baseia no compartilhamento com o outro. Mas, também pode ser produtor de novas questões, principalmente, no que tange a dimensão da privacidade. Essa condição de estarmos constantemente sendo vistos por milhares de outros virtuais, através desse grande olho de vidro que é a tela do computador pode ser compreendida como uma dinâmica de poder. Como sugerem Sales & Paraíso (2010) e Rayner (2012) é possível pensar na dimensão panóptica da internet, exercendo sobre nós um controle vigilante e disciplinador.

O panóptico é um modelo de prisão ideal proposto por Bentham a partir do qual Foucault (2005) realizou sua célebre descrição a respeito da estrutura disciplinar das prisões. A figura arquitetural criada por Bentham consiste em uma torre central vazada de largas janelas, na qual ficam os guardas, que vigiam constantemente, exercendo um poder onisciente e onipresente sobre os detentos. Por sua vez, os detentos, em suas celas, não podem ver os guardas na torre, mas sabem que estão perpetuamente expostos a possibilidade do olhar, mesmo que nunca possam estar certos se estão sendo olhados naquele momento ou não. Nas palavras de Foucault (2005): “a visibilidade é uma armadilha” (p.165). Esse é o intuito da estrutura panóptica, induzir o detento a uma consciência constante de visibilidade, que possa, assim, assegurar o funcionamento automático do poder. O essencial da estrutura não é saber quando está sendo vigiado, mas, sim, que a todo o momento pode-se estar sendo visto:

Esse espaço fechado, recortado, vigiado em todos os seus pontos, onde os indivíduos estão inseridos em um lugar fixo, onde os menores movimentos são controlados, onde todos os acontecimentos são registrados, onde um trabalho ininterrupto de escrita liga o centro à periferia [...] onde cada indivíduo é constantemente localizado, examinado e distribuído entre os vivos [...] isso tudo constitui um movimento compacto do dispositivo disciplinar (FOUCAULT, 2005, p.163).

De fato, é fácil intuir um paralelo entre esta configuração panóptica detalhada por Foucault (2005) e o jogo de visibilidade que ocorre na rede. O próprio filósofo sugere que o panóptico está destinado a se espalhar como esquema capaz de reger diferentes camadas do corpo social, posto que possibilita uma estrutura sutil de poder, na qual as próprias pessoas regulam seus comportamentos, pelo simples fato de terem consciência de estarem sendo permanentemente vistas. O Facebook, descrito anteriormente, com seus meandros e dispositivos, é capaz de controlar os menores movimentos de seus usuários, registrando, examinando, localizando, datando todos os acontecimentos e organizando cada perfil em categoriais de pessoas ou, parafraseando Foucault, distribuindo cada indivíduo entre os vivos.

Kanashiro, Bruno, Evangelista e Firmino (2013), questionam as mutações ocorridas na noção de privacidade em nossos dias em face ao enorme manancial de informações pessoais que as grandes empresas da internet têm hoje nas mãos:

Empresas como Facebook e Google, por exemplo, alimentam-se dos dados pessoais de seus usuários, dos seus metadados e de todas as atividades que eles realizam em suas plataformas. Uma vez nelas, tudo o que se faz e se diz torna-se possibilidade de uso e troca, e geração de valor e ativos para essas empresas. O valor econômico e cognitivo desses dados, como já vimos, não consiste apenas no fato de estarem atrelados a indivíduos particulares e identificáveis, mas à possibilidade de recombiná-los para os mais diferentes fins: publicidade direcionada, montagem de perfis de intenção de voto em campanhas eleitorais, projeção de perfis de periculosidade ou criminalidade de indivíduos e grupos, otimização dos próprios serviços oferecidos por estas plataformas etc. (KANASHIRO; BRUNO; EVANGELISTA; FIRMINO, 2013, p. 35)

Rayner (2012) também tece comentários a respeito do Facebook apontando para o fato de que essa visibilidade consciente e permanente é, justamente, uma marca do *site*, conduzindo-nos a uma espécie de panóptico virtual. O autor ressalta o monitoramento exercido pelo *site* sobre os registros e atividades dos usuários que são frequentemente submetidos a análises de

mercado, bem como são vendidos às empresas a fim de gerar publicidade direcionada. Este é, segundo ele, um tipo de monitoramento capitalista, pois estimula as pessoas a divulgarem seus gostos, suas preferências, seus estilos como forma de estabelecerem vínculos *on-line*, mas, no entanto, existe outra finalidade por detrás, que visa a interesses publicitários e de consumo.

Rayner (2012), porém, aponta para outra forma de vigilância que parece incomodar ainda mais os internautas, a saber, a vigilância exercida entre os próprios usuários das redes sociais. Em outras palavras, o excesso de exposição e os dispositivos de localização e acesso permitem que os participantes exerçam entre si uma espécie de vigilância panóptica que afeta diretamente o modo como eles se portam diante das pessoas com quem compartilham. Desta forma, as pessoas regulam seus comportamentos na rede, precisamente, pelo fato de se saberem constantemente vistas.

Retomando a frase de Foucault (2005) “a visibilidade é uma armadilha” (p.165). E, diante disso, o filósofo acrescenta que “o panóptico é uma máquina de dissociar o par ver-ser visto, no anel periférico, se é totalmente visto, sem nunca ver; na torre central, vê-se tudo, sem nunca ser visto” (p.167). Se deslocarmos essa descrição, mais uma vez, para o exemplo do Facebook, podemos pensar que este espaço virtual também promove a dissociação do par “ver-ser visto”, na medida em que o usuário vê sem saber quem está vendo e quando está vendo. Um grande olho, sempre aberto, essa é uma descrição possível da tela do computador, que, inevitavelmente, nos leva a um paralelo com o clássico *1984* de Orwell.

Nesta obra, Orwell (1983) constrói um mundo devassado, na medida em que o onipresente e onisciente Grande Irmão (*Big Brother*), regente do Partido, mantém uma constante vigilância pelo olhar. Ele observa todos os passos dos cidadãos de Oceania por teletelas, fato este lembrado a todo o momento, através dos diversos cartazes espalhados pela cidade com as seguintes inscrições: “O Grande Irmão zela por ti”, “O Grande Irmão está de olho em você”. Curioso pensar que a obra de Orwell é, na verdade, uma grande crítica aos regimes totalitaristas, sendo o papel do protagonista *Smith*, precisamente, uma tentativa de protesto, que luta contra este sistema invasor. No entanto, a criação de Orwell se tornou extremamente popular a partir do surgimento do *reality show* denominado *Big Brother*, mania em todo mundo, principalmente na primeira década do século XXI. Isso nos faz pensar que, de uma maneira geral, não queremos ser vigiados,

mas que desejamos, sim, vigiar o outro. O fascínio do *reality show* é bastante parecido com o exercido pelas redes sociais: bisbilhotar a vida alheia, vida comum, como a de todos nós.

4.5

Extimidade virtual

Apesar de considerarmos que as ferramentas da internet estimulam a divulgação de informações íntimas dos internautas, bem como favorecem a formação de laços relacionais significativos, optamos por não tratar desse novo fenômeno igualando-o à intimidade. Por conta de percebermos neste, especificidades próprias, preferimos denominá-lo de extimidade virtual, a fim de sustentarmos sua vinculação com algo que de alguma forma remete à intimidade, mas que, ao mesmo tempo, indica uma nova perspectiva, vazada para o lado de fora, na exterioridade das telas de computadores interconectados em todos os cantos do mundo.

Como apontamos na introdução, o termo extimidade é um neologismo, primeiramente, explorado por Lacan (1988) no Seminário “A Ética da Psicanálise”, no contexto da discussão a respeito da *Das Ding* freudiana. Lacan (1988) ressalta que a *Das Ding* é marcada por uma espécie de exclusão interna, ou seja, esse objeto perdido, essa coisa que visamos reencontrar, que é a *Das Ding*, é algo que é interior sem deixar de ser exterior, tal como uma exterioridade íntima, ou ainda, uma extimidade. No seminário XVI, “De um outro ao outro”, Lacan (2008) retoma a discussão sobre a *Das Ding* e afirma que foi preciso criar a palavra êtímo para designar o que se refere ao que nos é mais próximo, embora seja externo. Dito de outro modo, o paradoxal termo êtímo designa o íntimo conjugado com a exterioridade, isto é, remete a “esse algo pelo qual o que me é mais íntimo é, justamente, aquilo que sou obrigado a só poder reconhecer do lado de fora” (LACAN, 2008, p.219).

Posteriormente, Tisseron (2008) também trabalhou este termo, dando a ele um sentido particular em sua obra. O psicanalista chama atenção para o fato de que, em francês, o verbo “*se découvrir*” – se descobrir – tem um duplo sentido, “é ao mesmo tempo, ‘se colocar nu face ao outro’ e ‘acessar o conhecimento de si’” (TISSERON, 2008, p.39, *tradução nossa*). Entende que essas duas condições

correspondem ao que ele designa como desejo de extimidade, isto é, trata-se do desejo de expor em público as partes secretas de si para que sejam conhecidas e validadas pelos outros. Saliencia que, desta forma, o desejo de extimidade não precisa das novas tecnologias para existir. Muito pelo contrário, ele sempre existiu como estrutura necessária ao nosso modo de ser. Entretanto, concorda que, hoje, os espaços da internet são novos espelhos nos quais buscamos viver tal desejo de extimidade.

Apesar de não utilizarmos o termo extimidade, no presente trabalho, com o sentido dado pelos referidos autores, não podemos deixar de destacar que, em ambos, importantes inspirações se manifestam. Com Lacan encontramos a possibilidade de pensar a extimidade como uma noção paradoxal, com Tisseron a possibilidade de ligar a dimensão da extimidade à relação com o outro. Assim, a substituição do prefixo “in” pelo “ex” nos permite pensar em uma faceta exteriorizada da intimidade, marcando, com isto, a paradoxal condição que é falar de algo historicamente ligado ao “lá dentro”, mas que, agora, sofre mutações e se manifesta no “lá fora”. Além disso, paradoxal também, é a nova dimensão híbrida do virtual que, como frisamos, interpenetra as duas esferas, a pública e a privada, produzindo uma nova relação com o espaço e o tempo nos modos de ser e de viver das relações contemporâneas.

Entendemos por extimidade virtual esse marcante desejo de compartilhar informações, de expor a si mesmo através de fotos, frases, testemunhos, relatos confessionais, bem como essa nova possibilidade de estabelecer contatos fortes no espaço íntimo da rede. Quando falamos de extimidade virtual estamos, igualmente, apontando para a atual condição de estarmos sós e acompanhados, ao mesmo tempo. Compartilhar a extimidade na internet não é simplesmente estar diante de uma máquina, uma vez que buscamos através dela o olhar do outro virtual. Porém, esse compartilhar comporta especificidades próprias. Tendo uma janela virtual sempre ao alcance das mãos, o homem contemporâneo pode estar só e, paradoxalmente, ligado a muitas e muitas pessoas. Um dos grandes fascínios da internet reside, precisamente, a nosso ver, no fato de que ali existem ininterruptamente diversos olhares ligados e disponíveis. Não precisamos mais ficar “sozinhos”, posto que o outro virtual está sempre *on-line*, a ele nos conectamos e a ele pedimos para que ajude a nos revelar quem somos. Diante

disso, indagamos a respeito do sentido do estar só em nossos dias. A fixação na tela seria indicativa da falta de tolerância do homem com o estar só?

Retomaremos essas indagações mais adiante. Por ora, cabe salientar que não somos os únicos a tratar deste fenômeno da internet pelo nome de extimidade. Outros estudos (SIBILIA, 2008; TISSERON, 2008; BAUMAN, 2012), que também versam sobre a intimidade na rede, fazem referência ao termo. Sibilía (2008) destaca que a substituição do prefixo “in” pelo “ex” é um trocadilho que procura dar conta da nova mania de expor a “própria intimidade nas vitrines globais da rede” (p.13). No entanto, pretendemos, nesta pesquisa, utilizá-lo como uma definição central, a fim de marcarmos que a perspectiva sócio-histórica passa por um momento de mutação, reconstruindo sentidos e estabelecendo novas determinações.

Salientamos, ainda, que o que está em questão na presente tese não é tratar de uma oposição entre intimidade e extimidade virtual como se a primeira fosse real e a segunda não. Consideramos que trabalhar com essa oposição seria levar nossa reflexão a um reducionismo e girar em torno destes pares previamente estabelecidos. Ao contrário, quando propomos falar de extimidade virtual pretendemos apontar para um novo fenômeno, que se entrelaça à intimidade e realiza mutações em seu sentido. A grande originalidade deste fenômeno é, fundamentalmente, ter como marca o novo espaço, híbrido, paradoxal e subversivo que é o virtual. A fim de delinear-mos, mais nitidamente, os contornos do que compreendemos como extimidade virtual, iremos nos pautar na rica cartografia do virtual realizada por Lévy (1996, 1999).

Lévy (1996) destaca o movimento geral de virtualização que afeta nosso modo de viver hoje, atingindo diretamente o modo de estarmos juntos. Para o filósofo esse movimento não implica em uma desrealização da vida, justamente, pelo fato de não considerar o virtual em oposição ao real. Em suas palavras, o virtual é um “modo de ser fecundo e poderoso, que põe em jogo processos de criação, abre futuros, perfura poços de sentido sob a platitude da presença física imediata” (LÉVY, 1996, p. 12).

O autor começa a problematizar a frequente crença do senso comum de que o virtual existe como oposição ao real. A tendência do senso comum é pensar o virtual como desprovido de existência, quase como uma ilusão, ao passo que o real é visto como uma presença tangível, encarnada e palpável. Lembra que

virtual vem do latim medieval - *virtualis* – e este, por sua vez, seria derivado de *virtus*, que designa força, potência:

O virtual tende a atualizar-se, sem ter passado no entanto à concretização efetiva ou formal. A árvore está virtualmente presente na semente. Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes (LÉVY, 1996, p.15).

Explica que essa oposição do virtual ao atual e não ao real, se centra na noção do virtual como um complexo problemático, um nó de tendência, um acontecimento que pede por uma resolução inventiva, uma criação, em suma, uma atualização. De fato, o virtual com muita frequência não está presente e, neste sentido, o senso comum apreende corretamente: seus elementos são nômades, transitórios e dispersos. “Quando uma pessoa, um coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam ‘não – presentes’ , se desterritorializam” (p.21), diz Lévy (1996), recortando de uma maneira nova o tempo e o espaço, escapando, desta forma, aos lugares comuns.

Acrescenta, ainda, que o virtual também não é uma abstração, posto que produz efeitos. O virtual abre um diferenciado meio de interação e um ritmo cronológico inédito, inventando um novo mundo e uma nova relação com o espaço e o tempo. Lévy (1996) fala do efeito Moebius como uma característica marcante da virtualização, uma vez que esta implica na passagem do interior ao exterior e do exterior ao interior. O filósofo exemplifica este efeito mostrando o contraste entre o trabalhador clássico de uma empresa formal e o novo trabalhador virtual. O trabalhador clássico possuía uma mesa de trabalho, saía do interior privado da casa para o exterior, o espaço público do trabalho. Agora o trabalhador de uma empresa virtual transforma o privado em público e vice e versa: “os limites não estão mais dados. Os lugares e tempo se misturam. As fronteiras nítidas dão lugar a uma fractalização das repartições” (LÉVY, 1996, p.25).

Recolhemos três importantes ideias no pensamento de Lévy que nos ajudam a nortear a compreensão que assumiremos neste trabalho a respeito do virtual e da extimidade. A primeira diz respeito ao virtual como um campo de forças que pede uma atualização inventiva, onde as determinações não estão todas dadas *a priori*. Essa noção nos permite entender o virtual em toda a sua força criativa, como um espaço em constante construção, tanto do lado dos tecnólogos,

quanto do lado dos usuários. Um exemplo dessa força criativa do virtual nas mãos dos usuários está no modo como diversos grupos, comunidades e ONGS utilizam este espaço a fim de comunicar, organizar e mobilizar as pessoas em torno de causas importantes. A Primavera Árabe, onda de protestos iniciados em 2010 no Oriente Médio, é um grande exemplo deste tipo de uso do ciberespaço, que se apoia na extensão da comunicação em rede e na sua capacidade colaborativa, acionando milhares de pessoas com a eficiência e a velocidade de um clique.

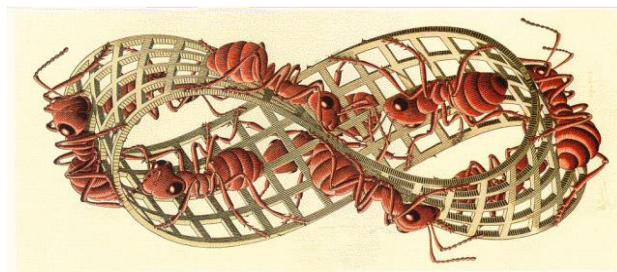
Em segundo lugar, destacamos a importante observação de Lévy (1996, 1999) de que a propagação do virtual não implica em uma desrealização da vida. Passamos, cada vez mais tempo com os olhos grudados na tela, recebendo informação, comprando e estabelecendo trocas com pessoas. Todas essas ações são “reais”, apesar de se darem pela via do virtual: aprendemos com um artigo *online*, recebemos em casa um produto que compramos em uma loja virtual e, efetivamente, trocamos, conversamos e curtimos situações da vida de pessoas reais, com quem nos relacionamos através da tela. Neste sentido, Sibilia (2008) observa que: “se os relacionamentos virtualizados que proliferam na internet costumam prescindir do contato imediato com os corpos materiais dos interlocutores, isso não impede que nessas trocas sejam criados fortes laços afetivos” (p.59). Em resumo, consideramos que o virtual tem sua “realidade”, ou seja, o que queremos sustentar é que não se trata de uma abstração, de uma ilusão ou de uma vivência desprovida de existência. Em uma linguagem existencial, podemos dizer que o virtual é contingente, está situado no mundo.

Contudo, a frequente confusão percebida no senso comum, de que o virtual se opõe ao real, reside, a nosso ver, no que Lévy (1996) designa como desterritorialização. Dito de outro modo, o virtual tem uma forma completamente nova de articular as dimensões de tempo e de espaço. Vivemos, assim, a realidade virtual de modo “não-presente”, desterritorializado, e, pelo que parece, essa novidade ainda confunde as pessoas, na medida em que elas tentam pensar essa nova experiência com os olhos do antigo modelo rígido e dicotomizado da tradição moderna.

Por fim, assinalamos o rico paralelo que Lévy (1996) estabelece entre a plasticidade das fronteiras do virtual e a imagem da clássica fita de Moebius. Pensamos que tal imagem é extremamente pertinente para dar conta do que estamos propondo, aqui, como extimidade virtual. Criada em 1858, pelo

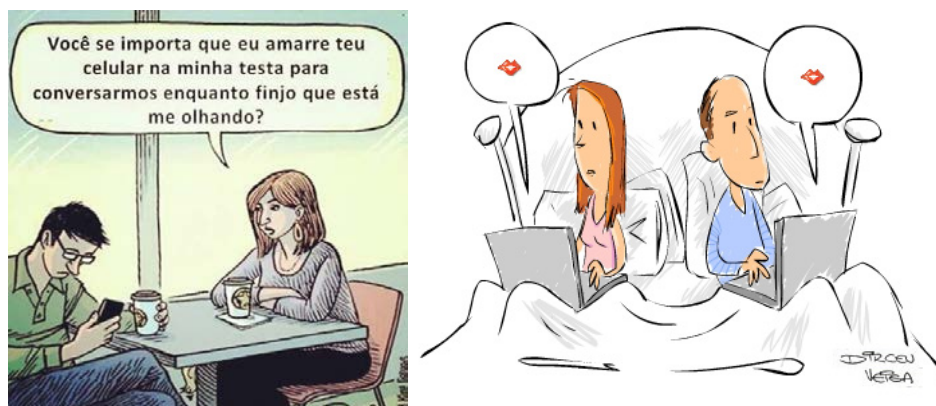
matemático August Ferdinand Moebius, a fita tornou-se objeto de interesse e de estudo em diferentes campos, como percebemos nos seminários de Lacan, nas gravuras de Escher e nos estudos da artista brasileira, Ligia Clark. A fita de Moebius, como definiu a artista; “quebra os nossos hábitos espaciais: direita-esquerda, anverso e reverso, etc. Ela nos faz viver a experiência de um tempo sem limite e de um espaço contínuo” (CLARK, 1980, p. 26).

Essa fita que subverte nossa relação com a noção de lugar, na qual o interior e o exterior se inespecificam, onde o dentro e o fora são torções de um mesmo lado, indica, a nosso ver, uma acertada topologia da extimidade virtual. Nem dentro, nem fora, nem do interior, nem do exterior, o que vivemos neste novo fenômeno contemporâneo é a marca paradoxal que entrelaça os fios que a era moderna quis separar e organizar. Fios da noção de espaço e tempo, fios da noção de sujeito e da condição das relações humanas. A contemporaneidade, ao contrário, entremeia os fios e apresenta uma complexa e híbrida tessitura, na qual as dimensões se interpenetram e geram novas misturas. Tomando a imagem de Escher, somos, hoje, as formiguinhas que caminham pela fita de Moebius, atravessando o dentro e o fora, que o fenômeno da extimidade virtual nos proporciona.



4. Fita de Moebius por Escher

4.6

Conjugalidade e intimidade virtual

5 - Charges retiradas da internet

Uma propaganda exibida na TV de uma operadora de telefonia móvel mostra uma cena em um restaurante, na qual um casal está sentado à mesa, ambos com os olhos fixos em seus celulares. O locutor diante deles apresenta uma oferta de um novo pacote que garante acesso à internet o tempo todo e em qualquer lugar. O rapaz, sem retirar os olhos da tela, estende a mão e começa a acariciar um pedaço de pão, pensando que é a mão da moça. O locutor, então, intervém, retira sua mão do pedaço de pão e une as mãos do casal, exclamando aos telespectadores: com todos esses serviços e vantagens você não vai ficar assim como eles. Nós queremos que você continue aproveitando o que há de melhor na vida real!

Essa cena como também as charges que abrem esta seção servem de pista para pensarmos a respeito dos possíveis desdobramentos deste fenômeno atual. A tela, independentemente do tamanho, parece ter se transformado em um campo que magnetiza o olhar, desviando-o do outro que está ao lado, para os inúmeros outros virtuais. Como pontuamos no primeiro capítulo, o itinerário sócio-histórico do século XX atrelou o sentido da conjugalidade contemporânea à intimidade. Diante disso, colocamos o seguinte questionamento: se a intimidade realmente sofre mudanças, se ela agora possui uma nova face íntima virtual, como isso pode repercutir na vivência da conjugalidade em nossos dias?

O primeiro ponto de reflexão que destacamos, frente a este questionamento, refere-se ao magnetismo, já mencionado, que a tela exerce hoje

sobre muitas e muitas pessoas de diversas idades. Essa mania de olhar constantemente para baixo, denominada por uma reportagem do Jornal “O Globo” de “os corcundas de *smartphone*” (SERRA, 2014), tem gerado uma nova perspectiva para os relacionamentos íntimos. Turkle (2011), pesquisadora do campo da Psicologia, que há décadas se dedica aos temas tecnológicos, resume a condição aberta pela rede através de uma proposição ambígua: atualmente, diz ela, estamos sozinhos e juntos ao mesmo tempo – “*alone together*”.

Alone together é o título do livro no qual a autora descreve a estranha sensação que experimentou quando se deu conta, pela primeira vez, desta ambígua condição. Turkle recorda uma viagem que fez ao Japão para participar de um congresso sobre tecnologia. Na sala de audiências, enquanto escutava uma palestra, se deu conta de que, ao seu redor, diversas pessoas da plateia aproveitavam a *wi fi* para responder *e-mails*, ver filmes, acessar as redes sociais. Estava cercada de gente, em uma atividade em conjunto, que pedia a atenção da plateia ao palestrante. Entretanto, as pessoas estavam lá, sem estarem de fato. Foi assim que Turkle (2011) realizou que estava “*alone together*”.

A autora ressalta que essa cena vivida com certo espanto já se tornou bastante comum em nossos dias. Relembra um episódio ocorrido com um de seus alunos, há alguns anos atrás, em que este se queixava de um colega que interrompeu um bate papo ao vivo entre eles para atender o celular. Na ocasião, este ato foi considerado pelo rapaz como rude e deselegante: “Ele me colocou em ‘pausa’” (TURKLE, 2011, p.161, *tradução nossa*), disse o aluno indignado. A autora comenta que agora somos constantemente interrompidos não apenas por ligações telefônicas, mas, sobretudo, por mensagens e conversas *on-line*, ou seja, isso agora não espanta mais, posto que se tornou um ato corriqueiro e banal. Diante disso, Turkle (2011) afirma que “a tecnologia móvel fez de todos nós seres ‘pausáveis’” (p.161, *tradução nossa*).

De fato, depois que o celular multifuncional, o chamado *smartphone*, foi barateado e se tornou acessível, a epidemia da rede se espalhou ainda mais, posto que se tornou fácil carregá-la no bolso e sacá-la a qualquer hora e em qualquer lugar. Em geral, hoje, onde vemos pessoas reunidas, vemos, também, celulares sobre as mesas e, principalmente, nas mãos. Aliás, o hábito de andar com o celular nas mãos é tão forte que Turkle (2011) se refere a ele como um talismã contemporâneo. Cabe ressaltar que as pessoas, em geral, consideram que uma das

grandes utilidades de um *smartphone* é a de conectá-las à internet. A função telefone parece, cada vez mais, se tornar secundária ou, até mesmo, obsoleta.

Diante disso, as relações íntimas possuem agora um forte concorrente: a tela do celular. Pais, filhos, casais, amigos, todos nós, vivemos constantemente ameaçados de perder o olhar do interlocutor que, de repente, olha para baixo. Sem perceber, ele escapa para outro lugar. Assim, mesmo quem não é “viciado” em internet, pode compreender facilmente, no convívio com o outro, o que Turkle (2011) descreve. As pessoas estão juntas, mas suscetíveis a serem “pausadas”. Quando a pausa acontece, não falam mais umas com as outras, visto que estão perdidas no labirinto infinito que a rede oferece como se fosse uma espécie de portal para outro mundo (Turkey, 2011).

Em uma crônica publicada no jornal, Bloch (2014) realiza uma descrição de sua relação com o Facebook e sua tentativa de “desintoxicação” da rede social. Nesta, podemos perceber a “pausa” que o Facebook produzia no contato com os seus arredores:

Não é a primeira vez que desativo minha conta do Facebook, decisão que completa, hoje, 13 dias [...] A diferença, desta vez, é que não sei se vou realmente voltar [...] Nos primeiros dias, sem que estivesse de férias ou concentrado num projeto de fôlego, não foi fácil. Parecia a retirada de alguma droga, mas sem a possibilidade de redução gradual. A todo momento, diante do computador ou do celular, na rua, no carro, no trabalho, vinha-me o gesto automático de checar, no Face, os novos *posts*, os comentários às minhas próprias postagens, as mensagens pessoais, ou o impulso de publicar uma frase, um pensamento, uma foto, uma piada, e, imediatamente, a constatação de que não há um Face e que, em seu lugar, há uma vida a ser vivida sem muletas intersubjetivas. Para suportar a abstinência, a saída era injetar no pensamento sentenças afirmativas e suportar o vazio imediato. Um vazio sem mensagens ou despejos, mas cheio de coisas: o engarrafamento, sim, as conversas chatas, o nada-para-fazer, a falta de companhia - mas, também, o céu sem fotografia, os sorrisos de toda a gente, os papos bons, mais tempo para o piano lá na sala, para o amigo que quer conversar, para aquele livro que aguarda na prateleira (BLOCH, 2014).

Por outro lado, a densidade do virtual tem se tornado um espaço de abastecimento emocional, relacional e informativo. O riquíssimo universo *on-line* acaba por ser, muitas vezes, viciante por sua praticidade e agilidade. A questão que se coloca é, precisamente, o quanto que o excesso de experiência *on-line* tem comprometido as relações *off-line*. Tisseron (2008), Turkle (2011) e Bauman (2012) ressaltam que com a internet estamos simultaneamente cada vez mais próximos e distantes das pessoas. Bauman (2012) aborda esse pertinente

questionamento a partir de uma pergunta feita pelo empresário Josh Rose em seu próprio Facebook. Rose indagou os amigos de rede se todas as atuais tecnologias estavam os tornando mais próximos ou mais distantes das pessoas. Em meio às inúmeras respostas, uma, vivamente paradoxal, chamou atenção. Um amigo escreveu: “‘Mais perto de pessoas das quais estou distante’. Então, um minuto depois, completou: ‘talvez mais distante de pessoas das quais estou bastante perto’” (ROSE apud BAUMAN, 2012, p.225).

Sensivelmente, essa nova condição afeta a vivência da conjugalidade nos dias atuais. Como apontamos na introdução, escutamos frequentemente, na clínica, a queixa de que o parceiro amoroso não sai do celular, o que segundo as pessoas tem dificultado a troca e a comunicação entre o casal. Assim, quando os membros do casal estão juntos, no tempo e no espaço de exploração da intimidade, se sentem, muitas vezes, sós, visto que o magnetismo da tela se interpõe entre eles. Arriscamos dizer que “ser casal” em nossos dias implica em administrar o eu, o tu, o nós e o “todos nós” que a epidemia da rede deixou vazar para o meio da relação.

Além disso, muitos casais, atualmente, lançam mão da rede para se comunicarem, inclusive, dentro da própria casa, como confirmam nossas escutas clínicas. Chamam o outro para jantar, desejam boa noite e até mesmo trocam declarações de amor por meio virtual. Turkle (2011) considera o teclado como a mais utilizada forma de comunicação da contemporaneidade. É fácil, ágil e, ao mesmo tempo, reconfortante, uma vez que revela, sem grandes esforços, que nos lembramos do outro. Os *emoticons*, simpáticas carinhas e desenhos que são acoplados às mensagens, representam uma nova e abreviada linguagem que expressam por meio de imagens os sentimentos. A autora, contudo, alerta para a frequência cada vez maior, em suas pesquisas, de pessoas que declaram preferir as mensagens ao invés de falar pessoalmente. Para Turkle (2011), a conexão não pode substituir a conversa, posto que “goles” de conexão não são suficientes para embasar os relacionamentos.

Outro ponto de reflexão a respeito das possíveis repercussões da extimidade virtual na conjugalidade que gostaríamos de destacar refere-se aos inúmeros mal-entendidos e conflitos que os casais vivem a partir de situações vistas na tela. Frente ao enorme fluxo de informação disponível no espaço virtual, comentários lidos podem se tornar suspeitos, fotos postadas podem se tornar

flagrantes e a tela parece ter se transformado em um espaço privilegiado de busca de informação sobre o outro.

Um estudo canadense demonstra, precisamente, o quanto que as redes sociais, em especial o Facebook, são propícias em despertar desconfianças e ciúmes (MUISE; CHRISTOFIDES; DESMARAIS, 2009). Os autores esclarecem que o Facebook, por sua extensiva abrangência, que envolve números astronômicos de usuários, tem afetado significativamente muitos relacionamentos. Para eles, essa rede social se transformou em um “veneno” para os casais, na medida em que provoca situações de intenso ciúme, visto que ali se compartilha um grande fluxo de informações íntimas sobre cada participante. O Facebook permite o acesso a informações que antes do *boom* da rede não era possível. Assim, um comentário banal sobre o perfil do parceiro, feito por um contato do sexo oposto, pode levar um participante à desconfiança e ao ciúme, fazendo com que ele passe a acompanhar de perto o perfil dos potenciais “suspeitos”.

Muise, Christofides e Desmarais (2009) ainda salientam que muitas dessas informações produzem uma verdadeira espiral de ciúme, pois, na maioria das vezes, são acessadas fora de contexto, isto é, o que se vê ou o que se lê são fragmentos de conversas. Assim, muitas são as entonações e as interpretações possíveis, fato este que, segundo os pesquisadores, pode acabar produzindo desconfianças e desentendimentos nos relacionamentos íntimos.

Em uma reportagem exibida pela Revista do Jornal “O Globo”, Dale (2011) aborda, igualmente, este fascínio exercido pelo Facebook no que se refere à possibilidade de bisbilhotar e vigiar a vida alheia. Segundo a reportagem um dos maiores atrativos do *site* é bisbilhotar o perfil do parceiro ou do ex, a fim de obter por ali informações que, por algum motivo, escaparam ou foram ocultadas. Por conta dessa excessiva vigilância, uma pesquisa realizada pela empresa de antivírus *Norton* revela que o uso do Facebook é uma das principais causas de pedidos de divórcio nos Estados Unidos atualmente. Um dos casais entrevistados pela reportagem conta, ainda, que para se proteger dessa “ameaça” decidiu encerrar seus perfis individuais e fazer um perfil em conjunto no *site*. Desta forma, ambos passaram a ter acesso a todas as postagens, não havendo mais espaço para segredos e desconfianças. Além disso, segundo eles, a medida serviu para impedir que possíveis ex-paqueras se aproximassem de um dos dois.

Todo esse complexo fascínio que a intimidade virtual exerce sobre a contemporaneidade é entendido por muitos estudos como uma forma de escapar à solidão (SIBILIA, 2008, 2010; TISSERON, 2008; TURKLE 2011; BAUMAN, 2012). Bauman (2012) ressalta que na rede existem sempre olhares conectados e disponíveis e, diante disso, cada vez mais, as pessoas optam por trocar a intimidade *off-line* pela massa de “intimidade” *on-line*. O autor ressalta que essa substituição parece ser uma tentativa de buscar relações mais rápidas e descomprometidas, que eliminem os desafios e dificuldades em que as relações cara a cara implicam.

Zizek (2006) em sua crítica à falsa tolerância liberal, que ele designa ironicamente de tolerância “politicamente correta”, também se aproxima da discussão trazida por Bauman quando aponta para o fato de que, em nossos dias, toleramos o outro desde que este não se aproxime, não nos toque, não nos afete, ou seja, desde que o outro não seja efetivamente outro. Nas palavras do autor: “o Outro não constitui qualquer problema desde que a sua presença não seja intrusiva, na medida em que, de facto, o Outro não seja verdadeiramente o Outro...” (p.133). Assim como atualmente, o café é descafeinado, a cerveja é sem álcool, o outro é, também, sem alteridade, ou seja, queremos retirar de todas as experiências aquilo que nos faz mal. Por isso, resume Zizek (2006), a tolerância politicamente correta é uma crença descafeinada, “uma crença que não fere e não engaja ninguém, e ainda menos a nós próprios” (p.131).

Zizek (2006) não aborda a problemática amorosa propriamente dita, mas pensamos que sua colocação estabelece um paralelo com o que Bauman (2004) chama, em outra obra, de amor líquido. Para o autor, o panorama atual revela indivíduos desesperados por relacionarem-se e, no entanto, muito preocupados com os encargos e tensões que a vida a dois implica. Dito de outro modo, as pessoas querem se relacionar, mas desejam conservar apenas a parte boa da vida a dois, ou seja, tudo aquilo que exige dedicação, superação e tolerância é visto como indesejável e o suficiente para se repensar a relação. Para o autor, no atual cenário líquido de nossas vidas, o relacionamento amoroso é simbólico dos desejos e ambivalências das pessoas, na medida em que o que se pretende hoje é: “desfrutar das doces delícias de um relacionamento evitando, simultaneamente, seus momentos mais amargos e penosos [...] satisfazer sem oprimir” (BAUMAN, 2004, p.9). Diante disso, em tempos de Facebook, diz Bauman (2012), as relações

on-line são aparentemente mais protegidas, se não gostamos de algo ou de alguém bloqueamos, deletamos ou desconectamos.

Ao descrever os impasses da intimidade, Sennett (1993) brinca com um trocadilho em inglês, dizendo que para se atingir um sentimento de proximidade com o outro é preciso testar a relação, que comporta ao mesmo tempo um estar próximo – *close* - e um estar fechado - *closed*. Pensamos que o grande impasse da relação a dois se anuncia precisamente através deste trocadilho, sugerido por Sennett, uma vez que se faz necessário equilibrar o estar perto (*close*), sem, no entanto, enclausurar a relação no estar fechado (*closed*). Talvez, a partir disso, possamos intuir que a extimidade virtual se apresenta como um forte fenômeno de nosso tempo por permitir a inversão dos termos, isto é, a extimidade pressupõe um estar distante e um estar aberto. Assim, a extimidade virtual pode ser entendida como uma tentativa de vivenciar tudo aquilo que se almeja nas relações íntimas, sem que os riscos e tensões estejam em cena. Distantes e abertas, as pessoas exploram a extimidade na rede com os outros de modo menos comprometedor e, caso a armadilha venha a se estabelecer, podem, como assinalou Bauman (2012), simplesmente, desconectar.



6 - Charge retirada da internet

5

Perspectiva existencial da intimidade e da extimidade virtual

Vulnerabilizarmo-nos, isso é o mesmo que nos tornarmos íntimos.

(André Barata, 2014).

Caminhamos para o interior da vida privada, que acabou por aproximar a intimidade da conjugalidade e saímos para a explosão da extimidade virtual nas telas dos computadores, que parece gerar uma espécie de nova distância entre os membros do casal. A perspectiva sócio-histórica forneceu um rico panorama dos entrecruzamentos destas duas visadas da intimidade, tecendo os contornos das determinações contemporâneas, a partir das quais os homens de hoje se escolhem.

Neste momento, a fim de fazer avançar a presente reflexão, iremos tratar dos mesmos temas, agora, através de “novas luzes”. Para tal elegemos como próximo passo em nosso percurso um diálogo direto com Sartre e sua ontologia fenomenológica de “O Ser e o Nada”, na qual o filósofo indaga pelo modo de ser da realidade humana, pelo seu sentido mais originário. Este terreno de compreensão que é a ontologia sartriana visa a alcançar uma descrição do modo de ser afastada das determinações causais, dos apriorismos, das explicações generalizantes e abstratas. Decidimos denominar as reflexões alcançadas a partir deste diálogo com a ontologia de perspectiva existencial sartriana. Consideramos que tal perspectiva permite um esboço de progressão sintética, visto que, através dela, o homem somente pode ser compreendido no “entre”, isto é, no entrelace indissociável entre existência e situação, ou, ainda, entre homem e mundo.

Diante disso, tomamos como ponto de partida a discussão a respeito da intersubjetividade apresentada na referida obra, mais especificamente na terceira parte, intitulada de “O Para-outro”. Nesta, encontramos uma profunda descrição da intersubjetividade, atrelando intrinsecamente o outro à questão do olhar e do conflito. Estas duas questões são o fio condutor deste capítulo. Inicialmente, demonstramos como Sartre (2001) parte da problemática do olhar para apresentar a

relação com o outro e terminamos por apontar a dimensão ontológica da célebre sentença de que toda relação é conflito.

Postas as bases ontológicas, seguimos, no mesmo sentido de Sartre (2001) em “O Ser e o Nada”, em direção as possibilidades de compreendermos as relações concretas com o outro à luz da ontologia. Em sua obra, Sartre apresenta alguns exemplos dos desdobramentos deste conflito ontológico como no caso do amor, da linguagem, do desejo, do sadismo e do masoquismo. Buscamos apresentar, na presente tese, um deslocamento deste movimento de compreensão das relações concretas com o outro para os temas pertinentes a nossa pesquisa, que mostraremos na sequência.

5.1

Outro, olhar e conflito: o ponto de partida

De acordo com Perdigão (1995), uma das grandes contribuições do pensamento de Sartre reside no tom inovador com o qual ele aborda a problemática do outro. Essa inovação se dá frente à antiga visada da tradição filosófica que havia deixado a questão do outro em uma estranha posição de abandono, se restringindo a abordá-la, na maioria das vezes, apenas pelo ângulo do conhecimento que tenho do outro. Portanto, o que faz com que Sartre (2001) doe novos contornos à questão é, precisamente, o fato de compreender que a nossa conexão fundamental com o outro não se trata de uma relação de conhecimento, nossa conexão é existencial. Nós não constituímos o outro, nós o “vivemos” em nossa experiência cotidiana. Além disso, outra originalidade de sua análise reside no deslocamento da tônica, não mais apenas no modo como o outro nos aparece, mas sim, para o modo como somos vistos por ele.

É, então, na terceira parte de “O Ser e o Nada” que encontramos o capítulo intitulado “O Olhar”, no qual Sartre (2001) se propõe a pensar em nossa angustiante condição de existirmos diante deste outro que nos olha. Logo no início do referido capítulo, Sartre dá o exemplo de um homem que se encontra só, em um jardim público. Ele contempla o céu, as árvores, o gramado, a placa que diz: “proibido pisar na grama”. Até então, este homem é puro deslizar para o mundo, diluído na cena-a-ser-vista, não é nada além de fuga que se deixa absorver

e perder no mundo. Mas eis que outra pessoa se aproxima, caminha distraidamente olhando para baixo, ignora a placa e pisa na grama:

É *essa* relva verde que existe para o outro; nesse sentido, a própria qualidade do objeto, seu verde profundo e cru, acha-se em relação direta com este homem; esse verde dirige para o outro uma face que me escapa. Capto a *relação* entre o verde e o outro como uma relação objetiva, mas não posso captar o verde *como* aparece ao outro. Assim, de súbito, apareceu um objeto que me roubou o mundo. (SARTRE, 2001, p.330, *grifo do autor*).

A aparição do outro transforma a situação, na qual tudo se reagrupa de forma diferente, agora, a partir dele. As árvores, o gramado, a cena-a-ser-vista são inevitavelmente atravessados por essa presença. A aparição do outro, de “um homem no meu universo”, como diz Sartre (2001), indica uma nova relação com o espaço e com os objetos, na qual a anterior perspectiva se desintegra, posto que estes, agora, têm como ponto de referência o outro rumo a quem o mundo escoia. “Tudo está em seu lugar, tudo existe sempre para mim, mas tudo é atravessado por uma fuga invisível [...] A aparição do outro no mundo corresponde, portanto, a um deslizamento fixo de todo o universo” (SARTRE, 2001, p.330).

Mas tal circunstância na qual o outro aparece e nos rouba o mundo não revela ainda a tônica sartriana, como dito anteriormente. Na verdade, a difícil, porém, necessária possibilidade de ser-visto pelo outro é que abre o cerne da questão. Sartre (2001) afirma que “o outro é, por princípio, aquele que me olha” (p.332), o que significa uma metamorfose radical. Quando o outro nos olha tomamos consciência de que somos vistos, de que temos um corpo, de que somos vulneráveis e de que ocupamos um lugar no mundo. Em resumo, ser-visto remete à condição de ser posicionado pelo outro através da objetividade. Entretanto, para entendermos a radicalidade dessa metamorfose produzida pelo olhar do outro, precisamos dar um passo atrás e retomar o modo como Sartre compreende o existir humano.

Sartre (2001) considera que a condição humana se anuncia como liberdade. Ser liberdade, porém, não significa poder fazer o que se quer. A liberdade sartriana em nada se assemelha à vontade, posto que por liberdade se compreende o caráter ontológico de indeterminação e incompletude que marcam a condição humana. Dessa forma, dizer que o homem sartriano é livre é dizer que ele está sempre por se fazer. Tal condição de liberdade é então apreendida a partir

da angústia, a angústia de reconhecer que o homem não encontra nem nele e nem fora dele nenhuma garantia ou sentido para sua injustificável existência. Por esse motivo, Sartre (2001) descreve a existência como uma “paixão inútil”, na qual o homem se esforça em vão na tentativa de alcançar algo que lhe garanta um alívio diante da vertigem angustiante que é existir enquanto liberdade. A existência humana é, portanto, perpétuo projeto de recuperação de si, perpétua busca por fundamento, busca esta, fadada ao fracasso, pois não há nada que faça cessar essa condição de indeterminação.

Frente a este desamparo, diz Sartre (2001), encontramos no outro uma oportunidade de recuperar um sentido, uma vez que o outro nos fornece um “lado de fora”, um posicionamento objetivo, resultante do modo como aparecemos refletido em seu olhar. Essa objetividade dada pelo “lado de fora” abraça nossa liberdade e oferece uma forma fixa para nossa frouxa e movediça existência. A objetividade fixada pelo outro aparece como um ângulo nosso, mas que jamais poderíamos atingir sozinhos, já que, para tal, necessitamos viver o fenômeno do ser-visto.

Assim sendo, ser-visto é passar por uma metamorfose radical que transforma a vivência de ambos os lados. Da parte do outro desaparecem seus olhos, não são bonitos ou feios, como salienta Sartre (2001), são apenas suporte para o olhar. De outra parte, aquele que é visto vive uma experiência ambígua que altera profundamente a relação consigo mesmo. Como bem coloca Alves:

A partir do momento em que me sei olhado, não posso ver o olhar de outrem porque, para mim, o olhar de outrem é uma atividade que me solicita passivamente enquanto visto. Acolher o olhar de outrem não é olhá-lo é dar-se a ver. O olhar de outrem é, por natureza, algo que me invade e me penetra, me expõe e devolve numa relação modificada comigo mesmo” (ALVES, 2005, p.109-110).

Dar-se a ver é contar com uma objetividade emprestada pelo olhar do outro, na qual a pessoa é capaz de se reconhecer, ao mesmo tempo em que vive a estranheza ambígua de assumir um ser que não conhece. Sartre (2001), com sua destreza em criar fortes expressões encarnadas, fornece diversas descrições desta vivência proporcionada pelo olhar, tais como: ser sem ser este estranho que se é, reconhecer-se em um ser que só pode ser vivido a distância, viver como um esboço fantasma que o outro me faz ser, carregar um fardo sem sentir seu peso,

sem jamais poder virar o rosto para conhecê-lo. Todas essas descrições endossam a tese inicial de que a relação com o outro não pode ser tomada a partir do plano do conhecimento. Trata-se, em uma linguagem sartriana, de uma experiência pré-reflexiva, isto é, anterior à reflexão e ao conhecimento. Por isso, resume Sartre: “não cesso de me assumir às cegas, já que *não conheço* o que assumo: simplesmente o sou” (SARTRE, 2001, p. 341, *grifo do autor*).

Justamente por não se tratar de uma relação de conhecimento, essa experiência é demonstrada através do fenômeno da vergonha. Ninguém sente vergonha estando sozinho, diz Sartre (2001), este sentimento implica em estar diante de alguém. Além disso, reconhecer a vergonha não é o mesmo que pensar sobre ela. A vergonha é vivida, sofrida diante do outro. Em um clássico exemplo de “O Ser e o Nada” é narrada à condição de alguém que por ciúme ou curiosidade se abaixou diante de uma porta fechada para espiar pelo buraco da fechadura. Naquele momento em que espia esse alguém não é nada mais do que pura consciência das coisas, absorvido pela cena-a-ser-vista por detrás da porta fechada. Mas eis que este alguém escuta passos no corredor: “alguém me olha” (SARTRE, 2001, p.335). Neste momento em que é flagrado, tudo muda de figura. A escorregadia consciência antes absorvida pela cena atrás da porta fechada é, então, tomada pela vergonha. A vergonha lhe revela o olhar do outro e, mais ainda, lhe revela a si próprio através do objeto vulgar que o olhar lhe faz ser.

Além disso, Sartre (2001) destaca a dimensão ontológica desta circunstância ôntica, ao afirmar que a vergonha é o sentimento da queda, do pecado original: “eu tenho um lado de fora, meu pecado original é a existência do outro” (p.338). Trata-se de uma referência ao mito bíblico do livro Gênesis, no qual Adão e Eva, após a queda, sentem, através do peso do olhar divino, vergonha por estarem nus. Na versão sartriana da queda, a vergonha aponta para o sentido originário: uma vez lançados no mundo, somos flagrados pelo olhar do outro em nossa nudez existencial, ou seja, em nossa desconfortável indeterminação, que é a marca da liberdade. Como explica Barata (2008), na vergonha, o homem se descobre descoberto, se vê exposto na exterioridade que o olhar lhe impõe, votado a uma nudez que de modo algum será capaz de recobrir.

Mesmo diante desta sensação de ameaça, deste mal-estar derivado da experiência do olhar, Sartre (2001) considera que ele exerce um magnetismo sobre nós, apesar de ser um magnetismo paradoxal. Somos fascinados por essa

apreensão sólida e acabada que o outro nos faz ser, por essa densidade que olhar nos fornece. O outro nos olha, nos atinge pela objetividade, e esse ângulo objetivo que ele apreende é inalcançável para o homem que existe como liberdade indeterminada. É por este motivo que podemos falar de um magnetismo paradoxal, já que, por um lado, o olhar do outro nos fornece uma faceta, plena e acabada, que gostaríamos de possuir, mas, por outro, na medida em que ele nos objetiva e nos define, nos tornamos escravos limitados em nossa liberdade por essa outra liberdade que nos vê de fora.

É a partir deste ângulo paradoxal do olhar que entendemos a famosa tese sartriana de que toda relação é conflito, uma vez que exprime a disputa entre liberdades pelo lugar da objetivação. O conflito como condição originária existe independentemente do quê o olhar do outro destaca. Seja bom ou ruim, o conflito ronda a relação com o outro não por uma questão qualitativa e ôntica. Fundamentalmente, o conflito deriva da condição de liberdade e a objetividade doada pelo olhar do outro aparece como uma grande aposta de recuperação daquilo que falta à existência humana. Segundo Sartre, todas as apostas e tentativas do homem de recuperar o que lhe falta são fadadas ao fracasso. O conflito é o sentido originário da intersubjetividade, pois não se alcança jamais aquilo que se busca através das relações, ou seja, o sentido para a injustificável liberdade é sempre inatingível.

Pautados nesta tese sartriana de que toda relação é conflito, posto que não alcançamos jamais através do outro aquilo que almejamos, discutimos, na sequência, os desdobramentos deste sentido originário em algumas manifestações concretas. Tratamos do amor e da intimidade a fim de nos aproximarmos da situação da conjugalidade de nossos dias e focalizamos, também, a crise especular que a extimidade virtual põe em cena a partir do grande olhar, sempre *on-line*, que é a tela do computador.

5.2

Amor: entre o romantismo e o conflito

5.2.1

Buscando “lá dentro” o que está “lá fora”

Em “Explicação de O Estrangeiro”, um dos textos da coletânea “Situações I”, diz Sartre (2005a): “Não penso sempre naqueles que amo, mas afirmo que os amo mesmo quando não penso nisso [...]” (p.123). Essa frase marca a comum ilusão humana de que os grandes sentimentos, permeados, na maioria das vezes, por contornos mágicos e idealizados, são capazes de doar sentido à abstrata e angustiante apreensão da nossa condição de existir enquanto liberdade. Em nosso mundo, compartilhamos a ideia de que quem ama se compromete com a ideia de duração. Assim, o amor se transforma em uma espécie de promessa, em algo que implica em permanência. Mesmo quando não pensamos naqueles que amamos, somos capazes de afirmar esse sentimento e exigir esse ideal como base da constituição de nosso laço com o outro.

Em “A Transcendência do Ego”, Sartre (1994) corrobora essa ideia do amor como permanência, afirmando que o amor é um estado. Porém, para entendermos essa afirmação do filósofo precisamos, primeiramente, nos aproximar do contexto e do objetivo desta obra. “A Transcendência do Ego” foi escrita na década de 30, momento este em que Sartre estava profundamente entusiasmado com os estudos de fenomenologia que havia feito em Berlim, em 1933. O autor pretende apresentar sua psicologia fenomenológica do Ego e do psíquico demonstrando que essas noções foram erroneamente compreendidas como supostos “habitantes” da consciência pela tradição filosófica. A partir das bases fenomenológicas alcançadas em seus estudos husserlianos, Sartre (1994) pretende mostrar que tanto o Ego como o psíquico são construções da consciência intencional. Em outras palavras, o Ego e o psíquico não passam de objetos transcendentais constituídos pela consciência intencional através da reflexão e, dessa forma, eles não poderiam estar na consciência, a título de conteúdo de consciência. Como em todas as outras relações possíveis da consciência sartriana com o mundo, o Ego e o psíquico também estão fora:

O que o filósofo propõe em sua fenomenologia do Ego é a inversão da ordem de compreensão sugerida pela tradição filosófica e mantida pela psicologia, que entendia esta noção como um pólo interiorizado de onde emanavam as intenções ou os desejos que dirigiam o sujeito no mundo. Na visão fenomenológica sartreana, o Ego não é um pólo ou uma estrutura a priori organizadora, mas algo constituído, que se apresenta como uma produção sintética e transcendente à consciência. Sendo a consciência intencional um puro deslizar para fora de si, o Ego não pode ser compreendido como um suposto “habitante” da consciência, pois nada, exceto a consciência, pode ser a fonte de si mesma (MENDES-CAMPOS; ALT, 2009, p.189).

Partindo da premissa de que o Ego não é um *a priori* da consciência, mas é constituído por ela na reflexão, Sartre (1994) irá questionar a primazia do sujeito desejante, cara à psicologia. Tal primazia, como analisa criticamente Silva (2003), considera que nossas reações subjetivas são causadas por certos estados internos desagradáveis e nossas ações seriam uma tentativa de fazer cessar esses estados desagradáveis. Dessa forma, as sensações internas seriam a causa de nossas reações. Mas, como ressalta o trecho citado a cima, Sartre faz o caminho inverso, isto é, não é por causa de um desconforto interno que fazemos isso ou aquilo. É, justamente, a vivência que brota da situação que nos move a agir e, tal fato, independe da reflexão e do eu. Sartre (1994) explica que não é por causa de nossa bondade ou outra emanção qualquer do Ego que socorremos Pedro, por exemplo. Para o autor, socorremos Pedro na medida em que “Pedro-deve-ser-socorrido”. O que está em jogo, aqui, é a constatação de que nosso estar no mundo mais originário é derivado de um modo de consciência não posicional de si como objeto, que Sartre chama de consciência irrefletida. A consciência irrefletida é, portanto, primeira, espontânea e autônoma (SILVA, 2003). Somente em um segundo momento, quando tomamos a nós mesmos como tema pela reflexão é que surge o Ego como construção sintética e podemos afirmar que socorremos Pedro por nossa bondade ou por quaisquer outros motivos, que serão sempre tardios.

Pautado na primazia da consciência irrefletida é que Sartre irá, então, compreender a constituição do Ego e do psíquico a partir de unificações transcendentais da consciência. Uma dessas formas de apreensão sintética que a consciência realiza se daria através dos estados. Um estado de ódio, por exemplo, seria a unificação de diversos vividos de repulsa. Novamente aqui, Silva (2003) esclarece que:

A pessoa odiável é, pois, o polo transcendente de unificação dos vividos de repulsa. A consciência reflexiva atribui a essa unificação um sentido, que passa a ser o sentimento de ódio. Este não corresponde ao vivido, mas ao sentido que a reflexão atribui à pluralidade dos vividos. A repulsa, consciência irrefletida, vivida, é, portanto, anterior ao ódio. O erro da psicologia é entender que o vivido é manifestação desse sentimento de ódio, que seria sua causa anterior, como se reflexão pudesse anteceder o vivido. O “estado” (de ódio) é a unidade dos vividos (SILVA, 2003, p.43).

Nesse contexto, Sartre (1994) considera que quando dizemos que odiamos alguém afirmamos mais do que podemos, ultrapassando nossa consciência particular de repulsa e escapando a instantaneidade do vivido. O ódio como estado pesa, afirma a sua permanência e compromete o vivido para além de onde ele cabe. Dessa forma, o ódio se estende no futuro, pois aparece como continuando a ser, pois é uma unificação derivada da reflexão de diversos vividos de repulsa. Por isso, diz Sartre (1994), “é certo que Pedro me repugna, mas é e ficará sempre duvidoso que eu o odeio” (p.60). O exemplo do ódio como estado é apresentado por Sartre em “A Transcendência do Ego”, mas também cita o exemplo do amor, apesar de não se dedicar do mesmo modo a ele. Iremos desenvolvê-lo aqui com o mesmo argumento utilizado pelo filósofo para tratar do ódio.

Considerar também o amor como estado indica que quando dizemos que amamos, ultrapassamos o vivido, afirmando mais do que podemos. A pessoa amada é, então, polo transcendente de unificação de vividos de atração, a partir dos quais atribuímos um sentido. O amor aparece como não estando limitado à vivência de atração que sentimos nesse momento, diante dessa pessoa, mas extravasa essa vivência, comprometendo o futuro. O amor como estado aparece a nós pela reflexão, “ele dá-se em e por cada movimento” de atração ou desejo que sentimos, mas, ao mesmo tempo, o amor não é exatamente, nenhum desses movimentos, “ele escapa a cada um deles afirmando a sua permanência” (SARTRE, 1994, p.60). Em outras palavras, se alguém afirma que ama Pedro, esse alguém acredita que o amor já aparecia ontem, quando pensava em Pedro com tanta atração, ao se lembrar daquele maravilhoso encontro. E também acredita que esse amor aparecerá novamente amanhã, se estendendo ao futuro, operando uma verdadeira passagem ao infinito. Sua permanência é tão forte que é capaz de afirmar a continuidade desse amor mesmo quando está absorvida por outras ocupações.

Assim, Sartre quer demonstrar que o amor extravasa a instantaneidade da consciência e se dá como continuando a ser. Portanto, considerar o amor um estado, significa dizer que ele é a unificação de diversas consciências particulares de atração, ele é o sentido que unifica a instantaneidade dessas consciências particulares. O amor como estado pesa e promete eternidade. A título de exemplo, podemos dizer que é certo que Maria sinta atração por Pedro, mas é e ficará sempre duvidoso que ela o ame, pois lá, amanhã ou no futuro, ela terá que, diante de sua liberdade, se decidir novamente amando. A promessa de amor é uma promessa desse eterno encontro, que lançamos no futuro, sem sabermos se efetivamente estaremos lá para dar conta dela.

Essa tese sartriana indica, assim, que procuramos o amor no lugar errado. O senso comum costuma representar o amor como algo que está “lá dentro”, dentro de nós, no fundo de nosso coração. Mas o amor sartriano como estado, na medida em que é unificação de vividos, está fora, para além de nós, é uma construção opaca que constituímos pela reflexão e que, apesar de tal condição, queremos acreditar que podemos nos apossar dessa ficção, queremos estender a mão para alcançá-lo. Se o amor é um estado e, logo, é unificação transcendente, devemos tentar compreendê-lo “lá fora”, na relação da consciência com o mundo, fato este, que, em Sartre, como veremos a seguir, nos envia diretamente ao outro, ao mundo do outro ou, mais ainda, ao mundo do outro que queremos tomar como nosso.

5.2.2

O esforço contraditório de amar

Entendemos, por ora, que nesta primeira fase do pensamento sartriano, profundamente marcada por um esforço fenomenológico de expulsar os supostos “habitantes” da consciência, o amor não poderia ser tomado como algo que pertence ao “lá de dentro”. Justamente, todo o esforço de Sartre visa a demonstrar que não existe o “lá dentro”, ou seja, não há interioridade psíquica. Ao contrário, para o homem sartriano, liberdade indeterminada, sempre por se fazer, somente há a necessidade de perseguir “lá fora” os possíveis e os sentidos para sua desamparada existência. Porém, como dito anteriormente, Sartre, nesse momento inicial de sua obra, mais precisamente na década de 30, ainda não se dedica ao

tema do amor, apenas utiliza-o como exemplo para tratar de questões mais amplas, que abrangem seu projeto de constituir uma possível psicologia fenomenológica. É, então, em “O Ser e o Nada”, que Sartre (2001) apresenta sua profunda descrição existencial do amor.

Como vimos, “o outro é para mim aquele que roubou meu ser e, ao mesmo tempo, aquele que faz com que haja um ser, que é meu” (SARTRE, 2001, p.455). Portanto, nos empenhamos em um projeto de recuperação deste ser, reivindicamos isso que somos, queremos estender a mão para nos apossarmos deste ser que é nosso, mas que, ao mesmo tempo, está fora, alienado no outro. Para Sartre (2001), existem dois modos concretos pelos quais buscamos resolver a problemática condição de ter nosso fundamento fora de nós, alienado nessa presença fugidia que denominamos outro. Um desses modos concretos de nos relacionarmos com o outro se apresenta como uma tentativa de assimilação: “meu projeto de recuperação de mim é fundamentalmente projeto de reabsorção do outro” (SARTRE, 2001, p.455) o que, para Sartre, está claramente expresso no projeto de amar.

O autor comenta que tal projeto de assimilação através do amor poderia ser mais facilmente resolvido se ele se resumisse a uma simples relação de posse com a pessoa amada. Mas sabemos que não é isso que acontece, pois mesmo que essa relação de posse exista, ainda assim, não é suficiente para fazer sanar a alegre agonia que é amar. Dito de outro modo, podemos fazer inúmeras juras de amor, podemos desfrutar de uma boa vida sexual, podemos prometer fidelidade e até mesmo contar com ritos que sacramentem e oficializem a relação a dois e, mesmo diante disso, continuamos com a sensação de que ainda há muito por se fazer e dizer, de que por mais que possamos declarar e escutar um “eu te amo”, isso ainda não é suficiente para alcançarmos aquilo que esperamos do amor.

Segundo Sartre (2001), essa sensação faltosa provocada pelo amor acontece justamente por conta daquilo que pretendemos atingir através da relação com o amado. Trata-se de tentar alcançar o inatingível, ou seja, desejamos que no amor nossa existência seja justificada a partir daquele que amamos. Buscamos nessa relação um fundamento para nossa vaga inconsistência, um fundamento que lhe garanta um sentido e de preferência, para sempre. Se o outro é por princípio aquele que nos olha, aquele que nos devolve a nós mesmos, aquele que detém o nosso tão almejado “lado de fora” e se, para Sartre, isso já é o bastante para tornar

esse outro infernal, logo, esse outro-amado, deve ocupar um lugar ainda mais especial.

No contexto do amor, o olhar almejado e cortejado, do qual queremos tomar posse deve ser o olhar íntimo do amado, que nos vê de perto e que deve gostar do que vê. Contudo, Sartre (2001) destaca que a assimilação, que pretendemos com o amado, tem um contorno original, pois não nos contentamos em nos apossar do outro do mesmo modo como fazemos com as coisas. Queremos, sim, nos apossar do outro enquanto liberdade, isto é, enquanto olhar que desliza livremente sobre nós, a fim de que, desta forma, possamos recuperar nosso fundamento fugidio que se esquia no olhar, para então, sentirmos que nossa existência tem um sentido e está justificada.

Essas amadas veias em minhas mãos existem beneficemente. Que bom é ter olhos, cabelos, sobrancelhas, e esbanjá-los incansavelmente em um transbordamento de generosidade a esse desejo infatigável que o outro faz-se livremente ser. Em vez de nos sentirmos, como antes de sermos amados, apreensivos por esta protuberância injustificada e injustificável que era nossa existência, em vez de sentirmo-nos “supérfluos”, agora sentimos que esta existência é recuperada e querida em seus menores detalhes por uma liberdade absoluta [...] Este, o fundo da alegria do amor, quando existe: sentimos que nossa existência é justificada (SARTRE, 2001, p. 462).

Desejamos, portanto, ser o mundo inteiro do amado, aliás, queremos ser o próprio fundamento a partir do qual o mundo é possível para ele (Sartre, 2001). Buscamos esse lugar especial, em que nos reconhecemos como pessoas livremente eleitas para que através disso, possamos sentir que temos valor e que podemos ficar em paz. Mas tal projeto é novamente aqui fadado ao fracasso. Para o homem sartriano, a existência é uma condenação, da qual não se pode escapar e existir na e pela liberdade significa precisamente o caráter de indeterminação de nossa condição, que nos acompanha sempre. O projeto de recuperação através do amor fracassa, na medida em que não conseguimos nunca alcançar aquilo que buscamos através do outro. O outro-amado nos frustra, pois mesmo tentando assimilá-lo, não alcançamos jamais este ser que ele nos empresta:

“Sabe Deus o que sou para ele! Sabe Deus o que pensa de mim!” Isso significa: “sabe Deus como o outro me faz ser” e sou impregnado por este ser que temo encontrar um dia em uma curva do caminho, que me é tão estranho e, todavia, é o meu ser, sabendo que também, apesar de meus esforços, não me encontrarei com ele jamais (SARTRE, 2001, P.460).

Além disso, continua Sartre (2001), o projeto de amor também fracassa, pois “amar é querer ser amado” (p.468). Desta forma, “o amor é um esforço contraditório” (p.468), que lança os amantes na direção de uma mesma busca e, na medida em que ambos desejam através do amor a mesma coisa, essa busca acaba por se auto aniquilar. Em outras palavras, se tanto o amante quanto o amado querem ser amados e buscam se justificar um através do olhar do outro, eles inevitavelmente acabam por se frustrar, posto que na lógica sartriana, não é possível sustentar esse ideal perfeito de duas liberdades que se fundamentem reciprocamente. Daí o amor sartriano envolver esse círculo vicioso que recai na perpétua insatisfação dos amantes. O projeto de amor é um projeto fora de alcance, assim, nos perdemos em vão. Apesar de nossos esforços, o outro sempre nos devolve à nossa injustificável liberdade.

Como sempre, encontramos na literatura de nosso autor belas formas de percebermos suas descrições existenciais. O romance “A idade da Razão”, nos fornece uma forte perspectiva desse caráter fugidio do amor. A cena que destacamos se passa entre as personagens Lola e Boris e se inicia da seguinte forma: “Lola o olhava. Era por certo um olhar apaixonado. Lola não sabia olhá-lo de outro modo. Incomodava um pouco, porque os olhares apaixonados pedem, como retribuição, gestos amáveis e sorrisos; e Boris não fora capaz do menor movimento” (SARTRE, 2011, p.38).

Na sequencia, Lola pede que Boris revele no que está pensando. Ele responde de modo fugidio, “em nada”, mas ela insiste afirmando que não era possível, pois a gente sempre pensa em alguma coisa. Boris continua se esquivando, sem devolver a Lola uma resposta que a satisfizesse, ou, em outras palavras, sem fornecer a ela a reciprocidade inequívoca que se espera de um outro-amado. Diante disso, Lola exclama:

Queria saber o que há aí dentro. Me dá medo [...] eu nada posso, cada um de seus pensamentos é uma pequena fuga [...] Você está aí a meu lado, muito terno, eu penso que você gosta de mim e, de repente, não há mais ninguém, fico a imaginar para onde você fugiu? (SARTRE, 2011, p.41).

Essa cena exprime, a nosso ver, a complexa e indissociável dinâmica existente entre o amor e a questão do olhar. Querer amar e ser amado é querer olhar e ser-visto. É deixar ser olhado de perto, é se colocar no jogo, no jogo que é

a relação com o outro, que comporta sempre essa faceta fugidia. Diante disso, retomamos o sentido revelado pelo percurso sócio-histórico que revelou o amor como uma das máximas necessárias a conjugalidade de nossos dias. Como apontamos, as pesquisas de Jablonski (1998, 2003, 2011) apresentam o amor como um ideal mágico, capaz de doar qualidade e duração à relação a dois. Contudo, este ideal romântico que comumente projetamos na relação de amor encontra em Sartre um perpétuo eco de fracasso. Este ideal pressupõe unidade e complementaridade, o que se exprime na linguagem do senso comum em corriqueiras expressões, tais como: “almas gêmeas”, “cara-metade”, “feitos um para o outro”. Essas expressões do senso comum tomam em Sartre uma compreensão ontológica, na qual se atesta que o que pretendemos a partir do amor é tomar posse desse livre deslizar que é o outro, a fim de que ele afirme por nós, o que é o mais fundamental e mais vago em nós mesmos: a nossa própria existência. Capturar esse outro, capturar esse olhar cheio de amor que nos afirma no mundo, que nos dá um lugar especial e nos deixa em paz é o que, em geral, buscamos. Entretanto, em Sartre, o romantismo é transformado em conflito, visto que não alcançamos jamais aquilo que procuramos no amor. Mesmo sabendo que o outro nos ama, mesmo escutando uma declaração de amor, o outro infernal descrito por Sartre continua a escapar e ficamos como a personagem Lola a imaginar para onde ele fugiu.

5.3

Intimidade: entre a disponibilidade e a vulnerabilidade

Se, por um lado, o amor aparece como uma das máximas necessárias à conjugalidade de nosso tempo, encontramos, por outro, na noção de intimidade uma relação ainda mais intrínseca. Como acompanhamos no segundo capítulo, a transformação da intimidade e sua relação com a história da vida privada afetou as diversas facetas relacionais existentes dentro da casa, a ponto de instituir o casal como o centro do que se entende por família hoje. Frente a essa destacada dimensão da intimidade na presente discussão, pensamos em abordar o tema via Sartre, mesmo contando com a dificuldade de não o encontrar como uma referência direta em sua obra. A única referência explícita ao tema da intimidade

aparece na coletânea “O Muro”, de 1939, em um conto, justamente, intitulado de “Intimidade”.

“Intimidade” (2005b) trata do conflito vivido pela protagonista Lulu entre decidir ficar com seu marido Henri ou fugir com seu amante Pierre. A partir desse conflito chave, seguimos a narrativa de Lulu que revela, em vários momentos, detalhes e minúcias da intimidade partilhada com os dois homens. Sentimos como se estivéssemos acompanhando os pensamentos de Lulu através de uma janela de vidro, que deixa tudo a mostra, tudo, inclusive seu corpo que, na maior parte de seus monólogos, está nu. Aliás, a nudez perpassa vários momentos do conto. Além de Lulu estar nua em seus monólogos, ela descreve, também, a nudez de seu marido Henri. Em um dado momento, ela diz que fica imaginando como deve ser sua amiga Rirette, quando está estendida na cama, toda nua. E, em outro momento, também comenta que seu amante Pierre gostaria de levá-la para Nice, onde viveriam nus, o tempo todo (SARTRE, 2005b).

Acreditamos que esse acento que Sartre dá a nudez em seu conto, justamente, intitulado “Intimidade” é proposital e nos fornece uma pista para tratarmos do tema. Mas, para isso, precisamos retomar algumas ideias. Se o outro é por princípio aquele que nos olha, aquele que nos devolve a nós mesmo, o olhar do outro acaba por exercer certo magnetismo sobre nós, uma vez que detém o nosso tão almejado “lado de fora”. Somos, ao mesmo tempo, atraídos e repelidos por essa densidade que o olhar nos fornece. Atraídos, pois ela é precisamente o que desejamos. E, repelidos, posto que, como afirmamos, o olhar restringe a nossa liberdade, nos faz ser um ser que desejamos, mas que nunca alcançamos realmente. Nas palavras de Sartre (2001): “o olhar do outro modela meu corpo em sua nudez, causa seu nascer, o esculpe, o produz como é, o vê como jamais o verei” (p.454).

Diante disso, para nos protegermos dessa avassaladora condição do olhar do outro acabamos, muitas vezes, em nossas relações cotidianas, criando modos de ser engessados e rígidos acreditando que, dessa forma, podemos “nos vestir” para dissimular nossa “nudez” e aparentemente entregarmos ao outro algo menos arriscado. Sartre (2001) afirma que: “vestir-se é, [...] reclamar o direito de ver sem ser visto” (p.369), ou seja, vestimo-nos para dissimular nossa condição de desamparo, nossa “nudez existencial”. Vestidos, nos sentimos protegidos deste olhar avassalador e, assim, podemos brincar de olhar sem sermos vistos, isto é,

podemos desfrutar da sensação de possuímos um “lado de fora” mais seguro para oferecermos ao outro e olhá-lo de forma protegida.

Em outros termos, a metáfora construída entre o vestir-se e o desnudar-se indica, a nosso ver, a dimensão do desamparo existencial concernente à condição humana. O modo de existir do homem, sua liberdade, sua indeterminação, são a sua nudez. Já as suas vestimentas apontam para as condutas de fuga desta condição, tentativas de dissimular essa indeterminação e doar ao mundo uma perspectiva de si que pareça mais protegida e acabada. Essas condutas de fuga, denominadas por Sartre (2001) de má-fé, são sustentadas em muitas e muitas de nossas vivências cotidianas. São movimentos inevitáveis, pois fazem parte de nossa dinâmica de existir.

Mesmo considerando a má-fé como um movimento inevitável da condição existencial, pensamos que as relações mais próximas com o outro, ou seja, as relações de intimidade, implicam em uma diferenciada disponibilidade. Dito de outro modo, desejar a intimidade é, de certa forma, abrir ao outro a possibilidade de nos desnudarmos diante de seus olhos. É remover o verniz superficial que recorremos, na maioria das vezes, para nos protegermos em nossas relações cotidianas com os outros mais distantes. É nos despirmos das condutas de fuga que frequentemente recorremos, para buscarmos o contrário, ou seja, para, justamente, não fugirmos mais.

Contudo, ao mesmo tempo em que nos disponibilizamos, em que nos desnudamos na intimidade, também nos tornamos vulneráveis diante deste outro que nos olha tão de perto. Cabe lembrar que a nudez é o símbolo bíblico da vergonha, quando Adão e Eva sofrem a queda original e a vergonha, para Sartre (2001) é, como dito antes, a confissão de que nos reconhecemos a partir do olhar do outro. Como esclarece Noudelmann (1993): “diante de sua nudez, o homem se experimenta desamparado face ao outro, ele perde sua inocência e se torna responsável por si” (p.83, *tradução nossa*). Desta forma, quando nos despimos diante do outro, na intimidade, estamos ainda mais suscetíveis a nos sentirmos envergonhados de nossa condição, uma vez que estamos menos providos das habituais proteções e ficamos mais expostos à vulnerabilidade do encontro com esse outro que nos olha tão de perto. Essa proximidade desamparada nos compromete a fazermos algo de nós mesmos.

Toda essa complexa relação entre disponibilidade, nudez, vergonha e vulnerabilidade que envolve a intimidade é explicitada, a nosso ver, em uma passagem do conto “A infância de um chefe”, quando o protagonista Lucien Fleurier reflete sobre sua primeira experiência sexual com Maud:

“Tenho uma amante”, pensou Lucien no metrô [...] mas estava frustrado: o que desejava de Maud, até a véspera, era o rosto estreito e fechado que parecia vestido, sua silhueta magra, sua atitude digna [...] tudo o que fazia dela uma pessoa estranha, verdadeiramente outra, dura e definitiva, sempre fora de alcance [...] E todo esse verniz se havia fundido ao seu abraço, se havia tornado carne [...] “era nós dois”. Tinham se tornado um, pois não podia mais distinguir sua carne da de Maud; ninguém jamais lhe havia dado essa impressão de repulsiva intimidade [...] Mas não estava à vontade: sentia-se nu no calor empoeirado do metrô, nu sob uma tênue película de roupas (SARTRE, 2005c, p.207-208).

Sartre doa à intimidade um caráter duro, até mesmo repulsivo, e compreendemos sua perspectiva a partir do fato de que a intimidade exige de nós um estar perto, um estar muito perto deste outro que nos olha, lançam-nos em uma relação na qual tudo pode e deve ser-visto. Será que a tentativa de se despir na intimidade, de se desfazer da teia enganosa, porém protetora, é uma possibilidade concreta? Suportamos nossa nudez diante do outro que nos olha? Como é possível apostar em uma relação na qual se pressupõe o estar com o outro na vulnerabilidade da intimidade?

Essa dura e repulsiva condição é também apresentada de forma ainda mais contundente no triângulo da peça “Entre quatro paredes”. Garcin, Inês e Estelle, três estranhos que são condenados a viverem juntos numa sala, sem janelas, sem espelhos, sem interruptor, numa sala onde vai ser sempre dia, onde os olhos vão estar sempre abertos. Esses três estranhos, que nunca haviam se visto antes, não têm como fugir dali. As portas estão fechadas. Neste interior claustrofóbico, não se toma banho e não há escova de dente, ou seja, todos os recursos que utilizamos para nos tornarmos mais suportáveis diante do outro estão vedados. Como destaca Idt (1972), o cheiro dos lugares fechados é para Sartre a expressão do cheiro da intimidade.

Aos poucos, eles começam, então, a falar de si. O processo de se disponibilizar para o outro, de se desnudar diante destes estranhos íntimos, se dá para cada um em seu tempo. Porém, em uma situação que força o convívio, o despir-se é inevitável. Como afirma Sanches Neto (2007), em tal situação “é

impossível interromper o desmoronamento dos muros e logo cada um sabe exatamente quem é o outro” (p.18). Garcin, é o que mais tenta conter a situação, senta-se só, com a cabeça baixa, sempre buscando se esquivar do diálogo. Pede diversas vezes para as mulheres se calarem e adverte: “Vocês estão malucas? Não conseguem ver a que ponto a gente vai chegar assim? Calem a boca!” (Sartre, 2007b, p.74). Mas, no decorrer da trama, vencido pelo círculo infernal, exclama: “Pra que polidez? Pra que cerimônia? Entre nós! Daqui a pouco vamos estar nus feito minhocas” (p.76).

Sanches Neto (2007) destaca que a metáfora de Garcin marca ainda mais a irreversível intimidade adquirida pelo trio, e diz ele: “estar nu já é alvitante, mas o termo de comparação torna a nudez ainda mais simbólica, pois a minhoca [...] tem a pele transparente e deixa visível seu interior. É a nudez máxima” (p.19). Garcin continua: “Estamos nus. Nus até o osso, e eu te conheço até seu último fio de cabelo” (SARTRE, 2007b, p.93). E por fim, confessa a paradoxal condição da intimidade, na qual aparece, a nosso ver, a tênue linha entre disponibilidade e vulnerabilidade: “Eu não vou te amar, eu te conheço demais para isso” (p. 102).

Diante desse clima infernal, que é a tônica de Sartre nas décadas de 30 e 40, é importante ressaltar que ele, também, aponta para uma dimensão constitutiva e reveladora do encontro com o outro. Como assinala Souza (2009) “no fato mesmo de o outro me fazer existir ao mesmo tempo como ser-objeto e liberdade existente, já há um certo enriquecimento do mundo e de mim mesma” (p. 353). Isto indica que o outro possui, além de uma faceta infernal, outra, igualmente, necessária à nossa existência, uma vez que a própria possibilidade de estabelecermos uma compreensão sobre nós mesmos deriva dele. Ser-visto pelo outro se desvela, assim, como uma relação difícil, porém indispensável, pois somente estamos em condição de estabelecer uma apreensão objetiva sobre nós, na medida em que esse tipo de autoconhecimento advém do outro. Se o outro é fundamental para a nossa autodescoberta, mais ainda, o outro íntimo, que nos vê de perto, em nossa nudez, é capaz de possibilitar reveladoras perspectivas:

O outro é indispensável à minha existência tanto quanto, aliás, ao conhecimento que tenho de mim mesmo. Nessas condições, a descoberta da minha intimidade desvenda-me, simultaneamente, a existência do outro como uma liberdade colocada na minha frente [...] Desse modo, descobrimos imediatamente um mundo a que chamaremos de intersubjetividade e é nesse mundo que o homem decide o que ele é e o que são os outros (SARTRE, 1987b, p.16).

Entretanto, mesmo diante desta possibilidade enriquecedora de aprendermos com o outro sobre nós mesmos é, ainda assim, difícil encontrar, em “O Ser e o Nada”, uma saída para o “inferno das paixões” (Souza, 2009). O conflito ontológico permanece como marca da intersubjetividade e, neste sentido, a intimidade também se mantém como uma disponibilidade desamparada de estar perto, muito perto, deste outro que nos olha. Em outras palavras, mesmo sendo desejável e fundamental viver e explorar a intimidade com o outro, não podemos desconsiderar que este encontro é marcado por uma tonalidade desconfortável por nos confrontar com a nossa nudez.

Desta forma, quando seguimos o percurso histórico que atrela a intimidade à conjugalidade não podemos deixar de notar que essa se torna mais afetiva, mais calorosa, principalmente, em relação ao rígido modelo anterior. Contudo, apesar dos avanços, os problemas concretos postos pelas demandas da intimidade permanecem e geram novos desafios para os casais de nossos dias, como vimos no segundo capítulo. Em uma leitura sartriana, podemos dizer que a conjugalidade atual, apesar de todas as mudanças e flexibilizações, comporta ainda uma dimensão de *huis clos*, ou seja, há ali uma intensa convivência, um desmoronar dos muros e um convite ao despir-se.

Assim sendo, devemos colocar a intimidade conjugal num lugar aonde ela seja possível, sem a ilusão de que a fusão desnudada com o outro irá cessar nosso vazio existencial. Precisamos viver a intimidade, mas precisamos, antes de tudo, desfazer os laços da ilusão, desmistificar esse ideal encantado e compreender que a intimidade implica em correr o risco, o risco de estar em jogo diante deste outro íntimo, que pode sim ser infernal. Viver a intimidade na relação a dois é, a nosso ver, se colocar constantemente diante do desafio de ultrapassar a vulnerabilidade derivada da disponibilidade permitida ao outro. Entre a disponibilidade e a vulnerabilidade, é nessa tensão que devemos tentar construir a intimidade, afinal, para Sartre, mesmo que isso implique em conflito, é aí, e somente aí, diante do outro, em meio ao mundo, que tornamos a vida mais possível.

5.4

Extimidade virtual: entre o ver e o ser-visto

Percorremos até aqui duas temáticas concretas, o amor e a intimidade, que nos aproximam da possibilidade de compreendermos existencialmente os contornos e dificuldades presentes na conjugalidade de nosso tempo. Neste momento, viramos o foco para a nova perspectiva da intimidade na internet, a extimidade virtual, buscando realizar, da mesma forma, uma leitura existencial deste fenômeno. Afirmamos em diversos momentos que a visibilidade parece ser uma das facetas mais peculiares da extimidade virtual. As redes sociais, em especial o Facebook, se tornaram um palco de exposição, no qual diversas informações são compartilhadas com muitas e muitas pessoas ao mesmo tempo, alcançando uma visibilidade nunca antes imaginada. Por consideramos a questão do olhar como central nessa temática, buscamos iluminar a presente discussão através das noções sartrianas mencionadas no início deste capítulo.

Primeiramente, voltamos às páginas de “O Ser e o Nada” para lembrar que o fenômeno do olhar prescinde dos olhos, isto é, não necessitamos dos olhos do outro materialmente presente sobre nós para que o jogo intersubjetivo entre em cena. Quando somos vistos, deixamos de ver os olhos, já não podemos dizer se são belos ou feios. Os olhos são apenas suporte para o olhar: “minha apreensão de um olhar endereçado a mim aparece sobre um fundo de destruição dos olhos que ‘me olham’: se apreendo o olhar, deixo de perceber os olhos” (SARTRE, 2001, p.333). Tal situação vivida e sofrida através do olhar é expressa na carta que Daniel escreve para o amigo Mathieu, no romance “Sursis”:

Certamente, já tiveste no metrô, no saguão de um teatro, num vagão, a impressão repentina e insuportável de ser espiado por trás. Tu te voltas mas o curioso já mergulhou o nariz num livro; tu não consegues saber quem te observava [...] Pois bem, eis o que senti pela primeira vez, a 26 de setembro, às três da tarde, no parque do hotel. Não havia ninguém, entendes, Mathieu, ninguém. Mas o olhar estava lá [...] Desde então nunca deixei de estar diante de uma testemunha. Diante de uma testemunha, mesmo no meu quarto fechado. Imagina a noite mais escura. É a noite que te olha (SARTRE, 2005d, p.397).

Se a experiência do olhar não carece da presença material do outro, existem várias circunstâncias nas quais ela pode ser vivida e as redes sociais da internet são, sem dúvida, um palco contemporâneo para isso. Pensando no

Facebook, em seus meandros e dispositivos, podemos perceber toda a força do olhar. Esta rede social não utiliza *webcam* e, desta forma, as relações são mediadas pela tela e pelos teclados, sem que os olhos estejam efetivamente presentes. Mas, mesmo assim, vivemos a experiência, uma vez que a tela ligada à rede é sempre um grande olhar. Um olhar que olha mesmo quando ninguém está *on-line*. Um olhar que olha mesmo quando estamos conectados na solidão de um quarto escuro.

A enfática afirmação de Daniel, que põe em paralelo o olhar e a ideia de uma constante testemunha, retrata de modo bastante acertado o que, a nosso ver, constitui um aspecto fundamental da extimidade virtual no fenômeno do Facebook: uma vez *on-line*, nunca mais deixamos de estar diante de uma testemunha. A febre contemporânea que descrevemos no terceiro capítulo, que se espalha por todos os cantos do mundo e parece não fazer distinção de idade, fornece aos internautas semelhante sensação: plugados na rede social, estamos 24 horas diante de uma testemunha. Essa circunstância atual faz ecoar uma das famosas frases sartrianas: “perpetuamente onde quer que esteja, olha-se para mim” (SARTRE, 2001, p.361). Transformando essa descrição ontológica em uma realidade ôptica, de fato, parece ser isso o que acontece hoje e, mais ainda, parece ser isso o que buscamos ao mantermo-nos conectados a muitos e muitos olhares virtuais.

Mas, se a experiência do olhar é descrita em “O Ser e o Nada” como ameaça e mal-estar, como compreender, à luz de Sartre, o estrondoso sucesso do Facebook? Como podemos desejar através da extimidade virtual uma experiência ainda mais intensa e alargada do olhar? Animados por essas indagações, articulamos três pontos de reflexão entre a extimidade virtual e a fenomenologia do olhar, que apresentaremos agora. São eles os seguintes: ver o outro, ver a si como se fosse outro e ser-visto pelo outro.

Inicialmente, consideramos que devido à característica híbrida do virtual, podemos estar 24 horas diante do olhar e, ao mesmo tempo, podemos contar com uma espécie de lugar neutro, uma distância segura que nos protege deste mesmo olhar. Na época em que o *Orkut* dominava a preferência dos brasileiros, uma das grandes polêmicas do *site* girava em torno do fato de que o usuário era informado a respeito dos acessos em seu perfil. Assim, não era possível bisbilhotar a vida alheia sem ser descoberto. O Facebook atualizou essa demanda dos internautas.

Lá é possível entrar e sair de qualquer página, em qualquer perfil, sem que o outro saiba que está sendo visto, ou seja, é possível espiar sem deixar rastros ou vestígios.

Desta forma, o *site* propicia um desfrutar do outro em sua objetividade. Podemos somente olhar, vasculhar sua vida, suas conversas, suas fotos, seu dia-a-dia, sem que o outro saiba quem está vendo e quando está vendo. Esta é para Sartre uma almejada condição existencial: ver sem sermos vistos. Uma espécie de invisibilidade, que nos preserva da avassaladora condição do olhar e que nos permite espiar o outro de forma protegida. Existem várias referências na literatura sartriana a este respeito: Eve, a protagonista do conto “O Quarto”, diante da agonia suscitada pela relação com o marido, confessa: “desejaria ser invisível e continuar aqui, vê-lo, sem que ele me visse” (SARTRE, 2005e, p.55). Da mesma forma, Daniel de “Sursis” também declara: “sabes que meu sonho mais antigo era ser invisível; cem vezes desejei não deixar nenhum vestígio na terra, nem nos corações” (SARTRE, 2005d, p.398).

O desejo de ser invisível e de ver sem ser visto se relaciona, a nosso ver, com outro tema recorrente em sua literatura: a saber, o do olhar de Deus. O ateísmo sartriano é bastante conhecido e, por isso, a ideia de um Deus que espia do alto, parece incomodar o existencialista. Deus é aquele que tudo vê, sem que alguém jamais o tenha visto, e, frente a esta incômoda condição, Sartre brinca com a ideia de um suposto *voyeur* divino. Aborda o tema em sua biografia “As palavras” (2005f), na qual se indigna com a “grosseira indiscrição” de Deus, que espionta suas travessuras infantis e, também, no conto “A infância de um chefe” (2005c), onde o protagonista Lucien Fleurier tenta pregar uma peça em Nosso Senhor a fim de persuadi-lo de que é um bom menino.

Para Idt (1972), o supremo poder de ver sem ser visto se dá somente nesta pretensa situação de Deus, que Sartre satiriza. Ainda segundo Idt (1972), para o homem, uma das poucas experiências possíveis de ser invisível e ver sem ser visto estaria manifesta no clássico exemplo de alguém que olha por um buraco de fechadura. No momento em que espia, esse alguém não é nada mais do que pura consciência das coisas:

Significa que, detrás desta porta, uma cena se apresenta como “para ser vista”, uma conversa “para ser ouvida”. A porta, a fechadura, são ao mesmo tempo instrumentos e obstáculos. [...] Assim sendo, “faço o que tenho de fazer” [...]

Minha consciência adere aos meus atos, ela é meus atos [...] pura maneira de perder-me no mundo e ser absorvido pelas coisas [...] (SARTRE, 2001, p.334).

Pensamos na tela ligada à rede como uma versão contemporânea do buraco da fechadura, posto que lá podemos, também, ver sem sermos vistos. Espreitamos através de um buraco, mas um buraco virtual que é a tela do computador. Se antes abaixávamos o corpo para espiar por detrás da porta fechada, agora, basta abaixarmos a cabeça e espreitar pelo buraco virtual que carregamos, em geral, na palma das mãos. O teclado, as ferramentas que favorecem o acesso e as que bloqueiam as informações são, ao mesmo tempo, “obstáculos” e “instrumentos” pelos quais nos perdemos no mundo do outro.

Pretendemos, assim, alcançar a almejada invisibilidade, sem a ameaça do olhar e sem a tensão de sermos flagrados. Recorrendo a metáfora que utilizamos no terceiro capítulo, na qual nos referíamos ao *feed* de notícias do Facebook como uma praça, podemos imaginar o fascínio que é caminhar por uma praça em meio aos outros, escutando suas histórias, suas conversas, percebendo suas reações sem que eles saibam que estamos ali. Se a tela proporciona a almejada condição existencial de ver sem ser visto, compreendemos, a partir daí, um dos atrativos que fazem com que muitas pessoas, de diversas idades, gastem horas e horas bisbilhotando um monte de informações comuns, intimidades de inúmeros íntimos ou estranhos íntimos.

Contudo, o atrativo da rede não se resume em bisbilhotar o outro, mas, igualmente, em mostrar a si mesmo. Voltando ao Facebook, o próprio *site*, como mencionamos, estimula a exposição de si através do que denomina de “Linha do Tempo”, espaço em que as pessoas são convidadas a compartilhar seu estilo, seus gostos, sua vida. Existe ali um momento de construção de si, no qual o usuário escolhe o que vai expor e como quer aparecer diante dos outros. Criamos um perfil, colocamos uma foto, uma frase, brincamos de esculpir nossa própria estátua e nos contemplamos como se fôssemos outro. Brincamos de desenhar um “lado de fora” como se fosse possível nos ver na objetividade, tal como o outro nos vê.

O rosto, aquilo que possuímos de mais identitário, o que figura todos os documentos civis denominados de identidade, pertence, de início e na maioria das vezes, muito mais aos outros, do que a nós. Para alcançá-lo temos que nos colocar

diante de um espelho. Da mesma forma, a nosso ver, a tela do computador, vidro como o espelho, abre a apaixonante possibilidade de nos vermos a distância e de forma objetiva, tal como vemos o outro e como ele nos vê. Mergulhamos na tela do mesmo modo que mergulhamos no espelho, na busca de que ela nos devolva a nós mesmos.

Pensando sartrianamente, nosso perfil na rede social pode ser entendido como uma tentativa de responder ao indizível “quem sou eu?”. Sendo o homem liberdade não há resposta que faça cessar essa indagação existencial. Entretanto, frente à angústia de liberdade, diz Sartre (2001), criamos condutas de fuga, tentativas de doar uma forma fechada e opaca que alivie e resolva a incomoda indeterminação, tentativas estas, denominadas de má-fé.

Podemos dizer, então, que criar um perfil na rede é uma forma de agir de má-fé, ou seja, é construir uma ficção tranquilizadora de si, uma espécie de forma pronta e acabada, de onde o homem tenta extrair um “eu sou”. Cabe salientar que agir de má-fé não remete a demonstrar algo certo ou errado, bom ou ruim. Apesar dessa designação sartriana suscitar uma ideia de um juízo moral, a má-fé é um recurso existencial derivado da condição faltosa da realidade humana. A má-fé implica em uma mentira de completude que o homem insiste em dizer para si mesmo.

Assim sendo, este “eu sou” esculpido, editado, retocado é lançado no espelho da tela e nela o homem pode se contemplar a distância, buscando ser um outro para si. Porém, segundo Sartre (2001), todo esforço de coincidir consigo é sempre em vão. Quando o homem se contempla na tela, acontece o mesmo que no espelho, ele apenas apreende uma imagem de si que pode ser descrita. A objetividade vivida, essa que efetivamente nos “ensina” algo sobre nós, somente pode ser alcançada através do espelho do olhar outro.

A estátua esculpida com as manobras de edição do virtual ganha, então, veracidade, quando é vista pelo outro, por milhões de outros interconectados que afirmam essa vaga verdade que construímos e lhes emprestamos de nós. Nosso perfil na rede social, essa ficção tranquilizadora que construímos, é curtido, comentado, compartilhado e, nos sentimos assim, menos sós, menos supérfluos, pelo menos por alguns instantes. Por isso, é preciso narrar, narrar nosso cotidiano comum, torná-lo interessante, tecer sentidos para amparar nossas frágeis existências. Precisamos narrar nossas vidas simples, banais, para que se tornem

aventuras dignas de serem vistas, acessadas, curtidas, comentadas e compartilhadas. E cada vez mais as ferramentas da internet favorecem esse tipo de opção para derramarmos nossas extimidades.

Essa necessidade de narrar aos outros a própria história, já foi, de alguma forma, colocada em questão por Sartre, em seu famoso romance do final da década de 30, “A Náusea”. O romance, escrito em forma de diário, registra as estranhas experiências do protagonista Antoine Roquentin, um homem mergulhado em seu universo solitário, que pretende se proteger contra a angústia da liberdade, narrando a si mesmo. Busca converter sua vida em uma história interessante, como um livro de aventuras. Em meio às suas constantes indagações, ele declara:

Eis o que pensei: para que o mais banal dos acontecimentos se torne uma aventura, é preciso e basta que nos ponhamos a narrá-lo. É isso que ilude as pessoas: um homem é sempre um narrador de histórias, vive rodeado pelas suas histórias e pelas histórias de outrem, vê tudo o que lhe acontece através delas; e procura viver sua vida como se a narrasse. Mas é preciso escolher: viver ou narrar (SARTRE, 2000, p.66).

Sartre parecia, com isso, prenciar aquilo a que hoje assistimos: uma vida virtual rodeada por todos os lados de histórias banais, narrativas de si, acrescidas por fotos instantaneamente postadas. Postar, postar e postar! Essa febre do momento tem gerado inúmeras indagações a respeito de seus benefícios e, principalmente, de seus malefícios. Estariam as pessoas se escondendo atrás da tela? Seria preciso reformular o questionamento de Roquentin e dizer: é preciso escolher, viver ou postar.

Consideramos, então, que a febre de exposição que fervilha nas redes sociais tem um sentido necessário frente à nossa frágil e desamparada dinâmica de ser. Assim, publicar a extimidade no Facebook, por exemplo, é uma maneira pela qual buscamos aplacar a inconsistência que somos para nós mesmos. O que procuramos na extimidade é o mesmo que buscamos incessantemente em todas as outras circunstâncias: o reconhecimento do outro que nos garanta um alívio diante desta vertigem que é existir enquanto liberdade. Buscamos ser-vistos, desejamos que o outro nos ajude a articular essa inconsistência que somos para nós mesmos. Desejamos nos alcançar através desse outro e procuramos lá, junto a ele, pegar

emprestado o nosso “lado de fora”, essa nossa faceta objetiva, que ele vê e que, a nós, é sempre vedada.

Ser-visto pelo outro se desvela, no pensamento de Sartre, como uma condição fundamental de nosso modo de ser, o que fica explícito na paródia do cogito cartesiano presente no romance *Sursis*: “vêm-me, logo existo” (SARTRE, 2005d, p.398). Diante desse acento que Sartre dá à intersubjetividade como estrutura ontológica constitutiva de nosso modo de ser, encontramos bases para compreender o estrondoso sucesso que as redes sociais da internet têm atualmente. Seguindo a intuição de que precisamos ser-vistos para nos sentir existindo, então, entendemos que as redes sociais abrem, precisamente, a constante possibilidade de nos sentirmos vistos. Aproveitamos uma forte frase de Sartre (2001) sobre o olhar, para falar da internet: “lançado na arena debaixo de milhões de olhares e escapando-me a mim mesmo milhões de vezes” (p.360). Essa parece ser a nova perspectiva da intimidade na contemporaneidade, a extimidade virtual, que cada vez mais nos captura através da explosão de milhões e milhões de olhares *on-line*, aos quais nos ligamos ao mesmo tempo.

5.5

Fracasso ontológico: entre a intimidade e a extimidade virtual

“Os dados estão lançados” é o título de um roteiro de cinema escrito por Sartre, em 1947. Trata-se de uma história surpreendente para os seus leitores por apresentar temas muito avessos à sua filosofia, tais como o amor além da vida e a possibilidade de uma segunda chance diante da morte (MENDES-CAMPOS; ALT, 2010). As personagens principais encarregadas de viver este estranho enredo são Eve e Pierre. Ambos estão mortos, foram assassinados e se conheceram já do “lado de lá”, no exótico cenário da morte imaginado por Sartre, que consiste em um beco, com uma espécie de despachante que recebe os recém-chegados. Feitas as burocracias iniciais, a senhora despachante diz a eles que lhes será dada uma “segunda chance” se eles conseguirem realizar em vida o bonito amor que parece florescer na morte. Antes de se lançarem em tal empreitada eles caminham entre os vivos, sem serem vistos por eles, como dois fantasmas. Entram em um estabelecimento muito chique, um salão de chá no meio do parque, local

que Eve costumava frequentar em vida. Lá, eles têm uma dura experiência: por mais que tentem viver o amor, não conseguem, pois constatam a ausência de seus corpos.

Inicialmente, Eve e Pierre estão sentados à mesa, com os ouvidos colados na conversa de um jovem casal que está ao lado. Eles narram apaixonadamente o episódio em que se conheceram e comemoram o feliz encontro amoroso. Eve e Pierre parecem desejar viver o mesmo. Levados pelo clima dos jovens se levantam e vão dançar no meio do salão. Ninguém os vê, estão mortos, por isso nem a vergonha de dançar em público inibe o bailado do casal. Entretanto, em um dado momento, Pierre para de dançar e entristecido murmura: “É uma farsa. Eu nem toquei na sua cintura...”. Eve corrobora: “É verdade [...] estamos dançando um separado do outro”. E Pierre continua dizendo: “Meu Deus, seria tão bom tocar em seus ombros. Gostaria tanto de sentir sua respiração quando você sorri. Mas até isso não consigo” (SARTRE, 1995, p.92).

Essa cena nos inspira a pensar a respeito da intimidade e da extimidade virtual. Afirmamos no capítulo anterior que ambas não podem ser igualadas, visto que comportam especificidades próprias. A intimidade vivida com o outro concreto não é exatamente a mesma que acontece na tela. Uma das marcas que parece apontar para a diferença entre ambas é, justamente, a presença ou a ausência do corpo. Talvez, possamos dizer, assim como no caso dos mortos vivos de Sartre, que não realizam seu amor por não conseguirem efetivamente se tocar, que os êxtimos virtuais, também, padecem da mesma falta.

Na rede, construímos e fortalecemos muitos laços relacionais, que através de sua manutenção *on-line*, podem se tornar extremamente intensos. Contudo, mesmo assim, algo sempre permanece por conta da imaginação: Aquele *emoticon* foi escolhido por quê? Aquela frase teria mesmo essa entonação? Como seria a expressão do outro por detrás da tela ao me contar tal coisa? Tisseron (2008), ao analisar as relações amorosas surgidas ou cultivadas via internet, destaca que sempre lhes faltam ingredientes cruciais à sedução: o corpo e seus desdobramentos como o olhar, o toque, ou seja, tudo aquilo que, para o autor, compõe a alquimia do desejo.

De fato, concordamos que, na extimidade virtual, vivemos a presença do outro na ausência do corpo. O que pretendemos marcar não é a simples ausência de um dado objetivo à relação. Mais do que isso, pensamos que o corpo, aqui,

indica uma condição fática e contingente que redimensiona a experiência com o outro. Como afirma Sartre (2001), encontramos o outro via corpo, não por causa do corpo, mas, através do corpo. Isto porque, para o autor, não há distinção entre existir e estar situado e, desta forma, quem situa o homem no mundo é, justamente, o corpo, que lhe fornece um ponto de vista sobre o mundo. Além disso, acrescenta, é como “corpo-em-situação” que vivemos a experiência do encontro com o outro, “não que o corpo seja o instrumento e a causa de minhas relações com o outro, mas ele constitui a significação dessas relações e assinala seus limites” (SARTRE, 2001, p.451). Dito de outro modo, o homem vive seu corpo como estando aí, pois seu corpo lhe escapa por todos os lados. Quem fornece ao homem o sentido do seu corpo é o outro que o vê de fora e o integra. Diante disso, indagamos a respeito das implicações de tentarmos vivenciar uma relação íntima na ausência do corpo? Esta ausência seria a marca de uma diferença radical?

Pelo sim ou pelo não, a ausência do corpo em nada parece impedir o magnetismo da tela, já que a qualquer hora e em qualquer lugar existem sempre muitos e muitos olhares conectados, que mesmo dispondo desse caráter ausente parecem, ainda assim, satisfazer. Na extimidade virtual, nesta presença *on-line* na ausência do corpo, carregamos o outro na palma das mãos, isto é, na pequena tela que nos absorve. Olhando para baixo, captamos o outro no virtual de modo fragmentado, uma vez que lá não há espaço para olhar em seus olhos, escutar sua respiração, sentir seu cheiro. Vemos o que o outro deixa mostrar, vemos o que o outro edita e libera ao olhar. Em contrapartida, concordamos que o outro presente ao nosso lado tem estado cada vez mais “pausado”, como sugere Turkle (2011), posto que enquanto nos distraímos mergulhados na extimidade, deixamos seus olhos, seu cheiro e seus humores ausentes mesmo diante de sua presença.

Este paradoxo contemporâneo que nos aproxima dos distantes na extimidade virtual e nos afasta dos próximos na intimidade pode ser compreendido sartrianamente da seguinte forma: se a relação com o outro é necessária, mas, também, ameaçadora e difícil, talvez, possamos entrever através da rede uma possibilidade mais protegida. Assim, a extimidade virtual pode ser entendida, a nosso ver, como uma tentativa de modulação da intimidade, na qual se busca manter a parte almejada da relação, ao passo que se tenta excluir a parte comprometedor e difícil.

Dito de outro modo, a experiência da extimidade virtual, mesmo prescindindo do corpo, pode parecer extremamente instigante, na medida em que ali existe a ilusão de que estamos em um ambiente protegido, no qual tentamos vivenciar tudo aquilo que almejamos em nossas relações íntimas, sem que os riscos e tensões estejam em cena. Distantes e abertos exploramos a extimidade na rede com os outros de modo menos comprometedor e, caso a armadilha venha a se estabelecer, podemos simplesmente desconectar. Além disso, as redes sociais e suas ferramentas podem nos dar a ilusão de que ali é possível editar nossa imagem, brincar de ser, esculpir previamente nossa própria estátua e aparentemente doar ao outro algo menos arriscado.

Pensando com Sartre, destacamos que, neste sentido, a intimidade e a extimidade virtual não são opostas, ao contrário, ambas visam aos mesmos fins, isto é, as duas são tentativas de alcançar através da relação com o outro o alívio para a vertigem de liberdade. Diante do círculo infernal e do esforço contraditório percebido na tentativa da intimidade, a segunda entra em cena como uma aposta de sanar as tensões através da proteção da tela e de seus recursos de edição.

O diferenciado tempo e espaço do virtual com seus bloqueios, com suas manobras de edição e com a tão reconfortante tecla de deletar parecem despertar em nós a crença de que estamos mais próximos do almejado projeto de ser Deus, descrito por Sartre (2001). Ser Deus é o desejo fundamental do homem, na medida em que Deus é sinônimo de perfeito, isto é, trata-se do todo feito. Sartre (2001) pretende marcar com isso a busca do homem rumo à almejada síntese entre a liberdade e a completude. Essa síntese seria, no contexto da ontologia, a expressão da forma perfeita. Em outras palavras, a liberdade inacabada, designada de para-si, inveja a solidez e a completude das coisas, denominadas de em-si. Assim, a síntese perfeita é ser em-si-para-si, conjugar, ao mesmo tempo, a abertura da liberdade e a solidez das coisas, o que Barata (2008) resume como sendo desejar o melhor dos dois mundos.

Uma rica descrição da crise entre a condição humana e a previsibilidade das coisas é dada por Camus, nos seguintes termos:

Se eu fosse uma árvore entre as árvores [...] a vida teria um sentido ou, antes, o problema não teria sentido porque eu faria parte desse mundo. Eu seria esse mundo ao qual me oponho agora com toda a minha consciência e com toda a minha exigência de familiaridade (CAMUS, 2008, p.64).

Portanto, o que está em questão é a angústia de liberdade vivida no contraste entre o pertencimento das coisas ao mundo e a constante sensação de estranhamento que acompanha a condição humana. Frente a isto, diz Sartre (2001), o homem se esforça por criar estratégias de salvação através desta propensão ontológica rumo à Deus. Mas, ao mesmo tempo, o projeto de ser Deus é fadado a sempre fracassar, visto que existir na e pela liberdade é manter perpetuamente em aberto a questão que se é para si mesmo. Se a liberdade conseguisse finalmente atingir a síntese perfeita entre o em-si e o para-si, já não seria mais liberdade, já não seria mais concernente à condição humana. A essa condição está dada a condenação de se buscar sem jamais se alcançar. Por este motivo, é que em “O Ser e o Nada” todas as tentativas, todas as aventuras do para-si rumo à síntese desejada fracassam. Via má-fé, via assimilação do outro, via objetivação do outro, não se escapa a condenação da liberdade, o resultado de todas essas investidas é o fracasso. Sartre (2001) termina o último capítulo de sua obra magna afirmando que o homem é uma paixão inútil, pois seu desejo mais fundamental é irrealizável. O fracasso ontológico é, assim, a marca da existência humana.

Transpondo essas noções para a presente discussão, percebemos novamente a dimensão do fracasso: no amor há desencontro, na intimidade há vulnerabilidade e na extimidade virtual, apesar da aparente sensação de proteção, recaímos igualmente no desamparo. Não se escapa ao conflito. Em uma perspectiva sartriana, quando estamos em relação, estamos em jogo: não há garantias, nem certezas, não há nada em que possamos nos agarrar. Dessa forma, na extimidade virtual, mesmo que possamos contar com um tempo diferenciado, que nos permite editar e com um espaço híbrido, que nos permite ver sem sermos vistos, ainda assim, estamos em jogo. Estamos diante do outro que nos olha e, fatalmente, mesmo tentando nos buscar através dele, mais uma vez, recairemos no fracasso.

Em resumo, consideramos a tentativa de construção segura na extimidade virtual como mais uma variação concreta do conflito intersubjetivo. A extimidade virtual é, a nosso ver, a versão contemporânea do fracasso ontológico, ou seja, o que se busca através dela é a mesma coisa que se procura incessantemente em todas as outras relações, mas, invariavelmente, encontramos em todas elas um perpétuo eco de fracasso. Por isso, recorrendo às palavras de Sartre (2001),

ousaríamos dizer que tanto na intimidade quanto na extimidade virtual, “nos perdemos em vão; o homem é uma paixão inútil” (p.750).

6

Pesquisa de Campo

6.1

Mais uma modulação do método

O objetivo inicial que anima a presente tese nos levou a descrição da perspectiva sócio-histórica da intimidade e da extimidade virtual, bem como a uma releitura destes mesmos temas por uma via compreensiva pautada na ontologia existencial. Avançamos o suficiente? Se continuarmos seguindo o trilho do pensamento sartriano a resposta seria não. Isto porque, como apontamos no primeiro capítulo, para Sartre (1987), ao estudarmos um fenômeno humano, precisamos dar voz àqueles que o tornam possível, que o dão força e vida, ou seja, precisamos nos voltar para o homem concreto que vive, age e possibilita essa nova perspectiva da intimidade na internet. Portanto, escolhemos como próximo passo a realização de uma pesquisa de campo, através de entrevistas com pessoas casadas que fazem uso da rede social Facebook.

Nossa pesquisa de campo, como dito antes, se inspira no mesmo movimento perseguido até aqui de cercar o objeto de estudo “pelas duas pontas”. Em outras palavras, buscamos por em movimento a articulação indissolúvel entre homem-mundo e pretendemos nos aproximar da fala dos entrevistados para costurar sentidos a partir de suas experiências.

Visando a tais fins, apresentamos, inicialmente, uma breve descrição da conversa com cada um dos entrevistados, na qual buscamos nos aproximar de sua vivência da extimidade virtual e de suas possíveis repercussões na conjugalidade. A opção por uma primeira descrição singularizada dos entrevistados se pauta na preocupação de Sartre (1987, 2001) em não esvaziar a compreensão da pessoa dissolvendo-a em uma teia de abstrações teóricas e generalizantes. Afirma o filósofo: “Valéry é um intelectual pequeno-buguês; quanto a isto, não há dúvida. Mas nem todo intelectual pequeno-burguês é Valéry” (SARTRE, 1987, p.136). Com isso, Sartre chama atenção para as mediações necessárias na busca de apreensão do processo que produz o que a pessoa é, sem que a pressa em explicar

Paul Valéry determine apriorismos universalizantes que “evaporem” com ele. Tendo em vista essa preocupação, consideramos ser pertinente dar espaço para o modo com que cada um singulariza o universal, ou seja, para o modo singular com que cada entrevistado vivencia o fenômeno da intimidade virtual.

Em seguida, estabelecemos alguns pontos de discussão derivados deste primeiro momento individual e dos demais movimentos anteriores, que consideramos como sínteses enriquecedoras à discussão, pontos estes, que optamos por chamar de unificações sintéticas. Ressaltamos, mais uma vez, que esta denominação visa a, precisamente, manifestar a dimensão de movimento. Em oposição à ideia de unidade de sentido, propomos, juntamente com Sartre (1987), a noção de unificação como uma forma de apontar para sínteses em constante devir. Por este motivo, todos os subtítulos apresentados na segunda parte da discussão das entrevistas falam de um “entre” para endossar essa fundamental dimensão de movimento perseguida nesta pesquisa.

6.2

Os Participantes

Buscando dar voz aos que tornam possível a nova perspectiva da intimidade na internet decidimos entrevistar pessoas casadas que fazem uso de rede social. Realizamos um estudo com seis participantes das camadas médias cariocas, três homens e três mulheres, casados/união estável/coabitação, membros independentes, isto é, que não sejam membros do mesmo casal. Os participantes têm no mínimo dois anos de união. Além disso, tanto os entrevistados, como seus parceiros, fazem parte da rede social Facebook.

Optamos por participantes que têm no mínimo dois anos de união, para que assim tivéssemos relatos de pessoas que possuem uma vivência de intimidade conjugal. Ressaltamos que a noção de conjugalidade abarca os mais variados tipos de arranjos observados em nossos dias. Por isso, falamos de casais casados, coabitantes ou membros de união estável, a fim de destacarmos que a vivência conjugal, hoje, independe da forma como o vínculo é estabelecido. Além disso, optamos por pessoas pertencentes às camadas médias cariocas, devido ao fato de

que nem todas as camadas sociais têm, ainda, o mesmo acesso e uso da internet⁵. Não estipulamos uma faixa de idade, pois pensamos que o contraste entre gerações e a familiaridade com a rede podem ser fatores interessantes a serem considerados.

A escolha pelo Facebook aconteceu ainda no primeiro ano do curso de doutorado, em 2011, quando assistíamos ao auge do sucesso desta rede social. De lá para cá, outras redes concorrentes surgiram, porém, mesmo assim, o Facebook continua sendo uma das redes sociais mais utilizadas pelos internautas. Além disso, o Facebook se destaca por ser uma janela que abre múltiplas possibilidades de compartilhamento como textos, fotos, vídeos, conversas públicas e privadas, diferentemente de outras novidades que se restringem a um tipo de postagem, como no caso do *Instagram* que prioriza as fotos. Apesar da escolha pelo Facebook, deixamos nossa escuta aberta para que os participantes trouxessem, igualmente, outras experiências que julgassem pertinentes nas demais redes sociais.

6.3

As entrevistas

O participante foi convidado para uma entrevista presencial gravada em áudio, com a sua devida autorização e posteriormente transcrita para fins de análise. Realizamos entrevistas com questões abertas, pautadas em um roteiro invisível. O roteiro foi testado em uma entrevista piloto, a fim de avaliar a interação entre o entrevistador e o entrevistado e verificar se a linguagem estava adequada e favorável a incentivar a fala em torno do tema.

Com a intenção de encontrar voluntários para participar das entrevistas, informamos aos amigos e conhecidos sobre o tema da pesquisa. Não enfrentamos dificuldades em encontrar pessoas interessadas em compartilhar suas experiências virtuais, principalmente entre as mulheres. As entrevistas foram realizadas no período entre os anos de 2012 e 2014.

⁵ De acordo com a PNAD (2012), todas as regiões do país apresentaram aumento no número de internautas, mas, em especial, destacam-se os índices da região sudeste. A pesquisa aponta igualmente para o significativo aumento no número de usuários de telefone móvel para uso pessoal. Dados disponíveis no site do IBGE.

Conduzimos as entrevistas de forma flexível, ponderando a necessidade de, até mesmo, alterarmos a direção. Visamos primordialmente a favorecer que os participantes se sentissem à vontade para falar dos temas. Utilizamos o recurso de áudio para a gravação das entrevistas com o objetivo de posteriormente transcrevê-las, bem como para, igualmente, lançarmos mãos da própria escuta do material, posto que a escuta é reveladora de um sentido vivo e rico para o estudo.

O local de realização da entrevista foi escolhido pelo próprio participante. Visamos com isso a permitir que o ambiente fosse propício à abordagem do tema, já que este envolve a questão da intimidade. Sentimos que, de uma forma geral, as entrevistas fluíram bem, os participantes se mostraram confortáveis e, principalmente, bastante interessados em contar suas experiências. Acreditamos que este interesse percebido nos entrevistados se justifica pelo próprio tema: relacionamento/ internet. Essa mistura parece ser uma constante para a maioria, aparecendo como uma vivência de forte relevância no cotidiano de todos, como veremos a seguir.

A presente pesquisa foi aprovada pela Comissão de Ética em Pesquisa da Puc-Rio e as entrevistas foram realizadas a partir de uma autorização por escrito, firmada em um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, cujo modelo segue em anexo. Preconizando o sigilo dos participantes, apresentamos, na discussão seguinte, nomes fictícios.

7

Discussão das entrevistas

7.1

Descrrevendo a conversa com Ana

Ana é uma moça de trinta e três anos casada há dois. Tanto ela quanto seu parceiro se encontram no segundo casamento. Ela não possui filhos, somente ele, do primeiro relacionamento. Ana forneceu uma rica descrição a respeito da rede social Facebook, da qual faz parte há mais de cinco anos. Disse ter “fases” com o Facebook e que, no início, usava com maior frequência do que agora. Falou detalhadamente das facetas abertas e fechadas da rede social. Explicou que o Facebook, diferentemente do *Orkut*, possui mais ferramentas de privacidade, através das quais é possível liberar ou bloquear o acesso às informações pessoais. Desta forma, a partir do *menu* de privacidade do *site*, o internauta decide o quê vai compartilhar e com quem vai compartilhar. O Facebook de Ana é “fechado” para desconhecidos, o que significa que somente seus “amigos”, isto é, pessoas que ela adiciona ao seu perfil, podem ter acesso livre a todas as suas postagens. Ana parece se preocupar em utilizar esses recursos de privacidade por sentir que o Facebook possui uma faceta invasiva, como realçou em algumas de suas falas:

“No Facebook se você quiser você pode ter tudo isso, você invade muito... Assim... Se o seu Facebook for aberto, porque também tem isso, o meu Facebook não é aberto para quem eu não conheço”.

“Mas, tem certas coisas, no Facebook, que atrapalham... que é sobre o que a gente tá falando, né? Ninguém gosta de ser invadido e quando as pessoas invadem...”.

Por outro lado, Ana contou que um dos principais usos que fazia do Facebook, logo que abriu sua conta, era o de vasculhar o perfil de outros participantes, bem como o de seu parceiro. Ressaltou seu fascínio em bisbilhotar a vida alheia em suas incursões curiosas que a levavam de página em página, de

perfil em perfil, a criar histórias com os elementos que recolhia. Quando tais incursões eram iniciadas na página de seu parceiro, Ana percebia que elas produziam efeitos ruins, já que através de sua curiosidade criava histórias que não necessariamente eram verdadeiras, mas que acabavam por respingar em seu relacionamento:

“Pois é, então... Nesses anos eu já tive várias fases de Facebook. A primeira fase eu postava [...] É eu adorava ver as pessoas que o meu parceiro tinha de amigos, tem de amigos, e... Aí eu entrava, assim, tinha lá, ‘Adorei conversar com você hoje’, tipo, coisa que eu não sabia... Isso gerava uma briga, mas não acabava por aí. Aí eu entrava e entrava no comentário da pessoa, que entrava no comentário de uma outra amiga e aí eu via que eu tinha vários amigos em comum com aquela pessoa, e aí gerava uma situação meio estranha”.

O relato sobre suas incursões na página de seu parceiro revela o quanto que o Facebook acaba sendo um gatilho de sua desconfiança e de seu ciúme. Ana ainda complementou dizendo:

“É engraçado, quando você vai fuxicar uma pessoa no Facebook você já vai com aquela intenção de que você vai achar alguma coisa, de encontrar alguma coisa, então, você já vai com aquela cabeça meio nervosa de: ‘Ai meu Deus, eu vou achar’. É igual você fuxicar um celular, sabe, podem ter mensagens ali que eu não sei o que é e eu posso interpretar da maneira que eu quiser...”.

Ana relatou que se sente incomodada com o Facebook de seu parceiro, pois, diferentemente do seu, o dele é aberto, inclusive para desconhecidos. Dessa forma, quando ele posta uma foto do casal, qualquer usuário pode ter acesso.

“O Facebook dele é todo aberto, então, assim, qualquer coisa que ele fale, que ele poste, todo mundo vê, mesmo quem não é amigo dele também tem acesso a isso”.

“O meu é travado, porque eu não quero... Não me interessa... Pessoas que eu não conheço ficarem sabendo da minha vida, eu não gosto. Agora, já o dele é todo aberto, por isso que eu nem faço muita questão de entrar...”.

Ainda comentou um episódio de desentendimento com um membro da família de seu ex-marido ocorrido através do Facebook. A pessoa incomodada com as postagens de Ana optou por excluí-la de seu perfil:

“Logo que eu me separei, que eu postava que eu tava na noite, dançando, tomando cerveja com as amigas e eu coloquei no Facebook. E uma pessoa da família do meu ex-marido, escreveu pra mim por mensagem, né, In Box, que chama no Facebook: ‘Por que você está fazendo isso? [...] você não deveria postar certas coisas’. O que acontece: eu nunca escondi minha vida de ninguém, eu acho, assim, se ela viu coisa a meu respeito, de repente ela viu uma foto e entrou no meu Facebook para ver o resto. Ou seja, ela entrou porque ela quis... Tanto incomodou, que ela me excluiu. Hoje em dia, eu não tenho mais essa pessoa no meu Facebook, nem eu tô no dela”.

Este fato foi interpretado por Ana como um afastamento não apenas ali, mas também fora do virtual. Relatos parecidos com este foram ouvidos em quase todas as entrevistas, isto é, a rede parece ter se tornado para muitos internautas um espaço de resgate e cultivo de amizades, bem como um espaço de anúncio do término de muitos relacionamentos, como veremos na sequência.

Por ora, ressaltamos que a entrevista de Ana revela uma vivência bastante intensa na rede, a ponto de repercutir fora, principalmente, em seu relacionamento conjugal. Ana se mostrou desconfiada, por vezes, bastante ciumenta em seu relacionamento e, neste sentido, o Facebook parece funcionar como um espaço de busca de informação sobre o outro. Percebemos que Ana prefere ver a ser vista, posto que assume que adora fuxicar a vida alheia, mas que, no entanto, se preocupa em manter seu Facebook “fechado”. Talvez, Ana tenha enfatizado a dimensão invasiva da rede, justamente por conta da forma como ela própria a utiliza.

7.2

Descrevendo a conversa com Bruno

Bruno é um rapaz de trinta e um anos casado há oito anos. O casal não tem filhos. Bruno contou que possui Facebook há mais ou menos quatro anos e que, ao

longo deste tempo, fez uma pausa e cancelou sua conta por alguns meses. O que motivou o fechamento de sua conta foi, segundo ele, a falta de paciência com certas opiniões que o irritavam e que o fazia bloquear os “amigos” de Facebook. De tanto se irritar e bloquear as pessoas, Bruno decidiu fechar sua conta por algum tempo.

“A falta de paciência com a opinião dos caras... Aí eu começo a bloquear as pessoas e só ficam as páginas que eu curto. Aí eu abro o Facebook e só vejo páginas, não são pessoas... são páginas...”

“Páginas são... são... Instituições que eu acho legal, bandas, canais de televisão, editoras... Porque as pessoas eu ia bloqueando todo mundo, não acabava com a amizade para não ficar feio, sabe? Mas eu ia bloqueando todo mundo, no final das contas não tinha mais ninguém...”

“Aí eu cancelei o Facebook e depois eu voltei. Agora eu tô mais tolerante”

Em seu retorno ao Facebook, Bruno decidiu mudar de estilo e passou a procurar menos discussões e opiniões polêmicas e a valorizar mais a rede como um espaço de informação, acessando, principalmente, as tais páginas de sua preferência. Em sua fala, percebemos a distinção entre bloquear e excluir alguém do perfil do Facebook, distinção essa, que parece ser de extrema importância para os participantes da rede.

Bloquear é uma função de privacidade do *site*, que mantém o “amigo” em sua lista de contatos, mas que não o atualiza de suas postagens e vice versa. Desta forma, a pessoa bloqueada não vê o que se passa com a outra no *site*, mas continua tendo acesso ao recurso de mensagens *In Box*. Já excluir alguém do Facebook é mais radical, pois é impedir todo e qualquer acesso virtual com aquela pessoa dentro do *site*. Por esta distinção é que a condição de ser excluído é sentida, em geral, como uma atitude pesada, vivida como um verdadeiro corte na relação.

Bruno comentou que seu novo estilo de vasculhar páginas ao invés de pessoas acabou o deixando mais viciado na rede social. A facilidade em obter

informação é o grande fator deste vício que foi endossado pelo uso do *smartphone*:

“Facebook é um negócio meio viciante, cara, porque você vai girando lá, principalmente no celular. Hoje em dia, eu não consigo mais ver o Facebook no desktop, eu acho sem graça... Eu acho legal ir girando no celular e ir vendo as atualizações assim, na hora, rápido, no celular...”

Esse vício por informação rápida e na palma da mão foi considerado por Bruno um motivo de reclamação em seu relacionamento conjugal. Sua parceira se queixa, principalmente quando eles saem para jantar e Bruno fica plugado na tela. Ele disse que nestes momentos tenta se policiar para não ficar magnetizado pelo vício da rede. Já em casa, segundo ele, isso não acontece, porque lá sua parceira também fica *on-line*. Bruno não vê problema nisso, uma vez que o casal trabalha junto, na mesma empresa e, assim, quando chegam a casa sentem que é hora de cada um se dedicar ao que gosta:

“Em casa ela nunca reclama... Em casa, ela também fica (risos). Em casa eu tenho... eu tenho um lugar... então, de noite eu quero ficar sozinho, assim, aí eu fico jogando vídeo game, pego e fico com o Ipad no colo, carregando pra não acabar a bateria e só jogando vídeo game, com o fone no ouvido, vendo vídeo, escutando música”.

Essa descrição de Bruno é curiosa e nos faz visualizar um homem-plugado, um homem que vive seu relaxamento, seu tempo livre, estando conectado. Essa imagem parece ilustrar bem a condição de nosso tempo, na qual percebemos que a conexão nos liga a diversos novos mundos, como no caso de Bruno: mundo de jogos, mundo de músicas, mundo de informações. Contudo, ao mesmo tempo em que nos liga a estes novos mundos, nos faz, também, não presentes, ou seja, não presentes aos arredores concretos da situação que nos cerca.

Segundo Bruno, essa situação não incomoda a sua parceira, porque, em suas palavras: *“ela também é usuária”*. Bruno disse, ainda, que o casal usa a internet para se comunicar dentro de casa. Neste caso, a rede usual é o *Whatsapp*:

“O que a gente vai almoçar? Ah, não sei, amor...” [...] e eu fico conversando com ela pelo Whatsapp dentro de casa... Mas muito, muito! É porque, agora, a gente tá morando em uma casa um pouco maior, assim, que não dá pra se comunicar por grito, aí é por Whatsapp dentro de casa, direto!”

Ainda com relação à dinâmica entre a extimidade e a intimidade Bruno contou que aderiu a moda de publicar em uma rede chamada *Foursquare*. Este site está ligado ao Facebook e permite ao utilizador indicar o local exato onde se encontra e compartilhar essa informação também via Facebook. Bruno passou a utilizar o *Foursquare* para indicar restaurantes, comentar seus cardápios, pedir dicas aos outros participantes. Entretanto, sua companheira começou a se incomodar e a se sentir exposta com essa atitude do marido:

“Eu entrei na onda de ficar me marcando em todos os lugares, no Foursquare, porque lá tem a opção de você marcar onde você está e publicar no Facebook. Logo no começo, eu entrei nessa onda. Eu acho legal ir num lugar, marcar lá e comentar: ‘Ah pede esse prato... esse lugar é maneiro por causa disso’”.

“Era a onda de mostrar, cara, era exatamente, a onda de mostrar que eu tava indo naquele lugar, que aquele lugar era maneiro, entendeu?”

“Só que ela não achava legal isso, sabe? E depois eu parei pra pensar e vi que realmente não tem nada a ver, sabe? Por que as pessoas têm que saber onde eu tô indo, cara?”

Esse episódio aponta de forma direta para a implicação da extimidade virtual na sua intimidade de casal, uma vez que sua companheira trouxe para a negociação íntima do casal um tema recolhido na rede. Interessante notar que as postagens de Bruno não estavam diretamente relacionadas a ela, visto que se tratava de comentários sobre restaurantes e cardápios. Mas, indiretamente, sua parceira estava sendo exposta através dessas postagens, pois inevitavelmente indicavam sua localização. Destacamos, ainda, que a entrevista de Bruno revelou uma forte interação na rede, a ponto de levá-lo a cancelar sua conta no Facebook por se incomodar em demasia com o que observa na tela. Com uma roupagem

bastante diferente da desconfiança de Ana, percebemos em Bruno a mesma vivacidade na experiência com a extimidade virtual.

7.3

Descrevendo a conversa com Carla

Carla é uma mulher de cinquenta e cinco anos que está há dezoito anos em seu segundo casamento. O casal não possui filhos juntos, mas ambos possuem filhos das relações anteriores. Carla disse estar há pouco tempo no Facebook, por volta de dois anos, e que aderiu à rede devido à insistência de amigas. Foi através das amigas que Carla se familiarizou com o Facebook e descobriu nele um excelente meio de fazer contatos com pessoas e de buscar informação. Destacou, ainda, que percebe ser mais fácil falar com o filho que mora fora do Rio pelo Facebook do que pelo telefone, pois quando o vê *on-line*, sabe que pode falar naquele momento.

Carla relatou alguns episódios significativos em que descobriu o quanto que as informações postadas na rede podem ser mal interpretadas, distorcidas, ou, até mesmo, duramente julgadas pelos demais usuários. Contou um episódio ocorrido em um *post* de um amigo. Carla leu e resolveu deixar um comentário com a sua opinião. Um amigo desse amigo, ou seja, um terceiro, que Carla não conhecia, discordou duramente dela. A esse respeito, comentou:

“Foi bom até que isso tenha acontecido no começo, pois serviu de alerta pra mim, que nem tudo o que eu penso eu posso colocar, porque tem pessoas que não vão aceitar [...] Ele (um amigo de um amigo de Facebook) chegou a me questionar de maneira agressiva, aí... A partir daí, foi bom ter acontecido... porque eu me toquei que não era tudo o que eu podia colocar”.

A partir disso, ela acabou por modificar sua forma de se posicionar *on-line*. Mas, as situações de conflito via rede social não se restringiram aos estranhos íntimos “amigos” de Facebook. Carla contou um episódio de desentendimento com seu parceiro que a levou a excluí-lo de sua lista de contatos do *site*. Segundo ela, em meio a uma briga do casal, seu parceiro se aproveitou da rede para postar uma mensagem que ela sentiu como uma indireta para si. Tal

mensagem foi postada no *feed* de notícias, isto é, era do acesso de todos e apesar de ser uma sutil alfinetada, Carla se sentiu extremamente exposta diante dos outros.

“E eu não vou mais provocar nada até porque nós não somos mais amigos de Face e depois eu acho que isso é expor a pessoa, né? Eu acho que a partir do momento que ele fez isso ele me expos... Ele quis dizer o quê para as pessoas?”.

Outro exemplo dado por Carla, a respeito da vivacidade das experiências virtuais, diz respeito ao desentendimento com um parente que, do mesmo modo, ao invés de falar com ela pessoalmente sobre um incômodo, optou por recorrer à rede e excluiu Carla de seu perfil. Essa experiência foi sentida como uma forma de dizer que a relação estava encerrada, não apenas dentro, mas também fora da rede social.

“Então, quando acontece esse tipo de coisa de deletar, pra mim é muito sério. É como se você estivesse dizendo assim: ‘até hoje eu aceitei estar convivendo com você, mas daqui pra frente eu não quero mais’...”.

“Mas eu acho que a gente tem que cuidar disso, porque as coisas não podem se misturar... Até porque, nesse caso, eu acho que a coisa extrapolou de um Facebook. Mas foi através do Facebook que ela manifestou o incômodo comigo. [...] E eu achei que ela quis dizer pra mim: ‘Olha só, eu não quero mais a sua amizade’”.

Vemos novamente aqui o virtual servindo de intermediário para comunicar algo que extrapola a tela e repercute diretamente no cotidiano das pessoas. Excluir ou deletar do Facebook parece ter se transformado, para os internautas, em um código contemporâneo, que remete ao mesmo que cortar relações.

Além disso, Carla realçou uma particularidade interessante de seu uso na rede. Por mais de uma vez ao longo da entrevista ela destacou que postar no Facebook é uma forma de extravasar a sua necessidade de falar com alguém:

“Aquela necessidade de falar pra alguém e, quando não tem ninguém, eu vou lá”.

Citou um exemplo de um dia em que estava em casa sozinha e viu uma mensagem no Facebook que mexeu com ela. Imediatamente sentiu vontade de falar sobre o assunto, de expor sua opinião, de dialogar. Frente a isso, recorreu à rede para compartilhar:

“Eu acho que o que me motivou, principalmente nesse dia, foi aquela necessidade mesmo de falar com alguém, eu não tinha ninguém ali, na hora para falar...”

“Não tinha ninguém em casa e as pessoas mais chegadas, também, talvez estivessem trabalhando e eu não ia pegar um telefone e ficar ligando pra alguém e, ao mesmo tempo, eu queria fazer um alerta”.

O Facebook serve, então, como este grande espaço público, a praça da contemporaneidade como dizíamos anteriormente, onde encontramos com o outro, onde sabemos que sempre terá alguém para compartilhar e trocar. Para Sibilia, encontramos na rede, neste espaço de visibilidade, uma chance de afugentar um antigo fantasma, a saber, a solidão. Neste contexto, a autora considera que, a solidão, cada vez mais intolerável em nossos dias, encontra nas telas um suposto antídoto, na medida em que lá existe “a ilusão de se ter ‘um milhão de amigos’ nas miragens das redes sociais” (Sibilia, 2010, p.55).

Vemos na entrevista de Carla a rede funcionar novamente como um espaço extremamente significativo em sua vida e em suas relações. A vivacidade da tela é tanta que parece se transformar em “alguém” que efetivamente está ali para escutá-la e dissolver a sensação de não ter com quem falar. Carla foi a única entrevistada na faixa dos cinquenta anos. Contudo, não percebemos nenhuma diferença significativa em sua narrativa que pudesse ser associada à idade, a não ser pelo fato de que ela ingressou há menos tempo no Facebook e que precisou das amigas para conduzi-la a uma maior familiaridade com a rede.

7.4

Descrindo a conversa com Daniel

Daniel é um rapaz de trinta e três anos, casado há quatro anos. O casal possui um filho de um ano de idade. Daniel participa do Facebook há seis anos e contou que usa a rede todos os dias, com a mesma frequência desde o início e, principalmente, agora, através do celular. Para ele um dos grandes atrativos da rede é ficar sabendo de notícias sobre a vida de seus “amigos”:

“Por exemplo, uma pessoa ficou grávida, aí ela vai lá e posta a foto da ultrassonografia. Aí eu falo: ‘fulana tá grávida, olha que legal!’. Facebook informa: fulana está grávida. Aí você liga pra pessoa ou manda uma mensagem pra pessoa: ‘poxa que feliz, parabéns!’. E por aí vai...”

Daniel ressaltou que nunca foi uma pessoa muito falante e que jamais gostou de conversar no telefone. Neste contexto, ele vê no Facebook um instrumento facilitador, pois, por exemplo, em dia de aniversário de um amigo, ao invés de telefonar, ele simplesmente pode, agora, mandar uma mensagem. Para Daniel, o Facebook e as redes sociais da internet estão produzindo uma mudança de paradigma nas relações pessoais. No seu caso, essa mudança é boa, uma vez que, como disse, facilita seu acesso aos outros:

“Nunca fui muito de gostar de falar no telefone assim, falava no telefone no máximo com minha mulher, com minha família e olhe lá. E... Mas, assim, de forma geral, eu nunca fui muito, assim, de ter que ligar para dar parabéns pra alguém. Tá bom... Eu vou ligar e vou falar parabéns e vou desligar... Enfim, não sei, é meu jeito...”

“Agora com as mídias sociais, de uma forma geral, e com o advento da internet você simplesmente manda mensagem e não precisa ficar naquele ‘small talking’, meio furado, entendeu? [...] Pra mim, facilitou muito”.

Além disso, Daniel comentou que tem, em seu Facebook, entre seiscentos e setecentos “amigos”, porém, considera-os mais conhecidos do que amigos. Amigos mesmo, que acompanham suas postagens, com quem ele realmente

interage, se resumem a mais ou menos cem pessoas. Por isso, Daniel não se inibe em deletar ou bloquear pessoas de sua lista de contatos.

“Enfim, eu acho que a internet tem essa vantagem de deletar a pessoa da sua vida sem... eu já deletei pessoas bem chatas...”.

Com relação à interação com sua parceira via rede social, Daniel destacou que, atualmente, 95% da comunicação entre eles é feita através do *Whatsapp*. Daniel justificou a preferência por essa via de comunicação devido à facilidade. Assim, durante o dia, quando estão trabalhando, se falam por ali e cada um responde ao outro no tempo que lhe for viável, em meio aos seus afazeres. Entretanto, Daniel salientou sua preocupação com o excesso de internet em suas vidas. Disse que, hoje, principalmente com o *smartphone*, a tendência é ficar o tempo todo grudado na tela, inclusive em casa. Daniel contou que ele e sua parceira conversam dentro de casa via *Whatsapp*:

“Eu tô na sala e ela vai dormir, aí, daqui a pouco, entra uma mensagem: ‘Você não vem dormir? Então, vem pra cama, vem assistir TV aqui’...”.

Além disso, Daniel questionou o sentido desse excesso, ou seja, o porquê dessa necessidade de olhar e de postar, o porquê de manter sua conta no Facebook:

“Aliás, eu já me questionei muito sobre isso: Por que eu posto coisas no Facebook? Qual o meu intuito? Não sei... Acaba que se torna uma coisa tão natural que eu não sei... E acaba que eu tô expondo a minha vida para os outros... Mas qual é a intenção?”

Sobre a dimensão da exposição proporcionada pela rede, Daniel contribuiu, ainda, com uma interessante reflexão a respeito de seu filho de pouco mais de um ano de idade. Disse que quando o menino nasceu ele e sua companheira tiveram que conversar a respeito da exposição do filho na rede, que além de ser feita por eles, era acrescida por inúmeras fotos postadas por amigos

do casal. Quando deram por si, perceberam que não tinham mais o controle das inúmeras imagens do filho que circulavam no Facebook:

“Tem mãe que posta tudo: quando a criança espirra, falou alguma coisa... E tudo vai postar. E tem pessoa que não posta nada. Eu, como falei, não sou muito de postar [...] mas na época que meu filho nasceu, pelo contrário, eu acabei ficando mais ativo neste sentido e aí veio o questionamento: ‘Pô, será que não estamos exagerando?’”

“E aí, enfim, a própria reflexão nossa e também debatendo com outros amigos veio a questão de que um... Tipo, é... É desnecessário e é algo que pode vir a embarçá-lo quando ele for maior. E aí você pode estar postando coisinhas sobre ele que podem gerar um constrangimento mais tarde”.

A partir do momento em que Daniel percebeu o poder da rede de alastrar informações e devassar a privacidade de seu filho, ele e sua companheira reviram, juntamente com os amigos, essa questão e passaram a evitar expô-lo no Facebook.

“Então, eu entrei um pouco neste questionamento até que eu falei assim... Acho que nem tanto a gente estava postando fotos dele, mas os outros estavam postando fotos dele, muita coisa dele... Aí começou a me incomodar... E aí eu pedi para a minha esposa: ‘Olha, por favor, peça para as pessoas pararem de postar fotos do nosso filho’. E aí deu uma boa diminuída...”

Esse questionamento a respeito da exposição excessiva na rede será outro ponto que iremos retomar a diante, em nossas unificações sintéticas. Por ora, observamos que igualmente para Daniel a rede possui uma intensa interferência em sua vida e em suas relações. Primeiramente, pelo seu estilo particular, não tão comunicativo. Assim, a rede acaba servindo como um canal mais fácil de acesso ao outro. Em segundo lugar, pelo seu declarado vício de internet. Daniel reflete sobre o quanto a internet acaba servindo de meio de contato entre ele e sua companheira, ao passo que também reconhece que em muitos momentos ela acaba sendo um meio de afastamento entre eles devido aos seus excessos. A este respeito, Daniel sugeriu uma metáfora se referindo ao casal absorvido pelo virtual

como “*duas ilhas solitárias*”. Essa rica imagem será retomada na sequência na discussão denominada “Entre o parceiro e a tela”.

7.5

Descrevendo a conversa com Elisa

Elisa é uma mulher de quarenta e três anos casada há seis. O casal não possui filhos. Elisa disse estar no Facebook desde sempre, isto é, quando o público brasileiro começou a migrar do *Orkut* para o Facebook, ela logo aderiu à rede. Elisa contou que entrou no *site* com o intuito de reencontrar pessoas, antigos amigos de escola, por exemplo, pessoas com as quais, por circunstâncias da vida, ela havia perdido o contato. Contudo, desde o início de sua fala, Elisa marcou um duplo sentido observado nas relações que estabelece via virtual, bem parecido com o apontado pela discussão trazida por Bauman (2012), Turkle (2011) e Tisseron (2008):

“Eu acho que tem os dois lados, as pessoas do passado foram aproximadas, pois eu não tinha contato e as pessoas do presente foram distanciadas, no sentido de que ao invés de a gente pegar o telefone para falar ou de marcar um encontro, nós falamos por ali, pelo Messenger do Facebook”.

Elisa contou que utiliza muito o Facebook e as demais redes sociais em seu trabalho. Na verdade, o Facebook é o canal preferencial de comunicação usado em sua equipe, desde a distribuição de tarefas, até mesmo à combinação da hora e local do almoço. Por este motivo, Elisa associa muito a internet e a rede social à dimensão do trabalho.

Apesar de ser uma mulher internética, em diversos momentos, Elisa fez uma leitura crítica da rede. Disse se incomodar com as pessoas que postam em excesso, narrando todos os detalhes de suas vidas, em suas palavras, tal como se fosse “*um álbum de viagem do dia a dia delas*”. A este respeito, Elisa fez um questionamento sobre o sentido desse excesso de exposição. Para ela, muitos “amigos” de Facebook são na verdade, conhecidos. Por isso, ela interroga sobre o que exatamente faz sentido mostrar de si e o que considera como íntimo e que deve, então, ser resguardado:

“Eu acho muito estranho eu colocar uma coisa tão íntima para uma pessoa que me viu uma ou duas vezes na vida e que me convidou pra ser amiga por conta do trabalho - eu acho que é muito grosseiro dizer não no Facebook (para um convite de amizade) - daí a pessoa ficar tendo esse tipo de informação...”

“Por exemplo, se eu quero... Se a gente almoça num grupo de pessoas e eu tiro uma foto eu pergunto: ‘A gente pode postar? Eu posso marcar você ou não?’. Um dia destes teve um almoço que um dos meninos falou: ‘Ah gente, não me marca não porque minha noiva é muito ciumenta’ [...] Ok, ele não será marcado em momento nenhum, pois eu acho que a gente tem que respeitar isso”

Vemos aqui a entrevistada destacar uma ideia de desconforto com o excesso de exposição, além de apontar para a importante questão vivida atualmente por todos nós com relação à imagem. Mesmo quem não participa de rede social, hoje, está suscetível a ser clicado e espalhado na rede, mesmo que não queira e mesmo que nem saiba que foi parar lá. Neste sentido, é interessante o episódio comentado por Elisa, pois destaca a questão da privacidade dos outros que pode ser devassada quando desejamos revelar a nossa.

Outra situação curiosa relatada por Elisa foi sobre uma amiga de Facebook que é sua vizinha de bairro. Volta e meia, Elisa curte alguma foto postada pela moça, entretanto, quando se veem na rua, a moça não a cumprimenta. Essa situação é curiosa, pois, nela, a relação virtual funcionar de modo fragmentado, como se a pessoa só existisse “lá dentro” da rede social:

“Ela mora próximo, às vezes, a gente passa uma pela outra na rua... Eu já fiz várias vezes menção de dizer ‘oi tudo bem?’ e a pessoa passa pela rua como se ela... É como se eu fosse a amiga virtual dela. Bom, na verdade eu sou só a amiga virtual dela... E isso é muito estranho...”

Diante do intenso uso que Elisa faz da internet em seu trabalho ela disse que tenta evitar ao máximo ficar *on-line* quando está em casa. Policia-se para não permanecer plugada quando está ao lado de seu parceiro, já que segundo ela, deixa de aproveitar a presença do outro. Por isso, opta por pequenas olhadelas em momentos nos quais o parceiro se afasta.

Além disso, Elisa prefere desligar o celular ou desconectar a internet nos finais de semana, de modo a não se sentir tentada a checar suas mensagens e *e-mails*. Muitas vezes, somente volta a ligar o celular quando entra no metrô, na segunda-feira, a caminho do trabalho. Neste momento, ela olha ao redor e se espanta com a atitude das pessoas, que, em sua maioria, estão com a cabeça baixa, absorvidas por pequenas telas:

“É, às vezes, eu entro no metrô e eu vejo muita gente com o celular e agora com os e-books, eu acho bacana, ‘poxa as pessoas estão lendo’... Mas, as pessoas não se olham, não se percebem, eu acho isso muito estranho, porque parece que elas estão encapsuladas, sabe?... É uma redoma, só elas”.

Num tom parecido com o da crônica de Bloch (2014), a qual nos referimos anteriormente, Elisa resente pela distância e pela ausência produzidas pela tela, que, em sua opinião, impedem as pessoas de verem a vida acontecer ao seu redor:

“É porque eu acho que, senão, você não vê a vida acontecer, né?”.

Percebemos, então, que Elisa é extremamente ligada às redes sociais, visto que fazem parte de seu dia a dia de trabalho. No entanto, ela parece ser dentre as seis pessoas entrevistadas a que mais tenta dividir os momentos *on-line* dos *off-line*, nos quais quer se dedicar de forma mais próxima às relações de intimidade. Talvez, por este motivo, ela tenha sido a entrevistada que menos comentou episódios relacionando a intimidade virtual à intimidade de casal. Mesmo assim, como pontuamos, ela deixou escapar que quando o parceiro se afasta ela se permite pequenas olhadelas.

7.6

Descrevendo a conversa com Fabio

Fabio é um rapaz de trinta e dois anos casado há seis. O casal possui uma filha de onze meses. Logo no início, Fabio marcou a mudança em seu uso no Facebook, desde sua inscrição no *site* até os dias de hoje. Ele já faz parte da rede social há seis anos e ressaltou que, no início, o Facebook pegou carona na moda

do *Orkut* e, assim, um dos grandes atrativos do *site* era a possibilidade de reencontrar pessoas. Atualmente, seu uso mudou e o interesse, agora, gira em torno da facilidade de obter informação.

Fabio falou detalhadamente a respeito da nova linguagem surgida com a internet, caracterizada por uma escrita rápida, breve, mas, ao mesmo tempo, criativa e sedutora. Sua entrevista foi marcada por muitas expressões de efeito, a nosso ver, extremamente felizes, as quais iremos nos reportar ao longo da presente descrição. A primeira que destacamos é a expressão “*batalha narrativa*” utilizada por Fabio para designar as várias vozes que falam em direções opostas na rede. Porém, ao mesmo tempo em que realçou a existência de uma disputa de opiniões, Fabio destacou, também, a faceta construtiva da rede, se referindo a essas vozes colaborativas como uma “*grande conversa*”.

Fabio disse se sentir incomodado com o excesso de exposição que observa, atualmente, na rede social. Por isso, se dedica muito mais ao caráter informativo da internet do que ao “*comentário da amenidade*”. Ainda assim, Fabio lembrou seus primeiros tempos no Facebook, onde seu uso era bastante diferente, tendo como foco a possibilidade de reencontrar amigos:

“O meu uso mudou... De publicar menos [...] Porque, no início, era a maior novidade e, então, quando percebia, eu já tinha visto uma pessoa que eu nunca vi na vida, ou alguma coisa, ou algum comentário, ou um post, ou uma foto que me chamou a atenção e dali eu fui parar... Sei lá... Eu atravessei quinze perfis de pessoas que eu nunca vi, simplesmente pela curiosidade ou pelo tom cômico de algumas coisas que aparecem aqui e eu falo: ‘nossa, vergonha alheia’ e, mesmo assim, você continua indo [...] Tinha uma coisa de muita curiosidade”.

Fabio falou da necessidade que as pessoas têm em serem curtidas pelos outros internautas, já que, segundo ele, não basta midiatizar a si mesmo se isso não for, ao mesmo tempo, celebrado pelos outros:

“As pessoa querem muito expor, em geral, elas se expõe muito. Talvez não queiram conscientemente, mas elas expõem muito a vida e é engraçado que elas expõem a sua vida e querem que você curta ou compartilhe, sabe?... Elas querem mesmo a participação do outro no espetáculo da própria vida, sabe? Isso dialoga

com aqueles quinze minutos de fama do Andy Warhol, que é de tornar especial, espetacularizar...”.

Fabio também disse que, juntamente com sua parceira, se esforça para não deixar a internet invadir os espaços de intimidade. O casal quase não posta fotos da filha, pois preferem preservá-la da exposição. Mesmo com essa atenção ao uso da internet, Fabio percebe que cada vez mais o *Whatsapp* se torna um dos meios mais utilizados por eles para se comunicarem, apesar de prezarem, ainda, pelo uso do telefone.

“Eu reparei isso, a gente tem deixado menos mensagem de voz depois que a gente começou a usar o Whatsapp... Mas, assim, em geral, a gente é um casal que meio que assim... A gente não expõe muito a nossa... A minha parceira já postou, assim, fotos da nossa filha, mas a gente dá uma segurada nisso, sabe, porque acho que tem muita exposição”.

Contou que uma vez se pegou discutindo com sua parceira por *Whatsapp* e imediatamente se assustou e recorreu ao telefone. Para ele, a conversa escrita possui certa potência ao conflito e, por isso, prefere evitar.

“Whatsapp direto... Eu já discuti com a minha parceira, pelo Whatsapp, aí eu falei assim: ‘Calma aí! Me liga depois, ou seja, a gente tá se desentendendo à toa’. Já rolou várias vezes...”.

Além disso, Fabio relatou várias situações interessantes ocorridas com amigos na rede. Dentre elas, contou sobre um casal que, assim como no caso apresentado por Dale (2011) na Revista “O Globo” que citamos, tinha um perfil compartilhando no Facebook:

“Eu tinha uma conhecida que a conta do Facebook dela era junto com o namorado. Eram os dois: fulano e fulana. Aí você tinha que conviver com os post do cara que era motoqueiro e que não tinha nada a ver com a parada e com a menina que era super delicada [...] Assim, então, cada hora saía uma coisa que dava uma nota totalmente diferente! Aí eu pensava assim: ‘Ah não, já entendi, isso é do cara. Ah não, isso é da mulher’... Estranho, estranho... E você não

entende quem curtiu a sua foto: foi o cara ou a menina? Não dá pra entender direito... Mas tem muita tensão assim... mas eu acho que para os casais a negociação é mais tensa né? Porque dividir um perfil, assim, cara... Sabe?"

Contou, também, já ter presenciado casais amigos que se desentenderam por conta de situações vistas ou vividas na rede. Segundo Fabio, esse potencial para conflitos percebido no Facebook se deve ao fato de que lá, apesar de constar o nome e o sobrenome, existe uma estranha sensação, próxima a do anonimato, uma vez que a interface do *site* privilegia manobras às escuras, muito mais do que no obsoleto *Orkut*.

"Eu me lembro, assim, que no Orkut tinha, assim, uma jogada que você sabe quem visitou o seu perfil. Então, não dá pra ir, assim, tão nas escuras [...] O Facebook facilita isso..."

"Apesar de seu nome estar ali no perfil pode ter uma sensação de anonimato né?... Não de anonimato, mas como se fosse uma interface que privilegiasse essa atividade às escuras... As manobras não estão tão às claras..."

A narrativa de Fabio também aponta para uma forte presença do virtual em suas vivências, tanto que no momento da entrevista ele estava com sua página do Facebook aberta. Chegou a rolar o *feed* em alguns momentos, exemplificando suas falas através de *posts*. Destacamos que Fabio foi dentre os seis entrevistados o que mais ressaltou o caráter criativo e colaborativo da internet, apesar de manter, tal como os demais, uma percepção crítica, principalmente, no que concerne ao excesso de exposição estampado na tela. Esse e vários temas surgidos nas descrições das entrevistas serão retomados agora em outra esfera de discussão através das unificações sintéticas.

7.7

Unificações sintéticas

Apresentamos as sínteses em movimento que intuímos a partir das reflexões teóricas iniciais e das ricas conversas com os entrevistados.

7.7.1

Entre o ver e o ser visto

O sucesso do Facebook pode ser considerado ainda consistente em nossos dias. Entretanto, como mencionamos, outras redes sociais apareceram nos últimos anos gerando uma concorrência significativa e interferindo na hegemonia “Facebookiana”. Os seis entrevistados declararam perceber uma mudança em seus usos e entradas nessa rede social ao longo dos anos em que estão conectados a ela. Hoje, eles dividem seu tempo, principalmente, entre o Facebook, o *Instagram* e o *Whatsapp*, citados como as redes sociais mais populares do momento. Ana, Bruno, Carla e Fabio disseram que, no início, logo quando abriram suas contas no Facebook, postavam mais conteúdos com tom pessoal do que atualmente. Além disso, principalmente Bruno, Carla e Fabio endossaram a perspectiva informativa do *site* e colocaram essa característica como um de seus grandes atrativos. Nenhum dos entrevistados disse fazer um estilo confessional na rede social, ao contrário, eles pareceram comungar de um desinteresse por esse tipo de postagem:

“Nossa! Eu conheço pessoas que retratam o dia como se fosse álbum de viagem do dia a dia delas, retratam absolutamente tudo, né?... Hoje de manhã, agora, eu estava tomando café ali na esquina e enquanto estava esperando o cara servir o café, eu estava ali passando os dedos [...] aí a pessoa coloca assim: ‘cochilei e queimei os bicos da mamadeira do meu filho’. E... E daí, né?! (risos). Em que isso acrescenta?!” (trecho da entrevista de Elisa).

“Eu acabo indo atrás da informação e não vendo tanto aquele... Aquele comentário da amenidade né? Ou o comentário do Willian Bonner: ‘Nossa! Esse cabelo do Willian Bonner!’ (risos) Este tipo de coisa eu não olho tanto na minha Time Line” (trecho da entrevista de Fabio).

Esses comentários banais que circulam em excesso no *feed* de notícias do Facebook parecem incomodar. Alguns trechos das conversas com nossos entrevistados mostram que eles possuem uma visão crítica a respeito desse apelo de exposição que vemos atualmente. Segundo eles, o que as pessoas mostram não é exatamente o que elas são, mas o que elas querem parecer ser para se sentirem bem diante do olhar dos outros:

“Eu acho que o Facebook não tem nenhuma relação com a intimidade. Eu acho que a intimidade é muito mais do que as pessoas apresentam no Facebook. O que elas apresentam é o que elas querem que o outro saiba, não necessariamente é o que elas são ou o que elas estão fazendo... Acho que é meio uma jogada de marketing em alguns momentos...” (trecho da entrevista de Elisa).

“E o Facebook, na verdade, entre a maioria das pessoas, é uma ferramenta de você compartilhar: ‘olha, consegui isso’, ‘tô fazendo isso’. É uma maneira de você auto massagear o ego, né, cara? Eu acho! Eu acho, as pessoas adoram aparecer, cara! Eu não vou ficar isento disso, porque no começo eu também era assim, agora não é mais a minha onda, não. Mas eu acho que é [...] Acho que pra algumas pessoas isso é uma grande massagem de ego (risos)!” (trecho da entrevista de Bruno).

Essas ideias apresentadas por Elisa e Bruno estão em concordância com a análise de Sibilia (2008) sobre a espetacularização da vida em nossos dias exibida nas telas da internet. Nas palavras da autora: “é preciso converter o próprio eu em um show, é preciso espetacularizar a própria personalidade [...] recorrendo aos métodos comparáveis aos de uma grife pessoal que deve ser bem posicionada no mercado” (p.255). O mercado a que Sibilia (2008) se refere é ao competitivo mercado dos olhares, inflado com os novos dispositivos da rede.

Na verdade, seguindo uma inspiração existencial, pensamos que essa necessidade de ser visto é intrínseca ao humano, posto que, como apontamos, é através do olhar do outro que o homem “aprende” algo sobre si, algo que jamais atingiria sozinho, pois compete ao plano da intersubjetividade revelar. Contudo, é inegável que essa necessidade humana encontra na situação contemporânea uma série de apelos e dispositivos que intensificam e favorecem a sua exploração. Dito de outro modo, as pessoas sempre careceram do olhar do outro, mas é bem verdade que, em nossos dias, os apelos midiáticos da sociedade do espetáculo e os versáteis dispositivos tecnológicos fomentam e potencializam essa necessidade e essa busca por reconhecimento.

O Facebook, por exemplo, é célebre na propagação das famosas e almejadas “curtidas”. Tudo o que é compartilhado como uma foto, uma frase, um vídeo, tem como expectativa primeira ser curtido pelos outros, de preferência, muitos e muitos outros. De acordo com Tisseron (2008), essa é precisamente uma

característica da rede, fazer com que as pessoas busquem através dela a confirmação daquilo que pretendem ser. E essa confirmação se dá, no plano do virtual, através do número de visitas num *site*, num *blog*, numa página ou através das tais curtidas. Fabio deu um exemplo próprio, apontando para o enorme prazer em se sentir “curtido” no Facebook:

“Eu me lembro de que o primeiro post que eu fiz há... Há... Esse tempo aí... Foi um post espertinho com uma frase espertinha e teve algum... Não me lembro na época quanto, mas teve várias curtidas. E eu adorei!!! (risos) Achei aquilo ótimo, estava totalmente inserido nessa dinâmica, assim, sabe?...” (trecho da entrevista de Fabio).

Ser “curtido” no Facebook ou em qualquer outra rede social parece ser um acalento na estima, ou, nas palavras de Bruno, “*uma grande massagem de ego*”. Isso indica que de fato há um grandioso prazer em se sentir celebrado virtualmente. Porém, o que percebemos, ao mesmo tempo, é a fugacidade dessa experiência, isto é, uma foto que recebe muitas curtidas hoje, não tem seu prazer estendido por muito tempo. Logo é preciso postar outra, que seja mais interessante e que receba tantas ou mais curtidas que a anterior.

Essa fugacidade do prazer na rede está, a nosso ver, ligada ao intenso fluxo de informação disponível e a enorme velocidade com que circulam. Dessa forma, um *site* como o Facebook proporciona uma diferenciada experiência da temporalidade, posto que o que se vê ali no *feed* de notícias são fragmentos de instantes. Logo no minuto seguinte, as informações já rolaram numa onda infinita de atualizações recicladas pelos milhares de participantes que postam a todo o momento. Assim, para manter a sensação de prazer é preciso postar mais e mais. A partir disso, talvez, possamos entender o sucesso das *selfies* que povoam as redes sociais. Apesar de serem fotos muito parecidas, uma vez que retratam o próprio fotógrafo em uma perspectiva restrita pela distância do braço, elas estão diariamente lá, sempre atualizadas em novos cliques dos mesmos ângulos.

Mesmo diante da tendência dos entrevistados em não adotarem uma postura confessional no Facebook e da crítica feita ao excesso de exposição por parte de alguns “amigos” virtuais, também encontramos relatos que apontam claramente para o prazer vivido por eles em bisbilhotar a vida alheia. Ana disse

que sempre gostou de espiar a vida de pessoas significativas para ela e Daniel declarou sua preferência em usar o Facebook para ver o que se passa na vida dos outros:

“Acho que tem uma tendência natural do ser humano de querer saber da vida alheia. Não é à toa que programa de reality faz tanto sucesso. Porque é atrativo pras pessoas ficarem ali vendo a exposição de outras pessoas, enfim, é ver e ser visto, né?” (trechos da entrevista de Daniel).

“Eu gosto mais de ver o que os outros postam... É que, assim, eu descobri que é uma forma fácil de saber o que está acontecendo na vida dos outros” (trechos da entrevista de Daniel).

Esse fascínio em bisbilhotar também foi comentado por Fabio. Para ele, essa é uma característica muito humana, em suas palavras, um *“fetiche da intimidade”*. Complementou dizendo que a fofoca é um exemplo dessa característica demasiadamente humana, pois, segundo ele, consiste na construção de um discurso que se baseia na vida do outro, seja esse discurso de boa fé ou não. Lembrou-se, ainda, do bordão de Pedro Bial no *reality show Big Brother*: *“vamos dar uma espiadinha?”*. Fabio concluiu que essa é, justamente, a tendência dos dias de hoje, ou seja, a transformação da intimidade em um produto midiático, pronto para ser visto. Resumiu essa ideia em mais uma de suas interessantes expressões, dizendo que nossa cultura atual é, precisamente, a *“cultura da espiadinha”*:

“A intimidade é um produto midiático, as pessoas querem fuxicar. Não é este o termo que o Bial fala... ‘vamos dar uma espiadinha?’. É a cultura da espiadinha, sabe? É muito humano, isso, porque se eu vejo uma cena caseira, aqui da minha janela da frente e eu paro e vejo: ‘ih cara!’... ‘olha o que está acontecendo’...” (trecho da entrevista de Fabio).

Esse fascínio em espiar a vida dos outros é, a nosso ver, não tanto uma moda contemporânea e datada, mas, sim, uma necessidade existencial. Mesmo assim, é inegável que as manobras virtuais exploram muitíssimo bem essa

demanda comum a todos nós. Espiar parece ter seu magnetismo e a tela nos brinda com um mar de possibilidades nesse sentido.

Se retomarmos as falas de Elisa citadas neste item, percebemos que ela é um exemplo de alguém que tem uma visão crítica a respeito dos excessos da internet. Contudo, como se percebe em suas falas e na descrição de sua entrevista ela é extremamente ligada às redes sociais. O que desejamos marcar com o exemplo de Elisa é que mesmo uma pessoa como ela, que tem um olhar questionador, está igualmente impactada pela absorção do virtual. No café, no trabalho, no intervalo de um jantar com seu companheiro, ela permanece *on-line* e confrontada por essa janela sempre aberta que deixa à mostra a vida dos outros. Até mesmo diante de suas críticas, Elisa permanece na posição de espectadora, a ponto de relatar o episódio da amiga que queimou os bicos da mamadeira do filho, apesar de não ver sentido nesse tipo de postagem.

Aliás, essa imagem de uma janela, que acabamos de usar, é bastante rica para pensarmos no Facebook e facilmente se associa a um clássico do cinema que aborda, justamente, essa inclinação humana em olhar a vida alheia. Em “Janela Indiscreta”, de Hitchcock, o protagonista Jeff está confinado em seu apartamento, após sofrer um acidente e quebrar a perna. Ele se entretém bisbilhotando a vida de seus vizinhos através da janela. Do mesmo modo, podemos pensar, também, nos internautas vivendo uma condição parecida com a de Jeff, ou seja, confinados pelo magnetismo da rede social, eles buscam entretenimento na vida alheia, essa vida que se revela diante das cortinas abertas e das luzes acesas.

Ainda neste sentido, pensamos que não é à toa que Sartre (2001) inicia seu capítulo sobre o olhar descrevendo a cena de um homem que observa os transeuntes de sua janela. Como vimos, de acordo com o filósofo (2001), ver o outro à distância, sem que ele nos veja, significa gozarmos de uma condição protegida. Quando vemos o outro à distância, pela janela ou pela tela do computador, podemos desfrutar da possibilidade de tomá-lo apenas como objeto de nossa contemplação. O impulso ao voyeurismo é, assim, compreendido como uma busca protegida de se colocar diante do olhar do outro, uma vez que o olhar nos envolve em nosso “lado de fora”, afetando a nossa condição e forçando-nos a estabelecermos um compromisso com as nossas possibilidades.

Retomando o clássico exemplo sartriano de alguém que espia por um buraco de fechadura, vemos que, em um primeiro momento, enquanto está só,

esse alguém não é nada mais do que a espontânea possibilidade de se absorver na cena-a-vista por detrás da porta fechada. Mas de súbito, quando o outro se aproxima e o flagra, este alguém que espia é tomado pela vergonha, vergonha esta, que indica a confissão de se ver implicado neste ser que o olhar do outro lhe empresta (SARTRE, 2001). Em outras palavras, quando o outro nos olha, ele nos faz despertar para o compromisso existencial que temos diante de nossa condição. Significa que somos chamados a fazer algo deste “poder-ser” que somos.

Diante disso, pensamos que a atitude dos entrevistados de quererem olhar, mas, ao mesmo tempo, de evitarem compartilhar informações pessoais, indica que a rede se apresenta como um espaço em que eles tentam construir uma mediação segura para estabelecerem seus contatos com os outros, através da almejada condição de ver sem serem visto. Como invisíveis virtuais as pessoas buscam contemplar à distância o dia a dia dos outros, seus comentários, suas preferências, em suma, suas banalidades sem se exporem a ameaça do olhar. Assim parece ser o que se passa com os participantes de nosso estudo. Bisbilhotando assumidamente ou criticando esse excesso de exposição, eles estão todos lá com os olhos ligados nos movimentos alheios que se mostram pela janela da tela.

7.7.2

Entre o expor e o preservar

As entrevistas apontam para uma clara preocupação com o excesso de exposição que estamos vivendo em nossos dias com a internet. As seis pessoas fizeram menção direta a essa preocupação, embora ressaltando diferentes aspectos. Ana disse sentir o Facebook como invasivo. Bruno contou de sua experiência no *Foursquare* e o incômodo gerado em sua parceira pelo excesso de exposição. Carla disse ter atenção com o que expõe de sua intimidade na rede. Daniel compartilhou sua preocupação com a privacidade e segurança do filho. Elisa disse prezar pela intimidade própria e dos colegas na rede. Fabio disse se incomodar com o excesso de exposição alheia e se preocupar com a privacidade da filha. A preocupação com a exposição pode ser igualmente um motivo atual que intensifica a preferência das pessoas em ver a serem vistas.

“*Você tem que pensar o que da sua intimidade você pode expor, né?*” (trecho da entrevista de Carla).

“*Mas eu tenho cuida em colocar foto para não ficar uma coisa grosseira. Eu tenho medo de expor as coisas que eu faço no dia a dia até com relação ao trabalho porque o meu chefe tem Facebook e ele interage também... Eu fico com receio de expor as pessoas que são os meus amigos também*” (trecho da entrevista de Elisa).

“*Por que as pessoas têm que saber onde eu tô indo, cara? [...] É uma coisa sem sentido! Se você for parar pra pensar... Pra que eu tô fazendo isso?*” (trecho da entrevista de Bruno).

Informações catalogadas, fotos espalhadas, frases confessionais que não podem mais serem apagadas, localizadores de GPS, em suma, toda essa dimensão da rede faz com que, hoje, não possamos mais desvincular a ideia de comunicação da de monitoramento, como salienta Kanashiro, Bruno, Evangelista & Firmino (2013). Dito de outro modo, se atualmente a internet é o grande canal de diálogo da contemporaneidade e se lá não é possível comunicar sem deixar rastros, então, tudo o que é dito ou mostrado na rede está suscetível de ser monitorado, tanto por empresas, quanto por pessoas, sejam elas íntimas ou não.

Como apontamos anteriormente, acreditamos existir um aspecto panóptico nesta nova experiência *on-line*. Retomando, uma vez mais, a frase de Foucault (2005) “a visibilidade é uma armadilha” (p.165), ou seja, a característica mais marcante de um *site* como o Facebook que é justamente a visibilidade é, ao mesmo tempo, um atrativo para os internautas e um motivo de preocupação. Tudo o que se fala e tudo o que se mostra na rede, está, igualmente exposto a estranhos que podem utilizar tais informações de modo mal intencionado, apontando, assim, para um importante e atual debate a respeito de privacidade e segurança na internet:

“*Você abrir muito da sua intimidade de uma forma desnecessária de modo que é você entrar em uma questão de segurança [...] se eu não te conheço e jogo o seu nome no Google eu posso descobrir várias coisas sobre você, até onde você mora, o que você faz, o que você já fez, e é muito difícil conseguir limar isso. E*

quanto mais você posta coisa sobre você, sobre sua rotina, posta fotos... Mais complicado ainda...” (trecho da fala de Daniel).

“Meu amigo é viciado em poker e aí ele abre o Facebook dele e a primeira coisa que aparece, aqui do lado, é um negócio de site de poker on-line, sabe? Por que isso não aparece pra mim? Porque tem essa coisa do filtro da internet... Se eu botar ‘Egito’ no Google vai aparecer as pirâmides e pacotes de turismo... Uma outra pessoa vai botar ‘Egito’ e vai aparecer manifestações na praça ... Então, assim, isso é outra discussão cabeludíssima dos filtros, dos mecanismos de busca, por exemplo... Eles já têm um perfil seu, com o seu histórico e no seu histórico está armazenado a informação sobre você... O ativo, a unidade monetária da contemporaneidade é a informação... Informação sobre a vida íntima das pessoas” (trecho da entrevista de Fabio).

Interessante notar que os dois entrevistados que abordaram o tema da segurança e privacidade de modo mais direto são, justamente, os que possuem filhos. Segundo Daniel, foi depois do nascimento de seu filho que ele passou a questionar de modo mais claro o sentido de suas postagens e as repercussões que elas podem ter futuramente na vida e na percepção da criança.

“Quando o meu filho nasceu eu e a minha esposa ficamos num dilema. Passado um tempo a gente ficou numa neurose sobre a superexposição do nosso filho na internet [...] Será que estamos fazendo uma hipertexto dele? Qual a implicação disso?” (trecho da entrevista de Daniel).

A experiência virtual tem uma faceta individual no sentido de que cada um a experimenta em sua própria tela e compartilha aquilo que julga interessante de mostrar sobre si. Mas, no caso de Fabio e Daniel, acreditamos que a experiência da paternidade pode ter produzido um ângulo diferenciado de questionamento, na medida em que a pessoa compreende que o que está em jogo não é apenas o que ela faz de si, mas principalmente o que ela faz com aquele que depende inicialmente dela, como no caso do filho. Talvez, por este motivo, possamos compreender o acento mais claro nas implicações de privacidade e segurança manifesto na fala dos dois.

Por outro lado, como pondera Rayner (2012), outras formas de monitoramento parecem ser tão incomodadas quanto essa, como no caso da vigilância exercida entre os próprios participantes do *site*. Esse tipo de monitoramento, também, foi mencionado nas entrevistas, como no caso de Ana:

“O que me incomodava é que, no início, ele (seu parceiro) sempre postava fotos nossas e, assim, qualquer pessoa podia ver e principalmente a ex dele, que eu tenho certeza que ela via. E aí é fogo, porque a pessoa fica sabendo de tudo da sua vida” (trecho da entrevista de Ana).

“Sempre fuxiquei a vida de pessoa que na época eu achava que eu tinha que fuxicar, pra ver se eu achava alguma coisa, mas o meu ninguém vê nada” (trecho da entrevista de Ana).

Como apontamos no item anterior, nossos entrevistados, assim como Ana, parecem preferir ver os outros a exporem a si próprios. Podemos pensar que essa preferência, além de ser uma condição existencial instigante, também é intensificada pela situação contemporânea, na qual se manifesta uma atual preocupação com o monitoramento. No caso do Facebook, que está no topo da moda há pelo menos uns cinco anos, já se passou tempo suficiente, nos velozes parâmetros da internet, para que a mania se espalhasse, contaminasse a todos e passasse a ser questionada pelos usuários. Arriscamos dizer que, talvez, por isso, os seis entrevistados declararam que postavam mais no período de ingresso na rede do que agora. O agora parece ser um momento de reflexão crítica, de rever os desdobramentos que essa experiência tem gerado nos relacionamentos e no cotidiano. Quem sabe, por isso, nossos entrevistados estejam mais cautelosos no uso.

Em contrapartida, recentes reportagens têm revelado um cenário contrário ao encontrado por nós, em meio ao público adolescente. As *selfies* são mania em todo o mundo, atingindo até mesmo o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, em um constrangedor episódio com mais duas autoridades no velório de Nelson Mandela, em dezembro de 2013. Mesmo assim, o público adolescente parece ser um dos principais adeptos da moda, além de serem, talvez por circunstância da idade, os menos preocupados com os desdobramentos que o

excesso de exposição pode gerar. Pelo menos é o que demonstram as recentes publicações de revistas e jornais tratando sobre os graves problemas provocados por uma rede social chamada *Secret* (Rocha, 2014; Vieira, Matsuura & Jansen, 2014).

A rede social *Secret* passou pelo Brasil como um furacão: surgiu, se espalhou, causou inúmeros estragos e já se foi. A proposta que era, inicialmente, servir como um mural coletivo de desabafos acabou se tornando “um palco virtual para ataques pessoais e revelações indiscretas” (Rocha, 2014, p.66). Isto porque, como o próprio nome sugere, o mural virtual era um espaço para revelar segredos e, assim, os usuários podiam contar com o anonimato. O aplicativo foi parar na Justiça e foi proibido em nosso país devido aos inúmeros casos de *bullying*, bem como a disseminação de fotos de jovens nuas. Todo esse problema gerou um importante debate em muitas escolas cariocas como revela a reportagem do Jornal “O Globo” (Vieira, Matsuura & Jansen, 2014), envolvendo alunos, pais e professores em torno do tema da importância da privacidade na rede.

Destacamos o caso do *Secret*, por acreditarmos no compromisso social que temos enquanto pesquisadores de colocar em cena um assunto tão delicado e importante que deve ser tematizado e discutido, posto que essa é a realidade atual compartilhada por todos nós. Salientamos o poder avassalador da rede, na medida em que nesse espaço desterritorializado do virtual não há limites nem proteções seguras para os milhões de conteúdos que circulam por ali. As fotos íntimas devassadas por anônimos no aplicativo *Secret* tiveram, em muitos casos, um efeito viral incontrollável, visto que mesmo denunciando e retirando a postagem muitas e muitas pessoas já tinham acessado o *site* e feito uma cópia das imagens (Vieira, Matsuura & Jansen, 2014). Assim, uma vez exposta na rede uma foto íntima o efeito dominó parece ser devastador. Por isso, é preciso se atentar para as implicações dessa situação que, hoje, vivemos.

Diante disso, concluímos que a preocupação de nossos entrevistados com relação ao tema da exposição parece ser um questionamento importante e que mostra, a nosso ver, um amadurecimento na forma de usar e compartilhar na internet.

7.7.3

Entre a presença e a ausência

Através dos relatos dos entrevistados percebemos que, para eles, existe sim uma troca efetiva nos contatos estabelecidos via Facebook. Porém, essa troca comporta algumas particularidades, como revela a fala de Carla:

“Tem uma troca, tem uma troca... Não é uma troca direta porque você não está com a pessoa ali do lado, mas você sabe que alguém que é sua amiga ou amigo viu e entendeu, compreendeu e pegou uma mensagem pra ela ou ele e vai te retornar, olha Carla, você tá certa nisso... É um social né?”(trecho da entrevista de Carla).

Ao mesmo tempo, Carla assinala que nesse “social” faltam elementos fundamentais como a voz do interlocutor:

“Às vezes eu tô começando uma conversa pelo Face com uma amiga aí eu falo: ‘Peraí que eu vou te ligar, você tá em casa? Tô te ligando já!’. Eu quero ouvir a voz, porque eu sou muito... O virtual pra mim... Eu consigo manter esse contato, mas ainda não é esse contato que eu gosto. Eu sou muito contato físico, voz... [...] Porque, pra mim, nada substitui o ao vivo ou até mesmo o telefone” (trecho da entrevista de Carla).

Bruno também contribuiu com esse tema do “social” no Facebook, só que no sentido oposto, uma vez que, para ele, social se faz ao vivo:

“Ah cara... eu acho que o Facebook é um instrumento de socializar, é obvio, mas eu não levo muito para esse lado de socialização não... Eu acho que não é um lugar indicado para se socializar... Se socializar é ao vivo, né? Encontrar com os amigos e tal...” (trecho da entrevista de Bruno).

Notamos que a extimidade virtual pode ser, para alguns, como no caso de Carla, um espaço aconchegante e capaz de promover a sensação de companhia e de troca, mas, ao mesmo tempo, falta neste espaço aquilo que, a nosso ver, é fundamental na intimidade, ou seja, o calor dos corpos, a tonalidade do olhar, a

vibração da voz. Sem estes ingredientes será que podemos dizer que a extimidade virtual é íntima?

O que procuramos defender até aqui é que não consideramos a extimidade virtual equivalente à intimidade, apesar de acreditarmos que essa nova experiência *on-line* é uma modulação oriunda da intimidade. Dito de outro modo, a extimidade virtual deriva da intimidade, por isso mesmo é que optamos por designá-la através desse trocadilho de prefixo. Mas, ao mesmo tempo, a extimidade virtual abarca uma vivência diferenciada por estar situada no espaço desterritorializado da rede. Assim sendo, o modo de estar com o outro na extimidade virtual é um modo predominantemente paradoxal, sobretudo no que concerne a presença ausente do outro, ligada, a nosso ver, à questão do corpo.

Como vimos, para Sartre (2001), é como corpo-em-situação que encontramos o outro e nos damos conta dos nossos próprios limites, bem como dos assinalados por sua existência. O corpo não é causa de nossa relação com o outro, mas, inegavelmente, lhe fornece um contorno existencial que nos situa no mundo e que nos revela que estamos comprometidos “em situação”.

A paradoxal condição da presença na ausência do corpo foi realçada pelos entrevistados, principalmente, no que tange à questão da linguagem escrita e dos problemas daí derivados. Segundo eles, a escrita na internet aproxima, ao passo que dá margem a equivocadas interpretações:

“Muita discussão e tensão por causa da conversa por escrito, aí como não tem o tom da fala, não tem a expressão da pessoa falando, aí tem muito mal entendido... Assim, você vê que a resposta da pessoa... E você vê, assim: ‘Caraca, ela levou para um outro lado, nada a ver...’ ” (trecho da entrevista de Fabio).

“Sei lá, eu imagino que várias pessoas devem pensar: ‘Será que esse comentário aqui, será que ele gostou mesmo? Não sei’. A pessoa não sabe, porque não é só o texto... Linguagem não é só texto. Você não vai ter como fazer uma leitura boa das conversas... Acho que isso aumenta o mal entendido” (trecho da entrevista de Fabio).

Essa ideia de Fabio de que “*linguagem não é só texto*” é de extrema relevância para o tema da comunicação virtual. Isso implica em pensarmos,

juntamente, com Turkle (2011) que a conexão *on-line* surgiu, inicialmente, como uma forma de substituir a comunicação cara a cara, quando ela não era possível. Assim, para facilitar, se mandava uma mensagem ao outro. Contudo, como destaca a autora, rapidamente a mensagem de texto se tornou não mais um acesso facilitador em casos difíceis. Ela se tornou a escolha primordial de conexão e de contato com o outro. Por seu sentido descomprometido, fácil e rápido a mensagem de texto é hoje, cada vez mais, a forma primeira de acesso ao outro. Segundo a autora, isso, inevitavelmente, gera repercussões nas comunicações interpessoais. Além de Fábio, Elisa e Daniel também apontaram para a problemática da interpretação da linguagem escrita diante da falta do corpo:

“A escrita... ela é muito fria, então, em alguns momentos, as coisas que você coloca, elas são lidas como o outro interpreta. [...] Às vezes a gente escreve as coisas e as pessoas recebem de maneira... Como se elas estivessem se sentindo atacadas, pois elas não estão vendo o tom de voz que você está colocando, o gestual que você estava fazendo... Muitas vezes, o seu olhar diante da situação...” (trecho da entrevista de Elisa).

“Eu acho que as pessoas como um todo ainda não sabem se expressar de forma correta através de palavras, de e-mail ou, enfim, através de uma mídia social. Então, exemplificando, por exemplo, em situações de trabalho. Já vi muitas vezes situações de trabalho de pessoas brigarem ou terem discussões sérias no trabalho porque ao invés da pessoa ir lá falar com a outra e resolver, ela mandou um e-mail copiando dois chefes. A outra respondeu copiando cinco e a outra respondeu copiando vinte pessoas da empresa. Aí, enfim, respostas curtas e diretas [...] E a outra pessoa se sente ofendida [...] Já vi, algumas vezes, situações de trabalho, de pessoa brigando por e-mails mal interpretados” (trecho da entrevista de Daniel).

Diante deste tipo de situação, Daniel ressalta que o ingrediente conflituoso é precisamente a ausência da voz, do tom, do olhar. Sem esses elementos, segundo ele, o outro não consegue avaliar a intenção do que está sendo passado. Apenas acessando o que está escrito, a pessoa interpreta como pode ou como quer:

“Acima de tudo o tom com que você fala diz se você está chateado ou não. Diz sobre o seu sentimento com relação aquilo... E só com palavras fica difícil de identificar [...] se fosse ao vivo, talvez, aquilo não repercutisse daquela forma” (trecho da entrevista de Daniel).

Situações complicadas de ciúmes também são derivadas dessa dificuldade presente na comunicação escrita, como observa Ana:

“Eu meio que gosto de... Vasculhar! Vasculhar o Facebook do parceiro [...] Aí de repente você vê a frase de uma mulher: ‘Ah, adorei te ver’, aí você já vai: ‘Como assim? Encontrou com ela e não me falou?’. Aí acontece uma briga de repente por uma coisa que foi só encontrar na rua e a pessoa só disse: ‘Adorei te ver’. Enfim, você interpreta da maneira que você quiser” (trecho da entrevista de Ana).

Essa fala de Ana está em concordância com a pesquisa de Muise, Christofides e Desmarais (2009). Segundo a pesquisa, as informações obtidas através do Facebook produzem uma verdadeira espiral de ciúme, pois, na maioria das vezes, são fragmentos de conversa acessados fora de contexto. Portanto, muitas são as entonações e as interpretações possíveis que podem levar a uma briga por motivos banais, como no caso de nossa entrevistada.

Além das problemáticas oriundas da linguagem escrita que acentuam a falta que o corpo-em-situação faz em nossos contatos com os outros, Fabio também contribuiu para essa reflexão abordando o tema da presença na ausência por outro aspecto:

“Whatsapp... Amigos de escola... Pô vamos marcar um churrasco, vamos encontrar... Não consegue marcar e começa, de certa forma, uma conversação que não termina nunca. Tá toda hora buzinando o seu celular, você já não aguenta, você abre e olha 72 mensagens não lidas [...] é um deslocamento da energia do desejo, pô, do prazer de encontra a galera e aí fica no alívio... do tipo: ‘ah que saudade de você, hahahaha’... E não encontra, porque é correria mesmo...” (trecho da entrevista de Fabio).

“Falta exatamente desta continuidade que faz com que a gente vá e, às vezes, isso pode acabar gastando esse excesso de saudade... Porque ali existe um encontro, existe um convívio, mas não passa por essa pele, né? Sei lá...” (trecho da entrevista de Fabio).

Para nós, essa reflexão de Fabio expressa de modo bastante acertado o duplo sentido percebido na extimidade virtual. Ela é real, uma forma de encontro efetivamente se realiza por ali e, até mesmo, alivia a necessidade de estar com o outro. Ao mesmo tempo, alguma coisa parece escapar neste encontro, justamente, a nosso ver, por conta do faltoso ingrediente que se expressa via corpo. Mesmo assim, diante da correria do cotidiano, pequenas doses de encontro *on-line* parecem servir de consolo para alguns ou, quem sabe, de defesa para outros, que tenham mais dificuldades em se relacionar.

Essa reflexão vai de encontro com as ideias de Turkle (2011), quando afirma que devido ao corre corre cada vez mais intenso da vida contemporânea as pessoas passam a buscar na tecnologia a reconfortante sensação de que ali há alguém nos ouvindo. Por isso, diz ela, nos ligamos aos dispositivos que parecem gostar da gente. Entretanto, Turkle (2011) salienta que, paradoxalmente, estamos cada vez mais ligados uns aos outros, porém, estranhamente, estamos também mais sozinhos. Essa nova condição contemporânea fomenta, ao mesmo tempo, novas formas de intimidade e novas formas de solidão. Nas palavras da autora: “em rede, estamos juntos, mas tão diminuídas são as nossas expectativas uns dos outros que podemos nos sentir totalmente sozinhos” (TURKLE, 2011, p.154, *tradução nossa*).

É esse o sentido que percebemos no sensível comentário de Fabio, isto é, o contato *on-line* gera um alívio, posto que, de algum modo, estamos juntos. Contudo, esse novo modo de estarmos juntos é, paradoxalmente, um novo modo de estarmos sozinhos. Além disso, como disse Fabio, esse novo modo “gasta” a necessária saudade que nos movia a efetivamente procurar o outro em pessoa. Em outras palavras, indagamos até que ponto com os celulares nas mãos, conectados a todos, em todos os lugares, em todos os momentos, não ficamos cada vez mais distantes do desejo de encontrar como o outro em presença presente. Assim, uma vez mais, parafraseamos o título do livro de Turkle (2011), dizemos que, no virtual, estamos “*alone together*”.

7.7.4

Entre o parceiro e a tela

Bruno, Daniel, Elisa e Fabio abordaram diretamente o tema da invasão da internet no tempo e espaço de intimidade do casal. Elisa demonstrou uma forma mais incisiva de lidar com essa possível invasão, optando por desligar o celular ou desconectar a internet nos momentos em que está com o marido. Especialmente Bruno e Daniel, que se declararam viciados em internet e em redes sociais, destacaram a necessidade de estarem constantemente se policiando para que o celular não se sobreponha aos momentos de convívio a dois. Ambos fizeram menção a situações em jantares e restaurantes, bem ao estilo da propaganda de TV que comentamos em um dos capítulos.

“A gente sai muito para jantar e, assim, eu tenho que me controlar para não ficar, assim... No celular. Não sei... É tipo um vício, mesmo, sabe?” (trecho da entrevista de Bruno).

Daniel acrescentou ainda outros momentos íntimos do casal, nos quais a rede se faz presente:

“Por diversas vezes a gente já se pegou na cama os dois deitados, os dois na cama, cada um olhando seu celular, seu Facebook... O outro olhando e-mail ou também o Facebook... Um do lado do outro sem se falar. Ou então, tá na sala, com a TV ligada e cada um com seu celular. Então, de uns tempos pra cá, a gente tem tentado se policiar justamente para que isso não se torne uma rotina que acaba indo num caminho meio sem volta, né? As pessoas passam mesmo a não mais se falar. Tá dentro de casa e você não fala com o próximo. Então, vamos sentar para jantar: celular longe da mesa!” (trecho da entrevista de Daniel).

Além deles, Fabio também comentou semelhante situação vivida com espanto por ele e sua parceira:

“A gente já se viu algumas vezes e, aí, imediatamente, desativou aquela armadilha... Assim, os dois juntos e cada um aqui (aponta pra o celular), o que é

ridículo! Uma vez foi no restaurante, a gente: ‘Caraca! A gente tá fazendo aquela parada que a gente sempre zóou que as pessoas fazem... Não é possível, a gente não pode fazer isso, né?!’ (risos). A gente senta no restaurante, pede um vinho ou uma água e enquanto não vem o cardápio e tal, estão os dois ali (aponta para o celular)... Não! Isso não pode, é muito doido... Aí eu acho que é um lado negativo da tecnologia” (trecho da entrevista de Fabio).

De fato, essa cena mencionada por Bruno, Daniel e Fabio, a mesma narrada pela propaganda de TV e retratada em uma das charges apresentadas no capítulo sobre a extimidade, parece ter se tornado um *slogan* de nosso tempo. O magnetismo da tela compromete, em muitos casos, os momentos de confraternização. Em nossa experiência cotidiana, percebemos o mesmo, inclusive, em descontraídas saídas com amigos. Numa mesa de bar, facilmente os olhares escapolem, as cabeças se voltam para baixo e os interlocutores presentes se tornam “pausados”, como sugere Turkle (2011).

Esses escapes rumo à tela foram considerados problemáticos por todos os entrevistados. Mesmo no caso de Elisa que se mostrou bastante vigilante e crítica com o excesso de internet, as escapadas acontecem em momentos programados:

“Então, às vezes a gente está almoçando, tá em algum lugar assim... Se eu entro na internet é porque ele foi, assim, atender ao telefone porque alguém ligou ou foi ao toailete, alguma coisa assim... Mas quando ele volta, eu automaticamente desligo” (trecho da entrevista de Elisa).

Muitos deles também comentaram que lançam mão da internet para se comunicarem com o parceiro ou parceira. Bruno disse falar com a esposa dentro de casa pelo *Whatsapp*, bem como Daniel. Este último contribuiu com uma forte descrição a este respeito:

“E rola reflexão sobre isso... Até... Eu falava sobre isso... Que hoje, muitas vezes, o casal em casa não está mais sendo casal, mas são duas ilhas solitárias que ficam se comunicando através da internet” (trecho da entrevista de Daniel).

“Acho que interfere, interfere muito, acho que pode sim abalar um relacionamento... De começar a tornar as pessoas... Tipo, você está junto, mas

você não está junto, né? Pois você está on-line... Então, acho que é um exercício de hoje em dia dependendo de quanto a pessoa tem esse vício de smartphone, eu acho que ela tem que se policiar para não se afastar muito do outro que está ao lado...” (trecho da entrevista de Daniel).

A fala de Daniel revela, a nosso ver, uma reflexão encarnada da problemática contemporânea do virtual que destacamos neste trabalho. Diante do forte magnetismo da internet, Daniel disse ficar em um constante policiamento para que o excesso de *on-line* não esvazie sua relação conjugal. A imagem das duas ilhas solitárias expressa o que, para nós, representa o novo desafio de ser casal em nossos dias: como conjugar as individualidades, a conjugalidade e todos os outros virtuais que adentram o espaço da intimidade via essas pequenas e viciantes telinhas que estão em toda a parte? Se a arquitetura da relação já era por si só complexa, como aponta Féres-Carneiro (1998), desafiando os parceiros a buscarem o tênue equilíbrio entre as individualidades e a conjugalidade, agora esse desafio parece se tornar ainda mais complicado mediante a enxurrada de atravessamentos virtuais que perpassam vários cantos íntimos do cotidiano.

Além disso, em diversos trechos os entrevistados destacaram o quanto que o Facebook pode trazer problemas para o dia a dia dos casais, por diferentes motivos. Dois entrevistados comentaram sobre situações vividas por amigos, na qual as parceiras descobriram conteúdos “suspeitos” através do Facebook:

“Tem, tem história sim de atual namorada ver, assim, descobrir história de ex-namorada, e de coisa tipo... Dando em cima do camarada pelo Facebook. Isso acontece e aí dá briga, se o cara não souber há tempo, não descobrir e tirar há tempo, dá!” (trecho da entrevista de Bruno).

“Sim, tem vários casamentos que terminaram por causa de coisa de... Facebook... Eu conheço casamento de mais de década... Eu conheço um casamento que acabou porque a mulher descobriu que o cara nunca foi fiel. Por exemplo, por mais de dez anos ele teve namorada, amantes... E ela descobriu pelo Facebook, porque ele deixou aberto...” (trecho da entrevista de Fabio).

Em outros trechos os entrevistados endossaram a ideia de que o Facebook é um potencial detonador de problemas para os casais:

“É bem complicado quem tem Facebook e não sabe usar, pois isso pode atrapalhar muito um relacionamento, com certeza! Eu prefiro não ter pessoas que eu sei que o meu companheiro vai ter ciúme, tem ciúme, entendeu? Até para não criar problema nenhum, entendeu?” (trecho da entrevista de Ana).

“Cantadas, muitas cantadas... E isso é uma coisa, assim, que todo mundo comenta: ‘Caraca, chat da madrugada é um perigo’. Não pode... Tem muito assédio [...] O meu eu deixo desabilitado” (trecho da entrevista de Fabio).

“Eu acho que tem muitos casais tendo desentendimentos por conta de falta de maturidade mesmo, de um, do outro, ou de ambos. Que utilizam esse meio de comunicação que é o Facebook para atingir o outro” (trecho da entrevista de Carla).

Essas colocações reforçam os argumentos da pesquisa de Muise, Christofides e Desmarais (2009) que consideram o Facebook como um “veneno” para os casais de nossos dias. O Facebook permite o acesso a informações que antes do *boom* da rede não era possível. Assim, mensagens lidas podem se tornar suspeitas, fotos postadas podem se tornar flagrantes e um comentário banal no perfil do parceiro, feito por um contato do sexo oposto, pode levar o participante à desconfiança, ao ciúme e ao desentendimento.

Contudo, além disso, muitos desses problemas provocados pelo Facebook parecem estar associados à faceta híbrida da rede, que põe em paralelo às dimensões pública e privada. Trata-se do fato de que, por um lado, estamos em uma teia interconectada, visível e acessível em um clique. Por outro lado, essa atmosfera aberta ainda conserva certo ar privativo, uma vez que é mediada por senhas pessoais que interditam o acesso. Desta forma, o mundo virtual do Facebook é formado por duas facetas: uma pública e outra privada, e, por esse motivo, nem todos os conteúdos e conversas podem ser do acesso de todos.

Ana parece ser a entrevistada mais desconfiada, ou, pelo menos, foi a única que assumiu utilizar o Facebook para controlar os movimentos do parceiro. Ela contou que seu parceiro, possui a senha de acesso ao seu perfil na rede social, mas que ele nunca forneceu a senha dele a ela. Quando indagada a esse respeito, ela disse o seguinte:

“Nunca pedi a senha dele e não faço a menor questão de ter. Porque existem casos passados e que de repente eu vou ver lá o histórico de uma conversa que ele teve com alguém que ele ficava antes de mim e eu posso ficar encucada com isso, e pode ser uma coisa que não tem nada a ver. Assim como ele, se ele quiser ele vai ver. Caso ele queira ver conversas minhas passadas, mas... É isso, ele tem a minha senha, ele é livre, então se ele quiser entrar e ver alguma coisa... Agora, não em enche o saco! Porque senão também eu mudo a minha senha e ele não vai ver mais nada (risos)” (trecho da entrevista de Ana).

Curioso notar que Ana tenta imprimir em sua relação um clima cúmplice e sem segredos, mas parece não encontrar reciprocidade da parte do parceiro, visto que ele não abre mão de sua senha. Apesar de dizer que não se importa em não ter a senha dele, os movimentos da fala de Ana revelaram que, ao longo da entrevista, ela ponderou essa situação:

“Eu vou te falar que, eu tenho intimidade, mas que também eu tenho a minha individualidade, tipo, tem certas coisas que eu acho que ele não tem que saber. Que são minhas! Eu acho que isso é saudável. É claro que eu não vou viver escondendo as coisas dele, mas tem coisas que ele não precisa saber, que eu tenho que preservar...” (trecho da entrevista de Ana).

“Sei lá, de repente é um erro meu de deixar o meu Facebook aberto para ele... porque eu também tenho que ter a minha individualidade. Isso é parte da minha vida, é meu... Entendeu? É uma coisa privada... Sei lá...” (trecho da entrevista de Ana).

Outro comentário envolvendo senhas foi feito por Fabio, que narrou um curioso episódio vivido por uma amiga:

“Eu conheço amiga que roubou a senha do namorado e começou a se vingar, com a identidade dele, [...] falando como se fosse ele, sabe... Derrubando as pontes todas, assim, sabe?...” (trecho da entrevista de Fabio).

Fica claro através das falas dos entrevistados que muitos problemas conjugais ocorridos via Facebook parecem derivar da faceta privada do *site*, na qual o usuário experimenta uma suposta sensação de proteção. A faceta privada

acontece nos bate-papos *In Box* que designamos, anteriormente, de “conversas de quarto”, ou seja, são espaços nos quais se fala com o outro afastado dos demais olhares. Por este motivo, parece acontecer ali uma pretensa sensação de invisibilidade e segurança, na qual as pessoas arriscam manter relações virtuais. A este respeito, Ana comentou o caso de uma amiga:

“Eu tenho uma amiga que vive conversando com várias pessoas (pelo Facebook) e o namorado dela não sabe, entendeu? Ela não vê problema nisso, pois no virtual você não está vendo o outro...” (trecho da entrevista de Ana).

É neste sentido que percebemos a apropriação do senso comum descrita por Lévy (1996) que considera o virtual como esvaziado de realidade. A amiga de Ana não vê problema em estabelecer contatos com outros rapazes via Facebook, posto que, como não os vê, não sente de forma tão vívida o comprometimento de seus atos. Como pontuamos, o senso comum parece a estranhar a dimensão híbrida deste novo fenômeno. Por isso, assim como no caso da amiga de Ana, frequentemente escutamos a divisão entre um mundo virtual e um real. Muitas vezes, costuma-se considerar o virtual como composto por pessoas anônimas e o real por pessoas concretas, conhecidas e palpáveis. Por vezes, tendemos a pensar que o que se passa no virtual é algo à parte, descolado de nossas vivências e o que é efetivamente legítimo é o que se passa no real, com as pessoas concretas. Essas questões também podem ser percebidas em outro trecho da fala de Ana, ainda abordando o tema da traição virtual:

“Eu acho que existem várias formas de traição, eu acho que traição não é só na forma de você sair com a pessoa, dar beijo na boca, de repente, transar [...] você pode estar traindo pelo Facebook, mensagens de Facebook, bate-papo de Facebook, e eu acho que, sei lá, eu vejo isso como uma traição” (trecho da entrevista de Ana).

“No final do meu casamento passado, eu tive... Eu reencontrei uma pessoa e a primeira coisa que fiz, quando eu reencontrei essa pessoa, foi procurar ela no Facebook. Eu adicionei ele e a gente trocava mensagens sim, pelo Facebook, e eu, assim, confesso que eu me sentia com a consciência pesada, como se eu

tivesse traindo de contato físico, não só via rede social” (trecho da entrevista de Ana).

Para Ana, diferentemente de sua amiga, o que se passa na rede é experimentado como algo que possui uma profunda realidade afetiva, repercutindo diretamente em sua vida conjugal. Porém, mesmo assim, percebemos a dicotomia contemporânea do senso comum - virtual x real - expressa no modo como ela narra o último trecho: *“eu me sentia com a consciência pesada, como se eu tivesse traindo de contato físico, não só via rede social”* (grifo nosso). Essa confusão percebida na fala de Ana remete, a nosso ver, a novidade trazida pela extimidade virtual que ainda não foi compreendida pela maioria dos usuários da rede, deixando-os perdidos diante da experiência neste novo espaço desterritorializado.

Além disso, podemos pensar, igualmente, que diante de uma circunstância tão polêmica quanto a da traição virtual, considerar os contatos via Facebook como não reais é uma forma de negação, de defesa, que, como no exemplo da amiga de Ana, favorece a exploração com o outro de modo descomprometido e, talvez, menos culposos.

Porém, não é só de crises e desentendimentos que vivem os “Facebookianos”. Bruno abordou o outro lado da rede social, isto é, o lado facilitador para os relacionamentos. Disse que a rede é um grande facilitador para os tímidos que veem ali uma forma mais acessível de iniciar uma conversa ou até mesmo uma paquera. Contou que conhece casos de pessoas que terminaram por causa da internet, mas também conhece muitos outros casais que começaram a namorar através de alguma rede social.

“Tem muita gente que se conhece através das redes sociais. Existem várias redes sociais só pra relacionamento que... Que funcionam, cara! [...] Tem gente que tem dificuldade de se relacionar sem esse intermediário, aí, então...” (trecho da entrevista de Bruno).

Destacou, ainda, a ênfase que as pessoas dão ao *status* de relacionamento do Facebook:

“As atualizações de relacionamento no Facebook... Porque isso é uma coisa que eu acho engraçada, porque enquanto a pessoa não declara para Deus e o mundo no Facebook que ela está num ‘relacionamento sério’ ou está ‘noivo’ ou está ‘casado’ [...] é como se não fosse oficial [...] Não é oficial” (trecho da entrevista de Bruno).

Esse relato de Bruno está em concordância com os casos apresentados pela reportagem de Dale (2011), anteriormente citada, que aponta, precisamente, para esse excesso de preocupação com o relacionamento amoroso em sua faceta *online*. Portanto, nos dias atuais, as pessoas utilizam o Facebook como um grande porta-voz para comunicar a todos o início ou o término de um relacionamento. O Facebook parece ser apropriado pelos usuários como um espaço regulador que rege as normas, oficializa as relações e estabelece os limites para as paqueras. Neste sentido, a frase de Bruno endossa essa que parece ser para muitas e muitas pessoas a nova dimensão da rede, a saber, se não está no Facebook: *“não é oficial”*.

7.7.5

Entre os fragmentos êxtimos e os dramas íntimos

As entrevistas revelaram de forma viva a imbricação existente entre a extimidade virtual e a intimidade. Cada um dos seis participantes, com seu estilo próprio, mais reservado ou mais espontâneo, acabou, em algum momento, fornecendo um exemplo de situação na qual fragmentos êxtimos vistos no Facebook acabaram repercutindo e deflagrando dramas íntimos e bastante concretos.

Ana contou sobre suas curiosas incursões na página do parceiro, onde lia frases soltas e produzia desconfiadas interpretações, que a faziam acompanhar a página dos supostos suspeitos, tal como mencionado na pesquisa de Muise, Christofides e Desmarais (2009). O entrelaçamento das dimensões êxtima e íntima se faz notar na atitude da moça de exigir que o parceiro exclua de seu Facebook alguém que lhe despertou ciúmes ou desconfiança, ou seja, para Ana, o que é visto na rede é levado para a intimidade do casal e o que se discute na intimidade deve repercutir igualmente na rede:

“É eu adorava ver as pessoas que o meu parceiro tinha de amigos, tem de amigos, e... Aí eu entrava, assim, tinha lá, ‘Adorei conversar com você hoje’, tipo, coisa que eu não sabia... Isso gerava uma briga, mas não acabava por aí. Aí eu entrava e entrava no comentário da pessoa, que entrava no comentário de uma outra amiga e aí eu via que eu tinha vários amigos em comum com aquela pessoa, e aí gerava uma situação meio estranha. Gerava tipo: ‘Você tem que excluir essa pessoa do seu Facebook’”(trecho da entrevista de Ana).

Bruno contou da chateação de sua companheira com o excesso de exposição que ele fazia do casal no *Foursquare* e no Facebook. O incômodo da moça fez Bruno questionar o sentido de sua ação: *“Por que as pessoas têm que saber onde eu tô indo?”*. Mesmo reconhecendo o prazer existente no ato de compartilhar, ele modificou sua relação com as redes sociais, após a reclamação da companheira, passando a postar menos e a preservar mais:

“Pô, é a gente expor a intimidade da gente, todo mundo fica sabendo onde a gente ia jantar, onde a gente ia almoçar, o que a gente tava fazendo todo dia... Pra que isso?” (trechos da entrevista de Bruno).

Carla trouxe como exemplo um episódio de desentendimento de casal ocorrido via Facebook, no qual seu companheiro teria, segundo sua interpretação, postado uma mensagem para lhe alfinetar durante uma briga. Sobre as repercussões do episódio, Carla comenta:

“Eu fiquei muito aborrecida com aquilo, não quis mais saber daquilo, quem eram os amigos dele, o que ele postava e tirei ele do meu Face. Nós vamos continuar cada um com o seu e não precisa saber o que o outro tá fazendo”(trecho da entrevista de Carla).

Curioso notar que no caso de Carla a rede passa a servir como espaço de dizer virtualmente o que não se consegue dizer pessoalmente. Talvez, pela sensação de estar detrás de uma tela, em um ambiente aberto e distanciado, o parceiro de Carla se sentiu a vontade para falar, já que estava mais protegido. Entretanto, ao mesmo tempo, em que o virtual fornece essa sensação de distanciamento e proteção, ele paradoxalmente repercute de forma viva e intensa.

Por conta do que foi dito na rede, Carla excluiu o parceiro de sua lista de contatos, ou seja, essas palavras “descomprometidas” lançadas na tela tiveram uma repercussão direta em suas vidas, pois, segundo ela, estenderam o mal estar entre os dois.

Os participantes que não relataram um drama conjugal provocado por circunstâncias íntimas contribuíram, igualmente, narrando desavenças com amigos. Bruno e Daniel contaram sobre desentendimentos com pessoas próximas via Facebook. Carla e Ana acrescentaram problemas com parentes como apontamos na descrição de suas entrevistas. Fabio relatou diversas crises vividas por amigos por conta de conteúdos virtuais que respingaram em seus relacionamentos. Ou seja, em todas as entrevistas percebemos fragmentos íntimos repercutindo em dramas íntimos.

Elisa também relatou um drama íntimo vivido com uma amiga que teve sua raiz em um *post* de Facebook. Neste caso, o desentendimento teve início entre o parceiro de Elisa e uma amiga, provocado por uma divergência de opinião entre eles. O parceiro de Elisa se chateou e deletou a amiga, que por sua vez deletou os dois, em retaliação.

“Como ela não respondeu [...] ele achou que era descaso dela e bloqueou ela no Facebook. Aí ela ficou chateada e me bloqueou também no Facebook [...] Ela não me bloqueou só no Facebook, ela me bloqueou em todas as outras mídia que a gente tinha em comum”(trecho da entrevista de Elisa).

Assim sendo, percebemos que, de acordo com o relato dos entrevistados, mais do que uma desavença cara-a-cara e um conseqüente afastamento, as pessoas hoje têm recorrido a essa espécie de tecla mágica: a tecla “delete”. Uma vez deletada a pessoa de sua rede social a mensagem estendida está lançada e todos entendem que é o fim da relação também fora da rede. Pensando juntamente com Bauman (2012), podemos dizer que na era do Facebook não precisamos mais encarar desagradados, pois se algo nos incomoda podemos, apenas, deletar, desconectar, bloquear. Deletar é rápido e menos comprometedor, por isso, o autor afirma que estamos perdendo, atualmente, a profundidade das relações, visto que nos protegemos atrás da tela. Elisa narrou de modo bastante forte a experiência de ruptura com a amiga:

“Como se ela não existisse... A pessoa deixa de existir na sua vida. Se ela comenta alguma coisa... Um dia desses um amigo em comum fez uma brincadeira [...] aí ele colocou o meu nome e o nome dela e o de mais umas pessoas. Ela respondeu, mas, pra mim, não aparece. Eu sei que ela respondeu, porque depois ele (o amigo em comum) comenta. Eu nunca vou saber [...], pois não aparece pra mim. É ocultado...”

“Então, assim, pra mim isso é como morrer, é pior do que cortar relações. Porque é como se a pessoa deixasse de existir, né? É meio como aquelas pessoas que veem os espíritos e você não vê... A pessoa tá vendo, tá ali e você não tá vendo. É muito ruim, é uma sensação muito ruim... Porque você não só tem a sensação de que o outro não existe como que você percebe que você não existe para o outro”.

Interessante notar a vivacidade que a ausência no virtual possui para Elisa, a ponto de comparar a perda da amiga na rede social com a experiência da morte. Expressiva também é a metáfora do espírito, pois ela está ali, alguns a veem, mas para Elisa essa possibilidade está vedada. Ela complementou essa angustiante descrição dizendo que não sente que, hoje, possui mais um acesso à amiga, pois comumente faria isto através da rede. Já que todos os acessos virtuais estão impedidos, ela não vê saída para o impasse entre as duas:

“Então, se você quiser algum tipo de reaproximação da pessoa, como é que você faz, né? Porque teoricamente você faria por estes caminhos, de olhar como a pessoa tá, pegar uma deixa, ver o que está acontecendo [...] agora eu não tenho mais a oportunidade do contato, rompe com tudo, é muito ruim...”

Ressaltamos diante do que foi exposto até aqui, que a rede tem, atualmente, um sentido extremamente forte na vida de muitas pessoas. Dito de outro modo, os deletados entendem que não são mais bem quistos, as postagens celebram as relações ou as condenam, as pessoas utilizam a grande praça pública do *feed* de notícias para dizerem o que pensam e como se sentem. Em resumo, o que acontece no Facebook hoje, não pode mais ser entendido como uma brincadeira de alguns numa rede social da internet. As pessoas parecem dar um valor grandioso a esse espaço e a tudo o que circula por ali. Vide o recente

exemplo do segundo turno das eleições presidenciais, em outubro de 2014, onde inúmeras pessoas se desentenderam e se deletaram por conta de divergências de opiniões compartilhadas *on-line*.

Diante disso, vemos ressoar o acertado comentário de Bruno: se não está no Facebook, “*não é oficial*” e pensamos, assim, a respeito do valor e do poder que o mundo atual doa a esse novo espaço virtual. O que acontece na arena Facebook, hoje, fala muito de nós e afeta nosso cotidiano. Mesmo quem não participa da rede social se sente afetado por ela, pois muitas vezes os convites de festa, lançamentos de livro, nascimentos, batizados, aniversários, casamentos, congressos são divulgados ali. Quem não possui conta na rede, se sente, então, de fora de inúmeros eventos e notícias compartilhados via Facebook.

Desta forma, o que desejamos salientar é a repercussão que os acontecimentos êxtimos virtuais têm atualmente na vida cotidiana de muitas e muitas pessoas. A extimidade possui, a nosso ver, um lugar que não pode mais ser ignorado quando colocamos em questão diversas perspectivas de ações humanas. As falas dos entrevistados que narram fortes dramas íntimos iniciados através dos fragmentos êxtimos são mais uma constatação dessa força do virtual e nos fazem questionar, novamente, a frequente dicotomia virtual x real do senso comum.

Como vimos é corriqueiro associarmos o virtual a uma ilusão e o real a algo efetivo (LÉVY, 1996). No entanto, os episódios narrados demonstram a contingência do virtual, sua “realidade”, seu impacto concreto e seus desdobramentos palpáveis nos relacionamentos. Isto é, para nós, um indício da imbricação do virtual no real e vice e versa, ou seja, o fenômeno que hoje vivemos não é dicotômico, mas, sim, uma modulação no sentido da intimidade. Tal como a banda de Moebius que é marcada por uma nova relação com o espaço e com o tempo, a extimidade virtual apresenta igualmente essa faceta que mais do que separar e dicotomizar, une e entrelaça os fios das experiências dentro e fora da rede.

Diante de tudo isso, como dizer que o virtual não é real? Para nós, principalmente, após o estudo das falas dos entrevistados, endossamos o coro de Lévy (1996) e afirmamos que o virtual não desrealiza a vida. O virtual possui uma “realidade” própria, no sentido de que é contingente, afeta e deixa marcas. Somente que a sua “realidade” comporta uma especificidade diferente, posto que

acontece em um espaço notadamente novo no que se refere à dinâmica de tempo e de espaço.

Justamente por este motivo, a suposta tentativa de encontrar no virtual um território a parte e protegido, no qual se pode ousar mais se comprometendo menos, parece não passar de uma ilusão. De acordo com os dramas íntimos compartilhados pelos entrevistados, vemos que o êxtimo, mesmo que vivenciado através de pequenos fragmentos, não nos exime do confronto com o outro.

Portanto, retomando, uma vez mais, o pensamento de Sartre, percebemos que a internet e suas ferramentas podem nos dar a ilusão de que ali é possível editar nossa imagem, brincar de ser, esculpir previamente nossa própria estátua e aparentemente doar ao outro algo menos arriscado. Mas aí está a armadilha do jogo intersubjetivo descrito por Sartre: não escapamos à liberdade do outro, mesmo editando, bloqueando, apagando, ela permanece. Não possuímos nenhum acesso prévio ao que essa liberdade vai fazer daquilo que lhe emprestamos de nós. Como apontamos, em uma perspectiva sartriana, quando estamos em relação, estamos em jogo: não há garantias, nem certezas, não há nada em que possamos nos agarrar. O conflito acontece já que uma coisa é o que queremos que o outro veja e outra é o que ele escolhe ver. Por mais que editemos nosso perfil, não podemos acessar o ângulo que o outro vai captar de nós. Além disso, como salientamos, mesmo que aconteça uma coincidência entre aquilo que pretendemos mostrar ao outro e aquilo que ele escolhe ver, ainda assim, estaremos diante do iminente conflito, uma vez que não se trata de uma circunstância objetiva, mas de uma condição ontológica da relação intersubjetiva.

O fracasso dessa ilusória tentativa de construirmos um acesso seguro ao outro através dos bloqueios da rede foi revelado nos diversos exemplos de desentendimentos virtuais relatos pelos participantes dessa pesquisa. Como vimos, são muitos os deletados e os bloqueados e, principalmente, da parte de quem sofre esse tipo de ação a repercussão é sempre sentida como dura, como um corte silencioso e profundo, que interdita o acesso ao outro dentro e fora da rede. Percebemos, então, que por mais que existam ferramentas de privacidade na internet, elas ainda assim não são capazes de driblar e nos proteger da força do olhar do outro. E, uma vez diante dos olhares, que seja de um único outro, querendo ou não, estaremos comprometidos *com e por este outro que nos olha*.

Considerações finais

Abrimos as páginas desta tese nos referindo à trama “De volta para o futuro II” e desejamos, agora, fechar nosso itinerário resgatando outro filme. Trata-se de “Ela”, filme exibido no Brasil no início de 2014 e que também aborda uma visão de futuro. Só que o futuro de “Ela” foge totalmente do esperado e não mostra carros voadores e nem conquistas intergalácticas. Ao contrário, “Ela” narra uma trama profundamente humana a respeito da paixão, porém uma paixão peculiar entre um homem e uma máquina.

O protagonista Theodore se apaixona pelo seu novo sistema operacional, uma espécie de computador particular superinteligente que é acionado através do comando de voz e que lhe responde, igualmente, por meio de uma sedutora voz de mulher programada por ele. Dessa forma, o solitário Theodore encontra no sistema operacional uma companhia constante, que está sempre disponível, que organiza seus compromissos, que seleciona seus *e-mails*, com quem divide seus pensamentos, em suma, com quem partilha sua vida. Fatalmente, ele se apaixona por ela e passa a viver um curioso romance.

Carmelo (2014) faz uma crítica *on-line* a respeito do filme salientando sua atmosfera e seus sentidos:

As cores e os figurinos evocam os anos 1960-1970, enquanto os espaços fazem o possível para não remeter a cidade alguma: os cenários misturam uma quantidade enorme de pessoas asiáticas a caucasianas, com arranha-céus que poderiam pertencer a qualquer país. Esse futuro do pretérito é um mundo anônimo, despersonalizado, fruto da globalização que deixa todas as pessoas e lugares com uma aparência semelhante. Portanto, nada de fetichismos com carros que voam ou conquistas interestelares. O futuro imaginado por Jonze (diretor) é triste, individualista, melancólico, onde a tecnologia fornece apenas meios de encontrar o amor pela Internet, fazer sexo virtual, pagar para terceiros escreverem cartas pessoais, divertir-se sozinho com videogames realistas. O diretor não aposta no tradicional conflito entre humanos e máquinas (nada de Robocop, portanto), e sim numa fusão tão completa entre os dois que não se consegue mais imaginar uma interação humana sem a intermediação de um sistema virtual (CARMELO, 2014).

A rica análise de Carmelo (2014) coloca em cena elementos interessantes. Primeiramente, o futuro apresentado pelo diretor Spike Jonze é anônimo e comum, enfatizando a globalização tecida pelos velozes e instantâneos fios da rede que interconectam todos os cantos do mundo. Assim, as distâncias se encurtam, o tempo se torna breve e se dá em um clique. Além disso, a análise destaca o fato de que esse futuro comporta uma melancolia individualista, revelando a dependência da interação humana em relação à mediação do virtual. Este segundo aspecto é intrigante e nos leva a questionar o possível caminho sem volta ao qual estamos nos dirigindo. Ou seja, a partir da análise de Carmelo (2014) indagamos se é possível imaginar nossas vidas daqui para frente sem contar com a mediação do virtual. Será que algum de nós, hoje, seria capaz de conceber um futuro no qual a mediação do virtual não fosse um aspecto fundamental do cotidiano?

Apostamos que não, que não é mais possível conceber nossa história sem esse marco absolutamente revolucionário que é a internet e a dimensão virtual aberta por ela. Entretanto, consideramos que Theodore parece ser uma espécie de caricatura deste mundo, isto é, um representante dos excessos da contemporaneidade no que tange à solidão, ao isolamento e ao individualismo. Ao contrário desse anti-herói, os participantes de nossa pesquisa de campo enfatizaram a todo o momento a preocupação em não se isolarem neste novo e sedutor universo. Destacaram, primordialmente, o desejo de atentar para as suas relações com a tecnologia e para a absorção magnética do virtual. Também revelaram o desejo de cuidar das relações não mediadas, isto é, dessas que acontecem na espontaneidade do encontro concreto com o outro, como no caso da conjugalidade. Pelo menos, essa foi a posição notadamente marcada das seis pessoas que ouvimos neste estudo.

Para nós, a diferença entre o isolamento virtual de Theodore e a narrativa crítica dos entrevistados não parece ser uma contradição ou uma divergência de opiniões. Acreditamos que todos apontam para uma mesma direção, ou seja, para a necessidade atual de questionarmos os sentidos que estão sendo propagados através dessa invasão da tecnologia no cotidiano. Theodore, o anti-herói, faz um papel de denúncia. Seu melancólico isolamento e o drama de sua paixão por um sistema operacional denunciam os riscos desse excesso de fusão entre o homem e a máquina. Já nossos entrevistados, refletem de modo encarnado a respeito de

seus dramas particulares, de seus provisórios isolamentos, inventariando os prós e os contras do virtual. Eles se mantêm vigilantes com relação ao outro concreto reconhecendo que, muitas vezes, este outro se encontra “pausado”, mesmo estando presente.

Aliás, essa feliz expressão de Turkle (2011), muitas vezes repetida ao longo deste trabalho, deixa espaço para pensarmos em uma linha de fuga dessa armadilha contemporânea do virtual. Dito de outro modo, quando pausamos, podemos em seguida retomar, isto é, o outro permanece ali a um passo de reiniciarmos o contato. Pior seria se apertássemos o “*stop*” desligando o outro por completo de nossa experiência, nos contentando somente com a absorção de pequenos “goles” de conexão *on-line*, “goles” dessa presença ausente que experimentamos na extimidade virtual.

Dessa forma, pensamos juntamente com Jonze que o futuro muito provavelmente se desenha entremeando, cada vez mais, o cotidiano ao virtual. Contudo, pautados nas unificações obtidas através de nosso movimento de vai e vem entre o homem e o histórico, apostamos na capacidade crítica percebida na fala dos entrevistados, como uma forma de frear os excessos com a internet. Essa capacidade crítica parece oxigenar a experiência com o virtual, não permitindo que o futuro seja uma reprodução de solitários e melancólicos “Theodores”, que somente encontram nas máquinas um alívio para o desamparo.

Como vimos, os entrevistados revelaram uma maior atenção às problemáticas oriundas do excesso de exposição *on-line*, sendo cautelosos em relação ao que compartilham e com quem compartilham. Nenhum dos seis entrevistados faz na rede um estilo confessional e parecem preferir ver os outros a serem vistos por eles. Na verdade, muitos deles se mostraram incomodados com os “amigos” de Facebook que expõe excessivamente a si mesmos no *feed* de notícias.

Mas, além do senso crítico em relação à exposição, eles também reconheceram que, principalmente, depois da popularização do *smartphone*, a internet passou a ser um constante refúgio que se infiltra em muitos e muitos momentos, chegando a ser, para alguns, um vício. Por este motivo, uma expressão bastante usada por eles foi a de que precisam “se policiar” de modo a evitarem que a rede invada os momentos de intimidade, sobretudo, os vividos à dois.

Os entrevistados se mostraram incomodados com os percalços da linguagem escrita, com os problemas de interpretação e com a ausência do calor do corpo do interlocutor em seus contatos êxtimos. Apesar disso, eles realçaram os benefícios da rede, sobretudo, os que se relacionam com a facilidade e rapidez no acesso ao outro. Para eles, a rede tem se tornado cada vez mais o canal número um de acesso e de comunicação, inclusive com o parceiro conjugal. Dois entrevistados comentaram que conversam com suas esposas dentro de casa através de mensagens de celular. Os três rapazes mencionaram em um tom crítico episódios vividos com suas parceiras em restaurantes, onde ambos à mesa se viram absorvidos pela tela. Além disso, todos relataram alguma situação de conflito vivida na rede com o parceiro ou com uma pessoa próxima.

Como mencionamos anteriormente, Primo (2013) coloca um importante questionamento para as pesquisas que visam a tratar de fenômenos da internet: como estudar tais situações, na medida em que estas se transformam com uma velocidade ímpar, de modo que no mesmo instante em que as observamos elas já estão em mutação? Se pensarmos neste aspecto, principalmente, no que diz respeito ao Facebook, poderíamos considerar que nossa reflexão é datada e que dentre em breve poderá fazer pouco sentido, visto que a tendência é que essa rede social desapareça e seja substituída por outra.

No entanto, mesmo tendo em vista essa dimensão fluida da rede, acreditamos que a pergunta colocada por esse trabalho pode se manter, apesar das possíveis transformações, como uma reflexão estendida. Isso porque, quando indagamos a respeito das repercussões da extimidade virtual na vivência da conjugalidade contemporânea, mais do que estabelecermos como foco de estudo a internet, estamos tratando de relações humanas que têm a rede como fator de mediação.

Assim sendo, acreditamos que os desdobramentos reflexivos alcançados em nosso empenho de vai e vem podem se manter e serem acrescidos de outras tantas visadas sobre o mesmo fenômeno. Particularmente, consideramos que será extremamente rico repetir a presente pesquisa em um intervalo entre cinco e dez anos. Muito provavelmente, neste intervalo será possível atualizar os dados da pesquisa no que concerne às novas tecnologias e dispositivos que provavelmente irão surgir. Além disso, repetindo os passos seguidos aqui, será possível contrastar sentidos e, através da comparação, compreender se esse aparente empenho em

cuidar das relações concretas manifesto pelos entrevistados de fato se realizará. Quem sabe, conseguiremos em um próximo estudo levar a cabo este projeto de extensão.

Acrescentamos, ainda, que nosso esforço em colocar em questão um método de inspiração sartriana advém de uma recorrente escassez de trabalhos na área da Psicologia nesta abordagem. A retomada e o rigor na articulação entre Psicologia e Filosofia Existencial tem sido um movimento recentemente retomado em nossa área e, por isso, esperamos que o caminho aqui percorrido possa servir de base para outros trabalhos que almejem se aventurar neste rico diálogo.

Por fim, compreendemos que estamos diante de um novo fenômeno que abre uma série de questões e uma infinidade de caminhos, uma vez que cada pessoa e cada casal tem um modo de articular essas novidades em suas vivências particulares. Entretanto, o que desejamos marcar é que de fato percebemos significativas transformações na relação entre intimidade e privacidade em nossos dias, que estão nitidamente estampadas nas telas dos computadores interconectados em todos os cantos do mundo. De lá, jorra uma enxurrada de extimidades que querem ser acessadas, curtidas, comentadas e compartilhadas.

Por ora, sem a pretensão de esgotar nossa questão, consideramos que, diante do que foi exposto, é possível afirmar que a extimidade virtual tem gerado mais desafios para os casais da contemporaneidade. Esses novos desafios são percebidos na forma como os parceiros lançam mão da rede para se comunicar e na maneira como lidam com as informações disponíveis na rede, que muitas vezes geram situações de ciúme e desconfiança. Chama atenção, sobretudo, que enquanto estão conectados e magnetizados pela tela, os parceiros têm cada vez menos tempo e espaço para se dedicarem à intimidade com o outro, que está ao seu lado. É assim que parece se construir o paradoxo da contemporaneidade: estamos cada vez mais perto de quem está distante e cada vez mais distante de quem está perto. Resta saber aonde mais esse paradoxo vai nos levar.

Referências Bibliográficas

ALVES, P. M. S. Subjectividade e intersubjectividade: Sartre perante Hegel e Husserl. In: Reimão, C. (Org.). **Jean-Paul Sartre: uma cultura da alteridade**. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2005.

ALVES, Z. M. M. B. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira do século XX. In: **Teoria e Pesquisa**, vol.16 n° 3, p.233-239, 2000.

ARENDT, H. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1981.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARATA, A. **Intimigrafia**. Lisboa, Editora 100 Cabeças, 2014.

BARATA, A. O outro e a relação. O contributo das fenomenologias da intersubjectividade. In: **Revista Phainomenon**, Lisboa, n.º 16/17, p. 295-313, 2008.

BARATA, A.; MENDES-CAMPOS, C.; ALT, F. Psicologia Fenomenológica, psicanálise existencial e possibilidades clínicas a partir de Sartre. **Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia** (Online), v. 12, p. 706-723, 2012.

BARTHES, R. **A câmera clara**. Lisboa: Edições 70, 2013.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

BAUMAN, Z. **Isto não é um diário**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENJAMIN, W. **Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

BENJAMIN, W. **Paris, capitale du XIX^e siècle**. Paris: L'Herne, 2007.

BLOCH, A. Facebook “Detox”. Segundo Caderno. **Jornal O Globo**: Rio de Janeiro, 2014.

BORNHEIM, G. **Sartre**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRUNO, F. Quem está olhando? Variações do público e do privado em weblogs, fotologs e reality shows. In. **Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador: v. 3, n. 2, p. 53-70, 2005.

CAMUS, A. **O Mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CARMELO, B. **Amores reais em tempos virtuais**. AdoroCinema.com. Disponível em: www.adorocinema/filmes-206799/criticas-adorocinema Acesso em 16 de novembro de 2014, 2014.

CASTELLS, M. **A Sociedade em rede**. Volume I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, F. C. L. Dialética e hermenêutica no “Idiota da Família” de Sartre. In. **Revista Intuição**. Porto Alegre, v. 4, p. 3-14, 2011.

CASTRO, F. G. **Estudos de Psicanálise Existencial**. Curitiba: Editora CRV, 2012.

CLARK, L. Caminhando. In. **Lygia Clark: Arte Brasileira Contemporânea**. Rio de Janeiro: Funarte, 1980.

CORBIN, A. Bastidores. In M. PERROT (Ed.). **História da Vida Privada: da revolução francesa à primeira guerra**. (p. 387-568). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CUNHA, T. C. Sartre e o método compreensivo. **Revista da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas**. (p. 121-140). Faculdade de Ciências Sociais e Humanas: Lisboa, 1989.

DALE, F. O amor nos tempos das redes sociais. **Revista do Jornal O Globo**. Rio de Janeiro, 2011.

DAMATTA, R. **A Casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

DEBORD, G. **A Sociedade do Espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEL PRIORE, M. **Histórias íntimas: sexualidade e erotismo na história do Brasil**. São Paulo: Planeta, 2011.

DICIONÁRIO informal. Disponível em www.dicionarioinformal.com.br/intimidade. Acesso em: 08 de novembro de 2014.

DICIONÁRIO On-Line de Português. Disponível em:
www.dicio.com.br/intimidade Acesso em: 08 de novembro de 2014.

DICKINSON, E. **Melhores Poemas de Paulo Mendes Campos**. In. P. M. Campos. São Paulo: Global, 2015.

DIGITAL & MÍDIA. Facebook passa Orkut e é a rede social número um entre os brasileiros. **Jornal O Globo**, 2012.

DIGITAL & MÍDIA. Brasil já é o quarto país do mundo em número de usuários de Facebook. **Jornal O Globo**, 2012.

D'INCAO, M. A. Mulher e família burguesa. In M. DEL PRIORE (Ed.). **História das Mulheres no Brasil**. (p. 223-240). São Paulo: Contexto/UNESP, 2013.

FACEBOOK. Apresentamos a Linha do tempo. Disponível em www.facebook.com/about/timeline. Acesso em 02 de fevereiro de 2012.

FEIJOO, A. M. L. C. **A existência para além do sujeito**: a crise da subjetividade moderna e suas repercussões para a possibilidade de uma clínica psicológica com fundamentos fenomenológico-existenciais. Rio de Janeiro: ViaVerita, 2011.

FÉRES-CARNEIRO, T. Aliança e sexualidade no casamento e no recasamento. In: **Teoria e Pesquisa**, vol. 3, p. 250-261, 1987.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Porto Alegre: v.11, n. 2, 379-394, 1998.

FÉRES-CARNEIRO, T. Casamento contemporâneo: construção da identidade conjugal. In T. FÉRES-CARNEIRO (Ed.). **Casamento e Família**: do social à clínica. (pp. 67-80). Rio de Janeiro: Nau, 2001.

FÉRES-CARNEIRO, T., ZIVIANI, C. & MAGALHÃES, A. S. Arranjos amorosos contemporâneos: sexualidade, fidelidade e dinheiro na vivência da conjugalidade. In. T. FÉRES-CARNEIRO (Ed.). **Casal e Família**: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia. (p. 27-42). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

FERNANDES, M. **O livro vermelho dos pensamentos de Millôr**. São Paulo: Editora Senac, 2005.

FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In. **Sociologia: Problemas e Práticas**. Lisboa. no. 9, pp. 171-177, 1991.

FERRY, L. **Famílias, amo vocês**: política e vida privada na era da globalização. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

FOUCAULT, M. (2005). **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2005.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade**: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Unesp, 1993.

GIDDENS, A. **O mundo em descontrole**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

HEILBORN, M. L. **Dois é par**: gênero e identidade sexual em contexto igualitário. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

IDT, G. **Le Mur de Jean-Paul Sartre**: techniques et contexte d'une provocation. Paris: Larousse, 1972.

JABLONSKI, B. **Até que a vida nos separe**: a crise do casamento contemporâneo. Rio de Janeiro: Agir, 1998.

JABLONSKI, B. Afinal, o que quer um casal? In T. FÉRES-CARNEIRO (Ed.). **Família e Casal**: arranjos e demandas contemporâneas. (pp. 141-168). São Paulo: Loyola, 2003.

JABLONSKI, B. O país do casamento segundo seus futuros habitantes: pesquisando atitudes e expectativas de jovens solteiros. In. T. FÉRES-CARNEIRO (Ed.). **Casal e Família**: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia. (pp. 27-42). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.

KANASHIRO, M.; BRUNO, F.; EVANGELISTA, R. & FIRMINO, R. Maquinaria da Privacidade. **Rua** (UNICAMP), v. 2, On-line, 2013.

KIRKPATRICK, D. **O efeito Facebook**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

KUZNESOF, E. A. A família na sociedade brasileira: parentesco, clientelismo e estrutura social (São Paulo, 1700-1980) In. **Revista Brasileira de História**. São Paulo. v. 9, n. 17, pp. 37-63, 1989.

LACAN, J. O Seminário, livro 7: **a ética da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LACAN, J. O Seminário, livro 16: **de um outro ao outro**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LASCH, C. **Refúgio num mundo sem coração**: A família santuário ou instituição sitiadas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LASCH, C. **A mulher e a vida cotidiana**. Lasch-Quinn, E. (Org.). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

MALUF, M. & MOTT, M. L. Recônditos do mundo feminino. In. NOVAIS, F. COORD E SEVCENKO, N. (org). **História da vida privada no Brasil 3** – República: da Belle Époque à era do rádio. (p. 367-422) São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

MATOS-SILVA, M; ABREU, R. S.; NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Como satisfazer nossas necessidades de interagir online em diferentes níveis de intimidade. **Interação em Psicologia**, v. 16, p. 217-226, 2012.

MENDES-CAMPOS, C.; ALT, F. Situações Sartreanas: a trajetória de vida de Lucien Fleurier como um esboço de psicanálise existencial. In: Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo. (Org.). **Psicologia Clínica e a Filosofia**. 1ed. Belo Horizonte: Fundação Guimarães Rosa, v. 1, p. 187-220, 2009.

MENDES-CAMPOS, C.; ALT, F. O embaralhar das cartas entre determinismo e liberdade: o "jogo" de Sartre em Os dados estão lançados. **Cadernos Sartre**, v. 2, p. 121-139, 2010.

MILLER, J.A. **Extimidad**. Buenos Aires: Paidós, 2011.

MOUTINHO, L. D. S. **Sartre: existencialismo e liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.

MUISE, A.; CHRISTOFIDES, E. & DESMARAIS, S. More information than you ever wanted to know – Does Facebook bring out the green-eyed monster of jealousy? **CyberPsychology and Behavior**, 12 (4), p. 441-444, 2009.

NICOLACI-DA-COSTA, A. M. **Na malha da rede: os impactos íntimos da internet**. Rio de Janeiro: Campus, 1998.

NOUDELDMANN, F. **Huis Clos et Les Mouches de Jean-Paul Sartre**. Paris: Gallimard, 1993.

ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Editora Nacional, 1983.

PERDIGÃO, P. **Existência e Liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre**. Porto Alegre: L&PM, 1995.

PERROT, M. Os atores. In M. PERROT (Ed.). **História da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. (pp. 77-168). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

PERROT, M. **História dos Quartos**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

PNAD Pesquisa nacional por amostragem de domicílios. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2012.

PRIMO, A. **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

PROST, A. Fronteiras e espaços do privado. In A. PROST, & G. VINCENT (Eds.). **História da Vida Privada: da Primeira Guerra a nossos dias.** (pp.13-136). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

RAYNER, T. **Foucault and social media: life in a virtual panopticon.** Disponível em: www.philosophyforchange.wordpress.com/2012/06/21/foucault-and-social-media-in-a-virtual-panopticon Acesso em: 19 de outubro de 2014, 2012.

ROCHA-COUTINHO, M. L. De volta ao lar: mulheres que se afastam de uma carreira profissional para melhor se dedicar aos filhos. In. FÉRES-CARNEIRO (Org.). **Casal e Família: permanências e rupturas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, p.219-235, 2009.

ROCHA, P. Segredos Proibidos. **Revista IstoÉ:** São Paulo, 2014.

SALES, S. R. & PARAÍSO, M. A. Escola, *Orkut* e juventude conectados: falar, exhibir, espionar e disciplinar. In. **Pro-Posições**, vol.21, no.2 Campinas May/Aug., 2010.

SAMARA, E. M. **A família brasileira.** São Paulo, Brasiliense, 1983.

SANCHES-NETO, M. O inferno segundo Sartre. In. **Entre quatro paredes.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

SARTRE, J-P. Questões de Método. In. **Os Pensadores.** Nova Cultura: São Paulo, 1987a.

SARTRE, J-P. O Existencialismo é um humanismo. In. **Os Pensadores.** Nova Cultura: São Paulo, 1987b.

SARTRE, J-P. **L'idiote de la famille:** Gustave Flaubert de 1821 à 1857. Paris: Gallimard, 1988.

SARTRE, J-P. **A transcendência do Ego:** esboço de uma descrição fenomenológica. Lisboa: Colibri, 1994.

SARTRE, J-P. **Os dados estão lançados.** São Paulo: Papyrus, 1995.

SARTRE, J-P. **A Náusea.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

SARTRE, J-P. **O Ser e o Nada:** ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2001.

SARTRE, J-P. **Situações I:** criticas literárias. São Paulo: Cosac Naify 2005a.

SARTRE, J-P. Intimidade. In. **O Muro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005b.

SARTRE, J-P. A infância de um chefe. In. **O Muro.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005c.

- SARTRE, J-P. **Sursis**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005d.
- SARTRE, J-P. O quarto. In. **O Muro**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005e.
- SARTRE, J-P. **As palavras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005f.
- SARTRE, J-P. **Esboço para uma teoria das emoções**. Porto Alegre: L&PM, 2007a.
- SARTRE, J-P. **Entre quatro paredes**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007b.
- SARTRE, J-P. **A idade da razão**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- SENNETT, R. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- SERRA, M. C. Os corcundas de *smarthphone*. **Jornal o Globo**: Rio de Janeiro, 2014.
- SIBILIA, P. DIOGO, L. Vitrines da intimidade na internet: Imagens para guardar ou para mostrar?. **Estudos de Sociologia**: São Paulo, v. 16, p. 127-139, 2011.
- SIBILIA, P. **O show do Eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.
- SIBILIA, P. Celebridade para todos: um antídoto contra a solidão?. **Ciência e Cultura**, v. 62, 52-55, 2010.
- SILVA, F. L. **Ética e Literauta em Sartre: ensaios introdutorios**. São Paulo: Unesp, 2003.
- SILVA, F. L. Para a compreensão da história em Sartre. In. **Revista Tempo da Ciência** (11) 22: p. 25-37, 2004.
- SIMMEL, G. **On individuality and social forms**. Levine, D. N. (org.) Chicago: The University of Chicago Press, 1971.
- SINGLY, F. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- SOKOLOWSKI, R. **Introdução à Fenomenologia**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
- SOUZA, T. Em busca da autenticidade prometida: uma leitura de Cadernos para uma Moral. In: M. C. Carneiro; H. S. Gentil. (Eds.). **Filosofia Francesa Contemporânea**. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, v. 1, p. 348-357, 2009.

TISSERON, S. Du désir d'intimité à celui d'extimité, et leur protection respective. L. IBRAHIM-LAMROUS & S. MULLER (Eds.). **L'intimité**. Paris: Presses Universitaire Blaise Pascal, p. 271-282, 2005.

TISSERON, S. **Virtual, mon amour** – penser, aimer, souffrir à l'ère des nouvelles technologies. Paris: Albin Michel, 2008.

TURKLE, S. **Alone Together**: why we expect more from technology and less from each other. New York: Basic Books, 2011.

VAISTMAN, J. **Flexíveis e plurais**: identidade, casamento e família em circunstâncias pós-modernas. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

VIEIRA, L. MATSUURA, S. & JANSEN, T. Segredos digitais perigosos. Sociedade – O mau uso da tecnologia. **Jornal O Globo**: Rio de Janeiro, 2014.

WOOLF, V. **Um teto todo seu**. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

ZAREMBA, R. **O mundo na palma da sua mão**: reflexos do estilo de vida "superconectado". Tese de Doutorado em Psicologia (Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2014.

ZIZEK, S. A paixão na era da crença descafeinada. In. **A subjetividade por vir**. Lisboa: Relógio D'Água, p. 126-137, 2006.

**Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Instituição de origem: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Título da pesquisa: Extimidade virtual: a nova perspectiva da intimidade e suas repercussões na conjugalidade

Pesquisadora: Carolina Mendes Campos O. Mattos

Telefone: (21) 9 8849-0350

e-mail: carolinamendescampos@gmail.com

Orientadora: Professora Terezinha Féres-Carneiro

Telefone: (21) 9 9111-0180

e-mail: teferca@puc-rio.br

Com este trabalho de pesquisa pretendemos compreender melhor as questões relacionadas à intimidade conjugal e à nova intimidade percebida na internet, que chamamos de extimidade virtual. Assim, o objetivo geral desta investigação é estudar as possíveis repercussões que essa nova perspectiva da intimidade, a extimidade virtual, produz na vivência da conjugalidade contemporânea.

A pesquisa é realizada a partir de uma entrevista gravada e, posteriormente, transcrita, permanecendo sob a responsabilidade da pesquisadora todo e qualquer dado de identificação. Todas as informações têm caráter confidencial, portanto sua identidade será mantida em sigilo.

Ressaltamos que este formulário é um convite de participação na referida pesquisa. Sua participação é voluntária, estando livre para interromper a entrevista quando assim desejar; fazer as perguntas que julgar necessárias; recusar-se a

responder perguntas ou falar de assuntos que lhe possam causar qualquer tipo de constrangimento.

Assinando este formulário de consentimento, você estará autorizando a pesquisadora a utilizar, em ensino, pesquisa e publicação, as informações prestadas na entrevista, sendo preservada sua identidade e a das demais pessoas citadas. Esclarecemos, ainda, que esse formulário será assinado em duas vias, de modo que uma seja destinada ao participante voluntário e outra à pesquisadora.

Eu,

_____, fui informado (a) sobre o estudo acima referido e compreendi seus objetivos. Tive a oportunidade de fazer perguntas e todas as minhas dúvidas foram respondidas a contento. Este formulário está sendo assinado voluntariamente por mim, o que indica meu consentimento para participar desta pesquisa.

Assinatura do (a) Entrevistado(a)

Assinatura da Pesquisadora

Rio de Janeiro, ____/____/____